UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
FACULDADE DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL DA AMAZÔNIA

CASSIA SANTOS DA ROSA

ILUSÃO E PARAÍSO: HISTÓRIA E ARQUEOLOGIA NA AMAZÔNIA (1948-1965)

BELÉM
2008

CASSIA SANTOS DA ROSA

ILUSÃO E PARAÍSO: HISTÓRIA E ARQUEOLOGIA NA AMAZÔNIA (1948-1965)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História Social da Amazônia da Universidade Federal do Pará como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em História.
Orientador: Prof. Dr. Aldrin Moura Figueiredo (Faculdade de História/UFPA).

BELÉM

2008

CASSIA SANTOS DA ROSA

ILUSÃO E PARAÍSO: HISTÓRIA E ARQUEOLOGIA NA AMAZÔNIA (1948-1965)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História Social da Amazônia da Universidade Federal do Pará como exigência parcial para a obtenção do título de mestre em História.
Orientador: Prof. Dr. Aldrin Moura Figueiredo (Faculdade de História/UFPA).

Data da aprovação: _____/_____/2008

Banca Examinadora:

_____
Prof. Dr. Aldrin Moura de Figueiredo (Orientador - Faculdade de História/UFPA)

_____
Profa. Dra. Maria Gabriela Martin Ávila (Examinador externo - UFPE)

_____
Prof. Dr. Rafael Ivan Chamboleyron (Examinador interno - Faculdade de História/UFPA)

_____
Profa. Dra. Magda Maria de Oliveira Ricci (Suplente - Faculdade de História/UFPA)

(Biblioteca do Núcleo de Altos Estudos Amazônicos - NAEA/UFPA, Belém-PA)

Rosa, Cassia Santos da

Ilusão e paraíso: história e arqueologia na Amazônia (1948-1965)/ Cassia Santos da Rosa; orientador Aldrin Moura Figueiredo. - 2008.

Dissertação (Mestrado) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia, Belém, 2008.

1. Arqueologia – História – Pará. 2. Meggers, Betty, 1921- . I. Título.

CDD 21. ed. 981.15

Para o meu avô Pedro Rosa

(in memorian)

E toda história deve ser uma história social

(Jacques Le Goff)

AGRADECIMENTOS

Porque no sabes
Que conmigo vencieron
Miles de rostros que no puedes ver,
Que no soy
Que no existo
Que solo soy la frente de los que van conmigo
(Pablo Neruda)

Sou grata ao CNPq e Capes, pela concessão de bolsas de pesquisa no decorrer do curso.

A meus pais, Ana e Pedro, por tudo que é indizível e pelo tanto que não cabe aqui.

Ao meu avô Pedro Rosa, pelo exemplo de vida.

A Aldrin Figueiredo, meu orientador, por ter paciência de me (re)colocar na trilha da História enquanto eu tropeçava na Arqueologia.

Aos professores e orientadores que me forneceram a orientação necessária quando precisei: Leila Mourão, Rafael Chambouleyron, Nelson Sanjad, Denise Schaan, Vera Guapindaia, Roseane Pinto e Geraldo Mártires Coelho. Todos tiveram uma importância fundamental na minha formação como historiadora e na minha preferência por arqueologia.

Aos interlocutores que, acima de tudo, foram os que deram o direcionamento para o meu trabalho: professor Benedito Nunes, professor Ondemar Dias, "seu" Daniel Lopes, Dirse Kern, Fernando Marques, Eduardo Neves, Marcos Magalhães, Paulo do Canto, Mauro Barreto, "dona" Ana Machado, professor Samuel Sá, Fernanda Araújo, Klaus Hilbert e Dra. Betty Meggers. Todos dedicaram um pouco do seu raro tempo disponível para me contar suas histórias e compartilhar suas idéias.

A Aldeídes de Oliveira e Mazildo Ferreira, arquivistas do MPEG, e Patrícia Barros por inúmeras palavras de incentivo, pela colaboração e por tornar mais agradável esse momento da pesquisa. As bibliotecárias do MPEG Graça Santana, Edna Pinheiro e Fátima Telles pela atenção dispensada.

Aos colegas do curso de mestrado em especial à Catarina Santos, por todo o apoio durante e o decorrer do curso e, sobretudo, na reta final. Também agradeço aos colegas Tatsuo Ishizu, Rosa Arraes, Michele Barros e Dayseane Ferraz, por todas as conversas que me fizeram compreender melhor o meu trabalho.

Aos meus amigos Marcelo Carvalho, Ana Carolina da Luz, Hannah Fernandes, Telma Ferreira por terem paciência de ler o texto incompleto e colaborar com sugestões. E também Eliane Sousa, Lorena Garcia, Helena Lima, Marylia Nina e Gizelle Chumbre por todas as conversas (de arqueólogos, de antropólogos e de historiadores), conselhos, puxões de orelha e

principalmente pela amizade, pela paciência, pela cumplicidade e pelo companheirismo ao longo desse caminho.

Aos meus primos Bia, Carol e Ricardo, as minhas tias Constância e Ângela, aos amigos Larissa, Mayana, Diego, Pacheco, Márcia, Adriano, Thiara e Ronei. E aos que me acolheram durante as viagens Tati, Michele, Lelê e Ângela.

E por trocas de informações quase de última hora, mas não menos importantes, com Renata Rauber, Elaine Cristina e a Mariana Neumann.

Por fim, na certeza de ter esquecido algum nome, agradeço a todos que acreditaram e aos que duvidaram de mim, aos que me ajudaram e aos que me atrapalharam, fica aqui o meu sincero agradecimento. Foram todos muito importantes!

SUMÁRIO

LISTA DE SIGLAS 10

RESUMO 11

ABSTRACT 12

INTRODUÇÃO 13

CAPÍTULO 1 ARQUEOLOGIA E MODERNISMO EM BELÉM DO PARÁ OU COMO FAZER ARQUEOLOGIA NA AMAZÔNIA NO PÓS-GUERRA? 25

1.1 A CIDADE DO PARÁ SE MODERNIZA: BELÉM EM 1948 OU A CIDADE DO "JÁ TEVE": DECADÊNCIA E MODERNISMO EM BELÉM 26

1.2 OS JOVENS MODERNOS DO PARÁ ENTRE A ARTE E A CIÊNCIA 30

1.3 ENSINO E PESQUISA NO PARÁ: O "MUSEU GOELDI" DEPOIS DE CARLOS ESTEVÃO E O INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA E ETNOLOGIA DO PARÁ 32

1.4 AMAZÔNIA, PATRIMÔNIO DA HUMANIDADE 35

1.5 EM BUSCA DE UMA ARQUEOLOGIA AMAZÔNICA 36

CAPÍTULO 2 AMAZÔNIA E ARQUEOLOGIA POR BETTY MEGGERS 41

2.1 ANTES DE CHEGAR AO BRASIL 42

2.1. PARA QUE SERVE A PESQUISA DE CAMPO? 44

2.2 ECOLOGIA CULTURAL E A ARQUEOLOGIA AMAZÔNICA 47

2.3 O QUE MEGGERS E EVANS DEIXARAM EM BELÉM? 51

2.4 O LEGADO DE MEGGERS E EVANS PARA O MPEG 57

2.5 A ARQUEOLOGIA DE MEGGERS E EVANS NA AMAZÔNIA 60

CAPÍTULO 3 A ORIGEM DAS IDÉIAS: AS TEORIAS E ABORDAGENS NO DISCURSO DE BETTY MEGGERS 63

3.1 EVOLUCIONISMO, MARXISMO E ANTROPOLOGIA 64

3.2 JULIAN STEWARD E OS ÍNDIOS DA AMÉRICA DO SUL 71

3. 3 AS TRIBOS DA FLORESTA TROPICAL NA ILHA DO MARAJÓ 75

3.4 SOBRE NATUREZA E AS ABORDAGENS ARQUEOLÓGICAS 78

3.5 "SILÊNCIO! BETTY VAI FALAR!" 79

CONSIDERAÇÕES FINAIS 85

FONTES 91

REFERÊNCIAS 93

ANEXOS

LISTA DE SIGLAS

CEPA, Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas

IAB, Instituto de Arqueologia Brasileiro

IAEP, Instituto de Antropologia e Etnologia do Pará

IAN, Instituto Agronômico do Norte

IHGB, Instituto Histórico Geográfico do Brasil

IIHA, Instituto Internacional da Hiléia Amazônica

INPA, Instituto Nacional de Pesquisas na Amazônia

MAE-USP, Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo

MPEG, Museu Paraense Emílio Goeldi

NAEA, Núcleo de Altos Estudos Amazônicos

PRONAPA, Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas

PRONAPABA, Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas da Bacia Amazônica

SAB, Sociedade de Arqueologia Brasileira

SPHAN, Serviço do Patrimônio Histórico Artístico Nacional

SPVEA, Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia

UFPA, Universidade Federal do Pará

UFPE, Universidade Federal de Pernambuco

UFPR, Universidade Federal do Paraná

UFRJ, Universidade Federal do Rio de Janeiro

UNB, Universidade de Brasília

UNESCO, Organização das Nações Unidas para Ciência e Cultura

USP, Universidade de São Paulo

RESUMO

A escrita da moderna arqueologia da Amazônia está relacionada ao trabalho dos norte-americanos Betty Meggers (1921-) e Clifford Evans (1920-1981). A relevância histórica das pesquisas efetuadas pelo casal e especialmente por Meggers é o foco desta dissertação. O objetivo é apresentar uma história social e intelectual da arqueologia amazônica tomando como foco central a atividade de Betty Meggers na Amazônia brasileira com a finalidade de compreender o processo de produção, circulação, recepção e debates em torno das hipóteses sobre a ocupação da Amazônia, e suas influências contemporâneas no campo da arqueologia amazônica. E, desse modo, analisar a inserção histórica que o casal alcançou no campo científico sobre a Amazônia.

Palavras-chave: História da Arqueologia, Betty Meggers, Arqueologia Amazônica.

ABSTRACT

The modern written of the Amazonian archaeology is related to the researches of north-american Betty Meggers (1921-) and Clifford Evans (1920-1981). The historical relevance of the research effected by the couple and especially for Meggers is the focus of this dissertation. The objective is to present a social and intellectual history of Amazonian archaeology being taken as central focus the a focus the activity of Betty Meggers in the Amazon rain forest with the purpose to understand the process of production, circulation, reception and discussion around the hypotheses about the occupation of the Amazon, and theirs influences contemporaries in the field of Amazonian archaeology. And, in this way, to analyze the historical insertion that the couple reached in the scientific field about the Amazon.

Key-words: Archeology History, Betty Meggers, Amazonian Archaeology

INTRODUÇÃO

Paraíso perdido ou paraíso ilusório. Essas são apenas algumas das denominações que a floresta amazônica recebeu por sua diversidade ambiental. A primeira definição foi apropriada por Euclides da Cunha para apresentar a Amazônia no início do século XX[1]. A segunda é o título traduzido de "Amazonia: man and culture in a counterfeit paradise"[2], livro publicado em 1971 que, de uma perspectiva arqueológica, contribuiu para o desmoronamento de uma visão edênica do ambiente amazônico. O livro produzido por Meggers é conseqüência de mais de 20 anos da atividade da pesquisadora na Amazônia em busca de explicações para a ocupação humana antiga da região[3] e, esta atividade científica, é o foco principal do presente trabalho.

Os que contam a História da Arqueologia Brasileira indicam que um dos principais impulsos para o que se pode chamar de legitimação da Arqueologia como ciência no Brasil, implementando teorias e metodologias na produção arqueológica, com destaque à Amazônica, foi a atividade dos arqueólogos norte-americanos Betty Meggers e Clifford Evans Junior. Influenciados, principalmente, pelas idéias propostas pelo antropólogo Julian Steward, apresentadas no *Handboook of South American Indians* (1946-1956), acrescentaram à arqueologia um viés neo-evolucionista e o conceito de determinismo ecológico para explicar a ocupação humana na Amazônia.

Por conta dessas primeiras pesquisas, somados a exemplos de projetos desenvolvidos pelo casal[4] em outros países da América do Sul – sendo eles Guiana Inglesa, Equador e Venezuela – os "novos arqueólogos brasileiros" conseguiram apoio para um grande projeto

---

[1] O título deste título foi sugerido pelo próprio Euclides da Cunha em várias cartas aos amigos, "o segundo livro vingador". Foi publicado póstumamente com o título de "À margem da história", tendo sido organizada uma coletânea pelo escritor Leandro Tocantins ao final da década de 1990. CUNHA, Euclides. *Um paraíso perdido*. Ensaios estudos e pronunciamentos sobre a a Amazônia. Rio Branco: Fundação cultural do Acre, 1998.

[2] A tradução literal seria "homem e cultura em um paraíso ilusório". MEGGERS, Betty. *Amazonia*: Man and culture in a counterfeit paradise. Harlan Davidson, Arlington Heights, 1971. Com apresentação de antropólogo Darcy Ribeiro, para edição brasileira recebeu o título de "Amazônia: a ilusão de um paraíso" na tradução feita pela historiadora cearense Maria Yedda Linhares. Em decorrência do regime militar no Brasil, Linhares foi aposentada e proibida de dar aulas. Entre 1975 e 1977 ocupou-se em fazer traduções e esta provavelmente foi executada por sugestão de Darcy Ribeiro – que era amigo tanto de Meggers como de Linhares. De acordo com Linhares eles se conheceram no início a década de 1940 quando estudavam na Columbia University. LINHARES, Maria Yedda. Entrevista com Maria Yedda Linhares. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992, p. 216-236. Entrevista concedida a Marieta de Moraes Ferreira. Disponível em: <http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/105.pdf>. Acesso em: 02.04.2008.

[3] Atualmente, Meggers já dedicou mais 60 anos ao estudo da Arqueologia amazônica.

[4] Em geral não é usado o termo "casal" em referência a Meggers e Evans, porque é considerado pejorativo. Aqui o termo aparece ao longo do texto para designar o trabalho em conjunto que desenvolveram, aspecto que é explanado no capítulo 3.

que visava financiar escavações arqueológicas, análises laboratoriais e publicações, a fim de "conhecer os processos pelos quais os sucessivos grupos de imigrantes pré-europeus, com diferentes condições ecológicas do Brasil"[5]. Este projeto era o Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas, o PRONAPA, criado em 1965, e, ao final da vigência deste, obteve continuidade com o Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas na Bacia Amazônica, o PRONAPABA em 1976.

A citação acima leva à observação de que já existiam certas idéias estabelecidas. Isto é, um "conhecimento pronto". O uso do termo "conhecer" implica em realizar as pesquisas arqueológicas necessárias ao entendimento dos "processos", ou seja, a uma série de acontecimentos "pelos quais os sucessivos grupos" vivenciaram dada época admitindo as idéias de que "um grupo substituiu outro"; "de imigrantes pré-europeus", considerando que os grupos que habitaram a região não tiveram origem nas Américas; "com diferentes condições ecológicas do Brasil", ressaltando a variabilidade existente em um país territorialmente grande, e destaca, sobretudo, a diversidade ecológica. Essas idéias marcam a forte atuação desses dois pesquisadores na Arqueologia Amazônica e Brasileira. Idéias estas que influenciaram longamente a arqueologia amazônica, sendo este o ponto de partida para desenvolvimento desta dissertação.

Após realizar leituras referentes ao tema, surgiram questionamentos sobre as mudanças ocorridas na arqueologia amazônica depois das pesquisas efetuadas por Betty Meggers e Clifford Evans. Esta constatação levou ao intuito de entender como seus ensinamentos teórico-metodológicos prevaleceram na interpretação sobre a ocupação amazônica, com ênfase no processo histórico de invenção do passado mais antigo da Amazônia. Nos relatos consultados acerca dos dois pesquisadores supracitados sempre é enfatizado o fato terem concedido à arqueologia brasileira um caráter científico. Aparentemente, houve a mitificação do casal como fundadores da arqueologia brasileira, divulgado no que se pode chamar de "história oficial" da arqueologia brasileira.

A proposta inicial deste trabalho foi tão somente explicar como foram estabelecidas as bases teórico-metodológicas – de influência norte-americana – da arqueologia no Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG) e como a atividade dos pesquisadores Evans e Meggers dentro desta instituição influenciou nas interpretações da pré-história da Amazônia. Após algumas mudanças e acatando as sugestões da banca no exame de qualificação, o tema ficou

---

[5] MEGGERS, Betty, et. all. Arqueologia Brasileira em 1968. Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas. Publicações Avulsas. v.12. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1969. p.3

delimitado em contextualizar as primeiras atividades do casal na Amazônia, a partir das escavações realizadas na foz do rio Amazonas em 1948 e 1949. Essas pesquisas resultaram em teses e em artigos que explicavam a interpretação para a ocupação amazônica e na publicação de um livro intitulado: "Archaeological investigations at the mouth of the Amazon"[6].

Os textos sobre a História da Arqueologia e a pesquisa documental realizada no arquivo do MPEG levam a crer que somente a partir da implantação do PRONAPA e do PRONAPABA é que a metodologia adotada pelos pesquisadores norte-americanos foi de fato consolidada, através das publicações, das escavações realizadas e dos cursos ministrados. Em suma, o que pretendo mostrar aqui é que a influência do trabalho de Betty Meggers se deu, sobretudo, por conta da fácil aceitação a que foi proporcionada logo na primeira incursão à Amazônia, e compreender como foi construída a idéia de que Meggers foi a "pioneira" ou a "desbravadora" da pesquisa arqueológica na Amazônia.

De modo algum, pretende-se ignorar a importância histórica cabida à Meggers e Evans no desenvolvimento da arqueologia, especialmente para a e na Amazônia. Ao contrário! Um dos objetivos do presente trabalho é valorizar a importância histórica de suas pesquisas. Por outro lado, não significando concordar com os mitos gerados a partir dos mesmos. Em uma atividade de "ler nas entre linhas" a importância cabidas aos sujeitos históricos, em seus respectivos tempos e espaços. Levando em conta observações mais recentes como da arqueóloga Gabriela Martin em relação ao trabalho de Betty Meggers quando considera que "sua extensa obra é hoje um clássico da literatura arqueológica da região [Amazônia], às vezes contestada, não raramente mal interpretada, mas sempre respeitada"[7], é necessário perceber que este casal não pode ser observado como o único referencial para se entender a arqueologia amazônica, possuí, entretanto, fundamental participação na estruturação da arqueologia local.

Em outras palavras, a atividade e a produção científica de Meggers não pode ser excluída ou banalizada pelos seus sucessores ou pela própria História da Arqueologia Amazônica. Uma vez que diversos pesquisadores, formados nos anos posteriores à vigência dos programas criados por Meggers e Evans, costumam criticá-los, por vezes, apresentam

---

[6] MEGGERS, Betty J., EVANS, Clifford. *Archaeological Investigations at Mouth of the Amazon*. *Smithsonian Institution*. Bureau of American Ethnology, Bulletin, 6. Washington: United Sates Press, 1957.

[7] MARTIN, Gabriela. De nômades a sedentários na floresta tropical. In: PESSIS, Anne-Marie, GUIDON, Niede, MARTIN, Gabriela (Org.). *Antes*: Histórias da Pré-história. São Paulo: Centro Cultural Banco do Brasil, 2004 p. 74-76

colocações sobre os aspectos negativos de suas proposições. Estas colocações, por sua vez, muitas vezes pouco fundamentadas ou até mesmo baseadas nos mesmos fundamentos teóricos em que Meggers formulou suas hipóteses, modificadas somente em perspectiva[8]. Extrapolando somente o "respeito" que lhe é concedido, aqui Meggers é inserida no contexto histórico. O principal objetivo é analisar, sob uma perspectiva histórica, a presença de Betty Meggers para aos estudos arqueológicos na Amazônia a partir da segunda metade do século XX[9].

De qualquer maneira, também é importante esclarecer que não se pretende questionar aqui a validade ou não dos métodos e teorias aplicados pelos pesquisadores norte-americanos, nem aprofundar em uma discussão sobre os resultados das escavações realizadas pelos mesmos e seus colaboradores. Tampouco, pretende-se escrever uma biografia da pesquisadora, e sim entender o processo histórico em que foi inserida, na contribuição à História da Arqueologia na Amazônia. Além de sua contribuição teórico-metodológica, tão bem conhecida pelos arqueólogos brasileiros.

Nesse sentido, foi realizada leitura intensa da produção bibliográfica com o intuito de analisar o discurso científico, a fim de perceber a "origem das idéias" contidas nos trabalhos de Meggers, na medida em que se procurou *arqueologizar* – no sentido que Michel Foucault[10] usa – o trabalho de Meggers. Isto é, ir além do que está evidente no discurso. Significando que não se pretendeu estudar um "conhecimento pronto", e sim um "conhecimento que foi concebido", tal como ele se formou.

Para tanto, buscou-se apoio nas "regras metodológicas" de Bruno Latour[11] direcionadas aos cientistas, as quais sofreram algumas adaptações, tendo em vista ser este um trabalho historiográfico e não antropológico. A idéia foi "abrir a caixa-preta" das teorias elaboradas por Meggers à Amazônia e, assim, compreender como a pesquisadora foi influenciada por uma série de abordagens teóricas que lhe permitiu desenvolver teorias que explicassem o passado da população amazônica. Aqui se leva em consideração, também, que não se buscou explicar unilateralmente a produção cientifica de Meggers, reforçando a idéia

---

[8] Para mais ler CARNEIRO, Robert. A base ecológica dos cacicados amazônicos. *Revista de arqueologia/Sociedade de Arqueologia Brasileira*. N. 20. São Paulo: SAB, 2007 p. 117-154 e HILBERT, Klaus. *Cave canem*. Cuidado com os pronapianos! *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi.* Belém: MPEG, 2007.

[9] No decorrer da dissertação, a atividade de Meggers terá maior destaque devido o fato de que em sua produção científica aparecer mais questões teóricas do que na de Evans.

[10] FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

[11] As "regras" estão em anexo (Anexo 1). LATOUR, Bruno. *Ciência em ação:* Como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora. Rio de Janeiro: Editora UNESP, 2000.

de que não há "conhecimento puro". Observou-se, com isto, que diversas abordagens teóricas aparecem no discurso da autora.

Para desenvolver este trabalho, foi realizado levantamento bibliográfico acerca do que já foi discutido sobre a teoria arqueológica no Brasil e a bibliografia disponível sobre a história da arqueologia no Brasil. A pesquisa bibliográfica foi realizada nas bibliotecas do MPEG e biblioteca da área de arqueologia do MPEG - que possuem um vasto material das produções arqueológicas no período estudado - e também na biblioteca do NAEA/UFPA, que é especializada em assuntos amazônicos. Além disso, foram pesquisadas páginas da Internet, em sites de busca, em portais científicos especializados em arqueologia e em periódicos on-line.

Alguns autores não consideram importante levantamento documental para pesquisar o trabalho de Meggers[12]. Em contrapartida à esta abordagem, em busca de documentos referentes a estadia do casal no MPEG, a pesquisa documental foi realizada no Arquivo do Museu Paraense Emílio Goeldi, no acervo da Documentação da Diretoria, onde foram pesquisadas as caixas de Correspondências Recebidas e Correspondências Expedidas, das décadas de 1940 e 1950. Também foram consultados os relatórios de pesquisas das escavações realizadas durante a vigência do PRONAPA e PRONAPABA, também pesquisados no acervo da área de arqueologia do MPEG. Por fim, em visita ao Arquivo Nacional de Brasília não foi encontrado qualquer documento que denunciasse algum acordo entre o EUA e Brasil dentro desta questão.

A temática Belém na década de 1940 não tem recebido atenção de estudos históricos recentes. Então, para contextualizar a época que Meggers e Evans chegaram em Belém, devido à coexistência entre a modernização da cidade e a modernização das instituições e das próprias pesquisas que acontecem na Amazônia, foi necessário pesquisar no acervo da Biblioteca Pública Arthur Vianna da Fundação Tancredo Neves. Dando-se preferência estratégica para os jornais Folha do Norte e Província do Pará, pelo fato que os articulistas destes jornais faziam parte da elite intelectual da cidade, o que, conseqüentemente, acabava por propiciar estreitos elos com os pesquisadores então atuantes.

---

[12] "Não é necessária uma documentação oficial insofismável dos arquivos de Washington ou Brasília para demonstrar os fundamentos colonialistas das representações arqueológicas de Meggers". NOELLI, Francisco Silva; FERREIRA, Lúcio Menezes. A persistência da teoria da degeneração indígena e do colonialismo nos fundamentos da arqueologia brasileira. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos.* v.14, n.4. Rio de Janeiro, set.-dez. 2007. p. 1251.

A proximidade cronológica dos acontecimentos também nos permitiu trabalhar com fontes orais e com a memória, sendo possível a realização de entrevistas em profundidade com participantes dos programas ou com pessoas que foram diretamente influenciadas por suas atividades. Nesse sentido, das pessoas escolhidas para serem entrevistadas foi possível documentar sete entrevistas (ver em Anexo 2).

Todas essas fontes auxiliaram na escrita da história social da arqueologia amazônica, mas as publicações de Meggers e Evans sobre a Amazônia foram o foco principal desta dissertação. Com destaque as leituras que analisam a trajetória dessas pesquisas, das quais elegeu-se algumas que foram consideradas mais relevantes para introduzir o leitor ao tema.

De acordo com a arqueóloga Érika Robrahan-Gonzáles[13], os que estudam História da Arqueologia dividem-se em duas linhas: uma que estuda o desenvolvimento da Arqueologia através de suas escolas teóricas e outra que a separa em períodos cronológicos. Essa autora divide em períodos cronológicos o estabelecimento da arqueologia como disciplina científica no Brasil. O primeiro é o período especulativo [1492-1840], quando a arqueologia não é considerada disciplina científica e há busca expressiva por objetos exóticos para formarem coleções que compunham os gabinetes de curiosos e antiquaristas. Por não possuir técnicas interpretativas sistemáticas, surgiam variadas especulações sobre o material arqueológico, neste período. Em seguida o período descritivo classificatório [1840-1914], caracterizado pelo desenvolvimento de métodos de pesquisa e descrição dos objetos. Onde houve a consolidação da arqueologia como disciplina científica. O período histórico-classificatório [1914-1960] - termo usado por Gordon Willey e Jeremy Sabloff, quando se verificaram grandes avanços nos métodos e aproximação teórico-metodológica com a antropologia e outras disciplinas. Aqui se verifica o estabelecimento de cronologias para explicar o desenvolvimento cultural de uma determinada área geográfica. E, por fim, o período moderno [1960-2000], caracterizado pela preocupação de alguns arqueólogos em responder questões mais específicas sobre o passado, em posse de maior quantidade de dados arqueológicos – alguns em níveis microscópicos. Essa visão foi ampliada graças ao surgimento da chamada *New Archaeology*, ou arqueologia processual, logo seguida pela arqueologia pós-processual. Nesta última abordagem teórica não se admite que o passado humano possa ser compreendido totalmente (ou simplesmente) a partir de métodos científicos.

---

[13] ROBRAHAN-GONZALES, Érika Marion. Arqueologia em perspectiva: 150 anos de prática e reflexão no estudo de nosso passado. *Revista USP* (antes de Cabral: arqueologia brasileira I).N. 44. São nPaulo: USP, dez.-jan.-fev., 1999-2000.

O arqueólogo francês radicado no Brasil, André Prous[14] também escolheu trabalhar com cortes temporais. Ele considera o início da arqueologia [1870-1910], marcado pelo interesse científico do monarca D. Pedro II e a criação dos primeiros museus para abrigar as primeiras coleções arqueológicas. No período republicano, alguns pesquisadores dessas instituições e de museus estrangeiros, principalmente, contribuíram ao aumentou quantitativo do número de coleções para os museus e produziram os primeiros artigos científicos sobre os achados arqueológicos dentro do território brasileiro. O período intermediário [1910-1950] é caracterizado pelo autor por poucas pesquisas e forte presença de pesquisadores amadores e colecionadores isolados. Neste período, o autor justifica tal falta de interesse pela arqueologia por conta de um maior interesse antropológico dos povos "primitivos" contemporâneos, na errônea perspectiva de uma possível extinção étnica e cultural. No período seguinte é o formativo da pesquisa moderna [1950-1965], quando há criação e estruturação de centros de pesquisa e a preocupação de trazer pesquisadores estrangeiros para formação de arqueólogos brasileiros, com destaque para as missões francesa e norte-americana. Ocorrendo um certo desinteresse por parte dos *amadores* por conta da *profissionalização* da arqueologia e da implementação de leis específicas para regular a pesquisa arqueológica. O último é da pesquisa recente [1965-1982], caracterizada pela criação de mais centros de pesquisa e maior *profissionalização* dos arqueólogos e das pesquisas arqueológicas. Além da implementação de grandes projetos de escavação, com destaque para o PRONAPA e PRONAPABA e o uso de métodos de pesquisa cada vez mais específicos e s1istemáticos, somados à presença de diversas frentes de pesquisa em várias regiões do país. A análise do autor termina nesse momento histórico, por mais que já tenha publicado outro livro relacionado às pesquisas arqueológicas realizadas no Brasil, no livro mais recente Prous[15] não aborda este assunto com a mesma densidade que escreveu o livro anterior.

Mesmo estando cronologicamente estruturado, o arqueólogo canadense Bruce Trigger[16], em seu livro "História do pensamento arqueológico", prefere adotar a classificação por escolas teóricas em âmbito mundial, bastante focada nos trabalhos de autores ingleses. A sua análise começa com a arqueologia clássica e movimentos de antiquarismo, onde procura traçar as origens dos estudos arqueológicos a partir do colecionismo, gabinetes de curiosidades, antiquaristas e as primeiras conclusões científicas que foram feitas a partir daí. Em seguida abre um capítulo para a arqueologia escandinava, que pela ótica o autor

[14] PROUS, André. *Arqueologia Brasileira*. Brasília: UNB, 1992.
[15] PROUS, André. *O Brasil antes dos brasileiros.* A pré-história do nosso país. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006. 141 p.
[16] TRIGGER, Bruce. *História do pensamento arqueológico*. São Paulo: Odysseus, 2004. 478 p.

apresentou grandes avanços no sentido de dar um caráter cientifico aos estudos de cultura material e profissionalização para formação dos primeiros arqueólogos. A partir daí, o autor se dedica a explicar a abordagem evolucionista, sendo descrita pelo como a que impulsionou e deu direção teórica às pesquisas arqueológicas. Em oposição à abordagem anterior o próximo capítulo se volta para explicar o histórico-culturalismo, que foi desenvolvido a partir dos pressupostos teóricos do antropólogo Franz Boas, com forte atuação nos EUA. O próximo capítulo é dedicado à arqueologia soviética, desenvolvida nos tempos do regime socialista na extinta URSS, notadamente influenciada pelo marxismo. Apesar disso, Trigger deixa claro que abordagem marxista não se restringiu ao território dos países soviéticos, quando no capítulo seguinte explica que a abordagem funcionalista compactuava com esta orientação teórica. Aproveitando-se de alguns aspectos da abordagem evolucionista, o neo-evolucionismo tomou força como orientação teórica dos arqueólogos, especialmente norte-americanos; estes defendiam que mudanças culturais são impulsionadas por fatores externos. Processualista ou *new archaeology*, que objetivou dar a arqueologia maior rigor científico e negar o histórico-culturalismo, preocupados com questões relativas ao padrão de assentamento, de subsistência e da organização social. E para finalizar, a pós-processualista, que acaba por mesclar diferentes tipos de abordagens teóricas, dentre as quais algumas já foram citadas anteriormente. Possuía a finalidade de obter uma visão mais completa e abrangente do que contexto arqueológico e oferecer interpretações mais confiáveis.

Seguindo tal linha de pensamento, destaca-se a análise da arqueóloga Cristiana Barreto[17] para a história da arqueologia "no Brasil". A autora considera que "a arqueologia e o descobrimento" foram marcados pela contribuição dos jesuítas que registraram os costumes dos grupos com quem mantiveram contato. Neste primeiro momento não havia embasamento científico para tais investigações porque a arqueologia surgiu, de fato e enquanto disciplina, apenas no século XVIII. Um pouco adiante "a arqueologia na era das expedições", em que se observa a forte atuação dos naturalistas e outros estudiosos cientistas, impulsionados pela chegada da corte portuguesa ao Brasil. Em outro momento histórico "a arqueologia na era dos museus", onde emergiram preocupações museológicas, a partir da criação dos primeiros museus no Brasil, especialmente por conta do nacionalismo, que acabou por provocar o fortalecimento da arqueologia em diversos locais do globo e, ainda, por conta da teoria do evolucionismo, repercutida em diversos campos do conhecimento. Aos arqueólogos foi incumbido a formação dos acervos arqueológicos em suas respectivas instituições. Também

[17] BARRETO, Cristiana. A construção de um passado pré-colonial: uma breve história da arqueologia no Brasil. *Revista USP* (antes de Cabral: arqueologia brasileira I).N. 44. São Paulo: USP, dez.-jan.-fev., 1999-2000.

cabendo à arqueologia a procura por vestígios que comprovassem ou discordassem das teorias discutidas na época, em torno da origem das populações indígenas brasileira. A arqueologia acadêmica, onde ressalta o distanciamento da arqueologia com outras ciências sociais no Brasil, inclusive a própria antropologia, no momento em que a criação de universidades no país se torna expressiva. Como conseqüência, a autora atribui o desenvolvimento da arqueologia no país intimamente relacionado com o "Legado das escolas estrangeiras", neste tópico a autora ressalta a importância das missões francesa e norte-americana para a formação de arqueólogos brasileiros.

Considerando a influência das escolas teóricas no Brasil, o historiador José Alberione Reis[18], cuja tese estava voltada para o entendimento da teoria arqueológica aplicada no Brasil, considera a seguinte divisão por escolas teóricas: em primeiro seria a histórico-cultural a qual estaria presente nos primeiros trabalhos arqueológicos produzidos no Brasil e considera Betty Meggers como símbolo desta abordagem. Outra seria a processual que, na visão do autor, ainda permanece como a abordagem teórica mais presente nos trabalhos dos arqueólogos brasileiros, notadamente pela presença do referencial teórico de Lewis Binford. Em seguida, a pós-processual, que tomou força nos últimos vinte anos. Não sendo hegemônica na produção arqueológica, mas encontrando adeptos, principalmente entre os que trabalham na linha teórica, como por exemplo, Pedro Paulo Funari. E, por fim, a escola francesa, que é marcada pela presença de missões francesas, na figura de pessoas como Annette Laming-Emperaire, Joseph Emperaire e André Prous. Sendo fundamental ao desenvolvimento de práticas de campo mais precisas.

Além desses autores, que analisam o desenvolvimento do pensamento arqueológico, é importante destacar os que estudaram a arqueologia dentro do MPEG, no contexto da "arqueologia goeldiana". Mário Simões[19], que foi pesquisador do Museu Goeldi, ao fazer uma análise sobre o desenvolvimento das pesquisas arqueológicas no MPEG, dividiu-a apenas em dois períodos: 1) o pioneiro [1870-1954], que corresponde ao momento das primeiras escavações. Foi marcado pela presença de poucos, ou nenhum, profissionais da área, contando fundamentalmente com o apoio de colaboradores de outros museus. Onde alguns chegaram, inclusive, a ser contratados pela instituição, tal como Curt Nimuendaju e Peter Hilbert. Além de outros que passaram "temporadas", como William Farabee e o casal Clifford Evans e Betty

---

[18] REIS, José Alberione. *Não pensa muito que dói*: um palimpsesto sobre teoria na Arqueologia brasileira. 2004. Tese (Doutorado) – Unicamp, Campinas, 2004.

[19] SIMÕES, Mário. As pesquisas arqueológicas no Museu Paraense Emílio Goeldi (1870-1981). *Acta Amazônica.* V. 11 n.1. Manaus: 1981. p. 149-165.

Meggers; 2) e o atual [1955-1981], que corresponde à data posterior a assinatura do convênio firmado com o CNPq, injetando verbas para pesquisa, contratação de funcionários, aquisição de acervo e publicações, e, anos mais tarde, à criação da divisão de arqueologia que, além de proporcionar um espaço físico adequado para o trabalho, também resultou na contratação de profissionais e treinamento de estagiários e bolsistas.

Para estudar a história da arqueologia no MPEG, Mauro Barreto[20] divide suas atividades cronologicamente em períodos: o período pioneiro [1866-1894], marcado pelos primeiros trabalhos realizados por, ou pela influência de Domingos Soares Ferreira Penna – o idealizador de um museu no Pará; o período goeldiano [1894-1907], marcado pelas pesquisas arqueológicas de Emílio Goeldi e Aureliano Lima Guedes no Amapá; o período estacionário [1907-1948], que recebeu este nome devido a quase nula atividade arqueológica nesta instituição e, por crises em decorrência da guerra e da falência do comércio gomífero; o período do ressurgimento [1948-1962] do pós-guerra, que contou com incentivos externos e a revitalização do MPEG; o período Mário Ferreira Simões [1962-1985], marcado pela implantação do setor de arqueologia na instituição e por grande investimento na pesquisa, em decorrência do PRONAPA e do PRONAPABA, sem esquecer da presença central de Mário Simões; e, período atual [1985 em diante], que também corresponde a um período de grandes investimentos na área, por conseqüência da aplicação e expansão de projetos empreendedores, no cumprimento legal de portarias e normas.

Por fim, Eduardo Neves[21], contando um pouco sobre a história da arqueologia na Amazônia, dividiu-a em dois períodos: o "pioneiro", que corresponde a primeira metade do século XIX até a Segunda Guerra Mundial. Sendo essencialmente exploratório com a finalidade de localizar os sítios, limitando-se à descrição dos artefatos coletados nas primeiras escavações; e o segundo período, iniciado no pós-guerra até aos dias atuais, conta com a notada influência de Betty Meggers e Clifford Evans, pois estes treinaram e capacitaram toda uma geração de arqueólogos brasileiros.

O que há de comum em todos esses relatos é a apresentação de Betty Meggers como uma personagem incontestavelmente importante para o desenvolvimento da arqueologia

---

[20] BARRETO, Mauro Vianna. História da pesquisa arqueológica no Museu Paraense Emílio Goeldi. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*: Série Antropologia. Belém, v. 8, n. 2, p.203-294, dez. 1992.

[21] NEVES, Eduardo. Duas interpretações para explicar a ocupação humana na Amazônia. In: TENÓRIO, Maria Cristina (Org.). *Pré-história da Terra Brasilis*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000b. p. 359-370.

brasileira. Com exceção de Trigger que cita a autora por sua teoria relacionada a abordagem neo-evolucionista, impulsionada por Leslie White e Julian Steward[22].

Após essas informações sobre a História da Arqueologia, especialmente no que tange ao período do recorte temporal deste trabalho (1948-1965), parte-se do pressuposto que Meggers mesclou as abordagens histórico-culturalista e neo-evolucionista, como bem observou Klaus Hilbert[23]. Essa postura foi adotada para o desenvolvimento da dissertação e poderá ser melhor desenvolvida no decorrer do texto.

Essa dissertação foi divida em três capítulos para contar a presença de Betty Meggers e Clifford Evans na Amazônia ao final da década 1940, destacando como estes se inseriram no debate arqueológico da Amazônia. Em primeiro, com a finalidade de entender esse processo, em busca de contextualizar Belém, tal como o casal a encontrou na época. Assim, a idéia principal do primeiro capítulo é apresentar Belém e o desenvolvimento local das pesquisas arqueológicas, às vésperas da chegada de Betty Meggers na Amazônia. Apresentando a cidade como testemunho da história, através de um apanhado geral sobre a circulação de idéias no meio intelectual e artístico de Belém e, sobre a efervescência do debate acerca da possível implantação do Instituto Internacional da Hiléia Amazônica.

O segundo capítulo compreende o momento que Meggers e Evans chegaram a Belém, explorando, assim, o primeiro contato com o Brasil e com a "floresta tropical". Apresentando o início das pesquisas arqueológicas, as quais visavam por em prática a teoria neo-evolucionista de Julian Steward. Como principais fontes foram utilizados os prefácios e introduções dos livros publicados pelo casal. Neste segundo capítulo, trabalhou-se com duas perspectivas: 1) como se constrói o pensamento do casal na academia norte americana; 2) e a investigação sobre a formação acadêmica destes pioneiros e os seus trabalhos no Brasil. Sendo que a primeira viagem de campo do casal foi ao Marajó, em 1948.

O terceiro capítulo procura compreender as teorias e abordagens que influenciaram Meggers, as principais teorias defendidas pela arqueóloga para explicar a ocupação humana na Amazônia e de como essas abordagens puderam ser percebidas na produção acadêmica. Apresentando uma breve discussão sobre a aplicação desta linha teórica proposta por Meggers.

---

[22] "Uma das primeiras aplicações da teoria neo-evolucionista à arqueologia foi feita por Betty Meggers". TRIGGER, Bruce. *História do pensamento arqueológico*. São Paulo: Odysseus, 2004. p. 285.

[23] HILBERT, Klaus. *Cave canem*. Cuidado com os pronapianos! *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi.* Belém: MPEG, 2007.

Uma das críticas recorrentes ao trabalho de Betty Meggers é referente à simplificação atribuída aos ecossistemas da Amazônia, entendida a partir da dicotomia *várzea X terra firme*. No entanto, tais críticos acabaram, de certa forma, por adotarem o mesmo referencial, ao tentarem entender sua produção científica a partir da oposição histórico-culturalismo X neo-evolucionismo. Foram observadas também as mudanças ocorridas em relação às teorias sobre a ocupação amazônica, comparando-as com os períodos de 1950 e 1970, sendo discutida a linha teórica e metodológica empregada pelo casal em suas pesquisas.

Esta dissertação mostra que o antigo pode ser útil, porque sem um conhecimento anterior não seria possível desenvolver um conhecimento atual, tal como o temos hoje na ciência. Ao invés de sugerir um retorno às idéias propostas por Betty Meggers, busco estabelecer uma reflexão sobre a importância de Meggers para a história da arqueologia na Amazônia. Sem supervalorizar o trabalho realizado pelo casal, até mesmo porque alguns cientistas colocam que as idéias propostas pelo casal sugerem que eles foram os primeiros a formular hipóteses sobre a ocupação amazônica.Quero destacar que, na verdade, desde o séc. XIX, começaram a surgir as primeiras hipóteses sobre a ocupação humana na Amazônia. Também não é objetivo do trabalho descrever, listar e discutir as pesquisas realizadas pelo casal, mas sim refletir sobre os novos parâmetros científicos aplicados à arqueologia, o que não significado dizer que elas não foram importantes, mas apresentar que o foco do presente trabalho é outro.

Em suma, pretende-se compreender a importância que Betty Meggers teve ao estabelecer métodos e teorias para arqueologia amazônica, contextualizando, a atividade científica e contando a história social da arqueologia amazônica, tal como Meggers e Evans se inseriram no contexto social e intelectual da cidade, em uma Belém e em uma arqueologia de outrora.

CAPÍTULO 1
ARQUEOLOGIA E MODERNISMO EM BELÉM DO PARÁ OU COMO FAZER ARQUEOLOGIA NA AMAZÔNIA NO PÓS-GUERRA?

Não foi por falta de aviso dos seus orientadores, pelo contrário, foi por sugestão deles que Betty Meggers e Clifford Evans decidiram encarar a idéia de estudar arqueologia na foz do rio Amazonas. Mesmo sabendo que não seria fácil, eles aceitaram o desafio, pois caberia a eles acrescentarem novos dados para arqueologia amazônica. Visto que essa decisão significaria trabalhar com poucos dados coletados e poucas pesquisas realizadas. Essa situação era agravada porque grande parte da bibliografia disponível até então era de difícil acesso, seja pela dificuldade de encontrá-la, seja por estar redigida em diversos idiomas, como explica Julian Steward[24]. Sendo assim, os pesquisadores, norte-americanos principalmente, consideravam que na Amazônia pouco havia sido produzido sobre a arqueologia da região e parte desse trabalho se deu por formação de coleções para museu ou particulares e, principalmente, por iniciativas individuais de pesquisadores, com destaque para os que estavam associados ao Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG). Então, se a situação das pesquisas eram essas, o que esperar da Amazônia e de Belém com seu museu?

Antes de cumprir com os objetivos traçados para esta dissertação, considerou-se importante contextualizar o momento imediatamente anterior à primeira viagem de Betty Meggers para Amazônia e entender a Arqueologia amazônica no contexto do pós-guerra. É evidente que apesar das pesquisas relatarem a inexistência de produção arqueológica na Amazônia efetivada com fomento e feita por profissionais especializados, considera-se que havia produção arqueológica sobre a Amazônia e feita na Amazônia, embora muitas vezes executadas por estrangeiros.

Porém, é de comum acordo que o recorte histórico que está sendo estudado aqui é conhecido com um período de constante crise de eminente decadência e graves problemas enfrentados por todos os segmentos da sociedade. Mas não é objetivo deste trabalho discutir esse assunto, a idéia principal deste primeiro capítulo é apresentar Belém às vésperas da chegada de Betty Meggers na Amazônia. Buscando compreender a cidade como testemunho da história, tomou-se como eixo para o desenvolvimento do capítulo as memórias de Armando Dias Mendes e Benedito Nunes. Do mesmo modo, pretende-se reforçar a

[24] STEWARD, Julian H. Introduction. In: STEWARD, Julian H. (ed.). *Handbook of South American Indians.* v. 1. The marginal tribes.Bureau of American Ethnology. Washington: *Smithsonian Institution*, 1946. (Bulletin 143).

importância das pessoas e dos lugares para a história da cidade e como tudo isso interferiu no contexto do pós-guerra da cidade.

A arquitetura da cidade mudava, surgiam projetos de prédios novos e grandes, os bondes eram gradualmente substituídos por ônibus. Os jornais também anunciavam a chegada dos Lloyd e dos aviões modernos da Pan-air. Era um tempo que havia reuniões nos cafés em se encontravam a intelectualidade, jornalistas ou professores. Sempre aparecia mais alguém para conversar, aprender ou discutir sobre história da arte com o professor Francisco Paulo Mendes, que era uma figura emblemática e mestre de muitos dos literatos de Belém. Tendo como pano de fundo iniciativas como a criação do Instituto de Antropologia e Etnologia do Pará, que mantiveram a ciência em atividade na cidade. E, principalmente, que não pode ser desconsiderada a presença imponente do Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG), o museu da cidade[25].

Assim, este capítulo contextualiza a Belém que Betty Meggers e Clifford Evans conheceram. A cidade que e conhecidamente vivia um momento de efervescência cultural e intelectual impulsionada pelo modernismo.

1.1 A CIDADE DO PARÁ SE MODERNIZA: BELÉM EM 1948 OU A CIDADE DO "JÁ TEVE": DECADÊNCIA E MODERNISMO EM BELÉM

Quando se comenta sobre o momento histórico mundial posterior ao fim da segunda grande guerra remete-se a um momento de crise. Reclamações se espalhavam por diversos setores da sociedade sobre as péssimas condições de saúde, de vida e principalmente a falta de dinheiro. E a cidade de Belém, naturalmente, não é apresentada fora dessa conjuntura. Carlos Rocque, por exemplo, conta que ao final da guerra, os Estados Unidos retiraram os investimentos para revitalização gomífera resultando no atraso da cidade, nas suas palavras: "Como tudo que é bom dura pouco, com o término da guerra, terminou também o interesse pela borracha amazônica. E a planície mergulhou, de novo, em desalento"[26].

Também seguindo essa linha de pensamento, Armando Mendes relata sobre o pós-guerra:

> Outro fator fundamental a ser levado em conta, na costura desse mesmo pano de fundo, é a circunstância de que Belém vinha atravessando há mais de 30 anos de uma dura fase de letargia, estagnação e decadência, decorrente da perda da nossa hegemonia mundial na produção e

[25] Ainda hoje o MPEG permanece como referência de museu em Belém. Apesar de existirem outros museus quando se fala "o museu" fica subentendido que se trata do "Museu Goeldi", para mais ler SANJAD, Nelson . A 'simpatia do povo' pelo Museu Paraense: raízes históricas. *Musas - Revista Brasileira de Museus e Museologia*, Rio de Janeiro, v. II, n. 2, p. 171-174, 2006.

[26] ROCQUE, Carlos. A História de A Província do Pará. Belém: mitograph, 1976. p.204.

> comércio da nossa borracha vegetal. Belém, na verdade, começava a se fazer conhecer como a cidade do "já teve" [...][27].

O interessante a ser observado nestes relatos é que eles sempre recorrem à borracha como a panacéia para superar todos os problemas do Pará, do contrário há *crise*, *atraso*, *estagnação*, *letargia*, *colapso* ou *desalento*. Criou-se uma idéia de decadência para a cidade, que depois do período áureo da borracha não houve mais brilho algum para cidade, conforme aparece relatado nos jornais e nas memórias. Esse período, do pós-guerra tem sido pouco estudado pelos historiadores amazônicos, exceto em trabalhos que enfocam aspectos específicos da sociedade paraense, mas sempre aparece como um momento de grave crise econômica.

Talvez "estagnação" não seja o termo mais apropriado em uma análise histórica, como aponta Spinosa[28]. Essa autora indica que há muito tempo a cidade tem seus problemas de infra-estrutura e, portanto, não passa por momentos de estagnação ou regressão e sim, momentos de menor investimento nos diversos setores que são abrigados pela cidade. Toda cidade tem seus problemas e com o decorrer do tempo tornam-se mais graves.[29].

Há um mito sobre a decadência da cidade com ênfase para o fato que após a decadência da economia da borracha tudo ficou pior e a cidade parou. Mas a cidade não parou, nem retrocedeu. Para Spinosa[30] a cidade, após o apogeu, permaneceu em crescimento, com recursos menores e velocidade reduzida. Se realmente a cidade tivesse parado, ela não teria continuado a atrair o contingente populacional, que por falta de recursos se concentrou nas baixadas[31].

Não é possível declarar que todos esses problemas relatados e denunciados nos jornais da cidade não existiram de fato, mas é provável que por conseqüência de tanta insatisfação no pós-guerra e por tantos obstáculos a serem superados, após um momento anterior considerado

---

[27] MENDES, Armando Dias Mendes. Cidade transitiva: rascunho de recordância e recorte da saudade de Belém. Belém: Imprensa Oficia do Estado, 1998. p.46, 47.

[28] SPINOSA, Vanessa. *Pela navalha*. Cotidiano, moradia e intimidade (Belém 1930). Dissertação (Mestrado). São Paulo: PUC-SP, 2005.

[29] A cidade como atrativo de oportunidades cresceu entre as décadas de 1950 e 1960 ocupando áreas urbanas pouco valorizadas. Porém, ao longo dos anos, especialmente na década de 1970, algumas baixadas foram saneadas e pavimentadas, valorizando o espaço e reorganizando o espaço da cidade e redefinindo o papel das baixadas. TRINDADE JR., Saint-Claire Cordeiro da. *Produção do espaço e uso do solo urbano em Belém*. Belém: UFPA/NAEA, 1997.

[30] SPINOSA, Vanessa. *Pela navalha*. Cotidiano, moradia e intimidade (Belém 1930). Dissertação (Mestrado). São Paulo: PUC-SP, 2005.

[31] Uma peculiaridade da cidade de Belém sobre a ocupação desordenada, como em outros lugares, está relacionada à geografia do lugar. Belém é muito plana, os espaços de relevo mais baixo e que alagam fácil pela quantidade de igarapés que a cidade abriga, facilita a invasão nessas áreas desvalorizadas no mercado imobiliário da cidade, sem infra-estrutura habitacional e entre outros problemas. Por outro lado, essas áreas de concentração de população de baixa renda nem sempre se posicionaram em locais periféricos da cidade, propriamente ditos, mas em lugares de péssimas condições de vida TRINDADE JR., Saint-Claire Cordeiro da. *Produção do espaço e uso do solo urbano em Belém*. Belém: UFPA/NAEA, 1997.

mais crítico para cidade, 1948 foi um ano de melhorias para Belém da Pará. É possível visualizar a cidade elegante com as mangueiras já com estatura significativa por onde circulavam os homens trajando seus ternos de corte italiano junto com os chapéus de veludo e massa ou moças casadoiras em seus também elegantes vestidos brancos em contraste com os carregadores de piano que vestiam camisa regata. O clima saudoso da Belém da *belle epóque*, apresentado por Armando Mendes ressalta que mesmo naquela época já se falava em "Belém do já teve".

Para quem estuda cultura material para entender povos pretéritos, é bastante evidente que a materialidade da cidade, as construções, as ruas ou as praças sejam representações do passado. A materialidade atua como testemunha da história da cidade porque expressa a dinâmica da sua construção social e cultural, por outro lado, na produção historiográfica, as ruas das cidades modernas são apenas lugares sociais nos quais circulam os sujeitos históricos. Paradigmas algumas vezes esquecidos sequer podem fazer parte da nossa história.

As áreas urbanas espelham o reflexo da modernidade graças à incorporação de elementos como concreto e elevadores. Tornando-se possível, assim, alterar o visual da cidade verticalmente, não somente pela aparência externa dos prédios. Os arquitetos atuantes em Belém buscaram incorporar os elementos do modernismo nas construções de prédios públicos de classe média e alta de Belém, atividade que se intensifica a partir dos anos 1950. Arquitetura "funcional e moderna" com decoração "abstrata e despojada" e que de acordo com a arquiteta Jussara Derenji[32] foi realizado quase que exclusivamente por arquitetos locais. Em contraste com a ocupação desordenada nas baixadas.

Para ficar bem informado, lia-se os jornais de acordo com a preferência política do leitor. O de maior circulação era a *Folha do Norte*[33], que tinha estampado o nome na primeira página com letras góticas e a *Folha Vespertina*, ambos pertencentes à família Maranhão. *A Província do Pará* há pouco reativada pelo grupo Diários Associados. Este jornal de longa trajetória política na cidade estava fechado desde 1926[34]. Em 1947 o jornal voltou a circular sob a direção do jornalista amazonense Frederico Barata[35]. Ele se tornou uma pessoa de

---

[32] DERENJI, Jussara. Modernismo na Amazônia. Belém do Pará, 1950/70. Arquitextos n.17, texto 098. out. 2001. Disponível em: http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq000/esp098.asp. Acessado em 15/12/2007.

[33] Folha do Norte foi fundada por Enéas Martins e Cipriano Santos em 1896 para opor A Província do Pará. Posteriormente foi assumido por Paulo Maranhão e tomado em frente pela família até 1973. Nesta data foi vendido para O Liberal, já propriedade de Rômulo Maiorana, e parou de circular no ano seguinte.

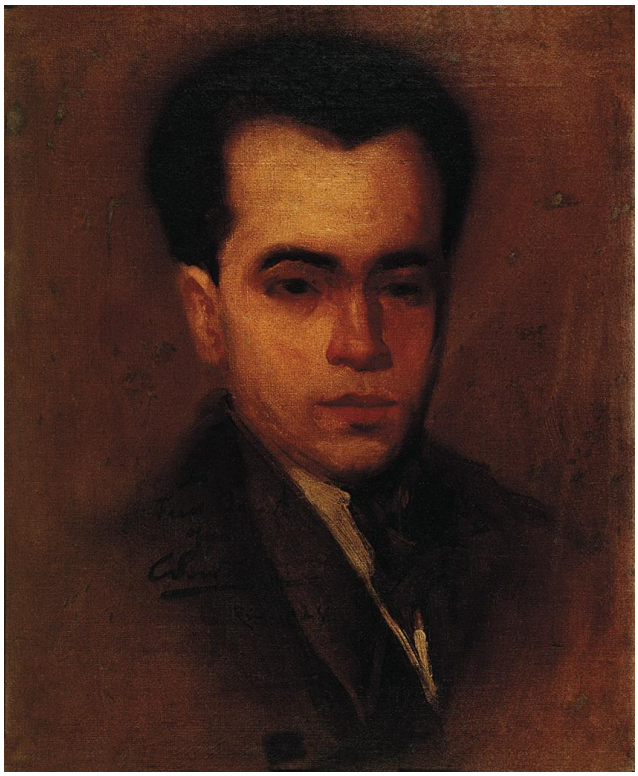
[34] ROCQUE, Carlos. *História de A Província do Pará*. Belém: mitograph, 1976.

[35] Nascido em Coari ainda jovem mudou-se para Belém e posteriormente para o Rio de Janeiro. Lá cursou medicina, mas não chegou a concluir o curso para se dedicar inteiramente ao jornalismo. Referencias adicionais sobre ver FIGUEIREDO, Napoleão. O arqueólogo Frederico Barata. . *Sociologia* Belém: s.n.t., 1963; GUAPINDAIA, Vera. *Fontes Históricas e arqueológicas sobre os Tapajó*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, 1993; ROCQUE, Carlos. *Grande enciclopédia da Amazônia*. V. 1.

bastante influência para a imprensa paraense durante as décadas de 1940 e 1950, porque além de ser o superintendente do grupo Diários Associados no norte do país, também seria o responsável pela implantação da emissora de TV e da rádio Marajoara em Belém. Sem ignorar o fato de que deveria haver o orgulho de ser um nativo amazônico a coordenar as atividades do grande grupo.

A presença de Barata no Pará foi além de seu trabalho como jornalista. Um de seus temas preferidos era arte. Enquanto morou no Rio de Janeiro, Frederico Barata trabalhou com o jornalista Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Melo (1891?-1968) um conhecido mecenas da arte brasileira, também interessado na produção artística, especialmente a modernista. É provável que essa situação tenha aproximado Barata de artistas como o Candido Portinari (1903-1962) que chegou a pintar um retrato do jornalista em 1924 (Ilustração 1) quando ainda era aluno da Escola Nacional da Belas Artes no Rio de Janeiro. Barata também chegou a escrever um trabalho sobre o artista italiano Eliseu Visconti[36]. Vale lembrar que a aproximação destes jornalistas com atividades artísticas não era exclusividade deles.

Ilustração 1 Retrato de Frederico Barato por Candido Portinari (óleo em tela)



Fonte: http://www.portinari.org.br/IMGS/jpgobras/OAa_2356.JPG

Belém: AMEL, 1967. ROSA, Cássia. *Contribuição para história da arqueologia na Amazônia:* um estudo histórico e arqueológico das coleções Townsend e Frederico Barata do Museu Paraense Emílio Goeldi (1950-1960). Monografia (Graduação). Belém: UFPA, 2004.

[36] BARATA, Frederico. *Eliseu Visconti e seu tempo*. Rio de Janeiro: Zélio Valverde, 1944.

1.2 OS JOVENS MODERNOS DO PARÁ ENTRE A ARTE E A CIÊNCIA

Nessa época, todo jornalista digno dessa profissão escrevia bem e por conta disso também era escritor ou poeta. Em Belém, na segunda metade da década de 1940, destacam-se os jovens que se organizaram para publicar o Suplemento Arte Literatura no jornal Folha do Norte. Em 1946 esse grupo representava o novo. Apesar disso, o filósofo Benedito Nunes, que era um desses jovens, não considera que os modernistas do grupo dos novos eram modernistas, porque ainda representavam em sua produção as mesmas preocupações dos parnasianos, por mais que já soubessem apreciar a literatura modernista; assim seriam "mais modernos que modernistas"[37].

Marinilce Coelho aponta porém, que esse grupo – conhecido como o Grupo dos Novos – representa de fato a literatura moderna em Belém do Pará. De um processo artístico que teve início nos anos 1920 e 1930, mas que a parir da produção do grupo dos novos corroborada pelo Suplemento Arte Literatura defendiam uma nova linguagem literária sendo "índice de modernidade na literatura e na crítica [existencialista] do pós-guerra"[38]. Sendo assim, percebe que este grupo estava atento as novidades e procuravam assimilá-las; fossem elas em questões científicas ou artísticas.

De acordo com Benedito Nunes[39], esse grupo tomou conhecimento da estadia de Meggers e Evans em Belém por intermédio do etnólogo alemão Peter Paul Hilbert. Este possivelmente manteve bons contatos com o Grupo dos Novos por influência de Inocêncio Machado Coelho Neto. Essa proximidade transformou Hilbert em grande colaborador do Grupo porque além de etnólogo era um exímio desenhista. Foi ele quem desenhou muitos dos fragmentos e mapas estampados nos trabalhos publicados por Meggers e Evans, mas isso é assunto para mais adiante. Agora, o desenho que interessa ser citado é a capa de uma revista cuja direção estava a cargo de Benedito Nunes, Max Martins e Orlando Costa. A revista Norte estampava uma rosa-dos-ventos (Ilustração 2) no lugar do "N" que representa o norte, ou indicando o caminho que a literatura deveria seguir agora em diante ou que esses jovens estariam em busca de um rumo ao qual a literatura feita por eles deviria seguir; sem esquecer, é claro, da região do país que habitavam.

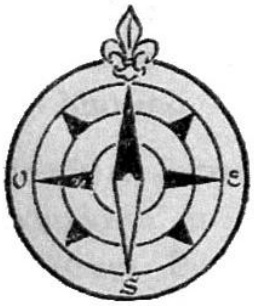
---

[37] NUNES, Benedito. Prefácio. Max Martins, Mestre-Aprendiz. In: MARTINS, Max. Não para consolar. Belém: CEJUP, 1992.

[38] COELHO, Marinilce Oliveira. O grupo dos novos. Memórias literárias de Belém do Pará. Belém: EDUFPA/UNAMAZ, 2005. p. 196.

[39] Nunes, Benedito. Entrevista concedida a Cássia Santos da Rosa e Nelson Sanjad. Belém, 24 mai. 2004.

Ilustração 2 Rosa-dos-ventos desenhada por Peter Hilbert para ilustra a capa da revista Norte



Fonte COELHO, Manicilce Oliveira. O grupo dos novos. Memórias literárias de Belém do Pará. Belém: EDUFPA/UNAMAZ, 2005. p. 123

Além disso, Hilbert ajudou Paulo Plínio Abreu a traduzir do alemão para o português alguns poemas do literato Rainer Maria Rilke (1875-1926). Durante as décadas de 1940 e 1950 era comum encontrar quem gostasse de ler Rilke no Brasil [40]. Este poeta era bastante recomendado pelo mestre Francisco Paulo Mendes e era um de seus autores preferidos à época[41]. De todo modo, a questão que deve ser enfatizada é sobre Hilbert ter se tornado um colaborador para o Grupo.

Com o tempo, Peter Hilbert aventurou na produção de textos literários. Em 1969, publicou um livro infantil "A aventura no Amazonas". O filho do etnólogo, Klaus Hilbert, conta que embora o pai tivesse a preocupação da cientificidade de seus textos, Peter Hilbert ocupava-se em escrever de modo que a leitura de seus trabalhos fosse agradável ao leitor. "Meu pai fazia ciência e ao mesmo tempo inventava histórias fascinantes"[42]

O que se pretende mostrar aqui é que houve uma época em que a ciência e arte eram bem mais próximas. A aproximação entre as duas categorias era evidente e reforçada pelas relações pessoais. Havia alguns lugares em que se podia encontrar reunidos os representantes dessas categorias. O Café Central localizado no Hotel Central que, coincidência ou não, possuía elementos da arquitetura modernista na sua fachada, que podem ser verificados por diversas linhas verticais, servia de ponto de encontro porque estava em uma localização privilegiada, na Avenida Presidente Vargas, próximo a redação da *Folha do Norte* e da *Província do Pará*. Próximo de lá, na praça da República n. 158, estava a casa cujo dono,

[40] PAES, José Paulo. Nota liminar. In: RILKE, Rainer Maria Rilke. *Poemas*. São Paulo: Cia. das Letras, 1993. p. 9

[41] SILVA, João Mendes. Mestre e amigo. In: NUNES, Benedito (org.). *O amigo Chico, fazedor de poetas*. Belém, SECULT, 2001.

[42] HILBERT, Peter Paul, HILBERT, Klaus. *Um rio para o El Dorado*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005. p. 7.

sentado na varanda, recebia os seus amigos. Intelectuais, escritores, políticos. Inocêncio Machado Coelho Neto estava sempre com a casa cheia de gente, diziam[43].

Os literatos representaram em seus textos e poemas a cidade que viam e viviam com uma notada influência da literatura européia. Este fato levou-os a mostrar um lado da cidade "marginal, decadente e noturna", caracterizando uma forte influência da literatura européia.

1.3 ENSINO E PESQUISA NO PARÁ: O "MUSEU GOELDI" DEPOIS DE CARLOS ESTEVÃO E O INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA E ETNOLOGIA DO PARÁ

Com o objetivo de expor a existência da produção cientifica na Amazônia é preciso contar sobre o lugar que serviu de base física e intelectual para pesquisa no Pará, um lugar ainda hoje é referência para turistas e cientistas: o Museu Paraense Emílio Goeldi. No decorrer dos anos o MPEG tornou-se signo das pesquisas realizadas na Amazônia. Muito dessa imagem se construiu graças ao empenho de pesquisadores vinculados a essa instituição que fizeram descobertas cientificas relevantes para a região. Por outro lado, um dos períodos menos estudados da história do MPEG compreende o recorte 1946 a 1954, reforçado por informações da existência de grave crise financeira na instituição, o que corrobora no discurso sobre os problemas que a cidade enfrentava. É também provável que esta crise tenha deixado poucos documentos no acervo da instituição[44].

Especificamente o ano de 1948 não está entre os mais produtivos para instituição de pesquisa. Apesar dos esforços, muitos davam por certo o fechamento da instituição por falta de recursos, opinião reforçada pelas constantes reclamações sobre a constante falta de recursos e cortes de verbas destinadas para instituição. Osvaldo Rodrigues da Cunha[45] é um dos que reforça essa condição[46].

Tais fatores colaboravam para que o MPEG tivesse uma pequena reserva financeira por três motivos: O primeiro era o comércio de peixes ornamentais com a firma norte-americana Paramount Aquarium Inc. em New York, EUA. O segundo é que parte da alimentação destinada aos animais era fornecida pelo matadouro da cidade. E, por fim, o terceiro trata-se da decisão do governo do estado, a qual instituiu que todos os municípios do Pará deveriam doar mensalmente uma pequena quantia em dinheiro para o MPEG. Quantia

---

[43] Ao que parece, com o tempo, os encontros passaram a acontecer somente na casa de Machado Coelho.

[44] É notável a quantidade de documentos existentes no arquivo do MPEG sobre o período em comparação com outros períodos de outros períodos, reforçada também pela pouca quantidade de pesquisadores trabalhando na instituição. Este arquivo armazena prioritariamente correspondência da diretoria do período em questão.

[45] Nasceu em Belém no ano de 1928, estagiou e trabalhou no MPEG até sua aposentadoria, teve sua formação na área de zoologia mas esteve bastante envolvido com questões relacionadas a história do MPEG.

[46] Funcionário aposentado do MPEG que se dedicou a escrever sobre a história da instituição. CUNHA, Osvaldo Rodrigues. 108º aniversário do Museu Paraense Emílio: síntese de sua história. Revista de Cultura do Pará. V. 4, n. 16-17, jul-dez, 1974.

variava de CR$20,00 a CR$45,00[47], valor que era condicionado pela receita do município. Mesmo assim, os prédios possuíam infiltrações, o quadro de funcionários era reduzido e havia constantes reclamações sobre a quantidade de carne destinada aos animais ser insuficiente. Sendo que estes poucos funcionários eram mal remunerados, sem possibilidade desse quadro ser aumentado. Uma situação bastante delicada, de fato. Pouco lembrava o projeto do último diretor, o advogado cearense Carlos Estevão de Oliveira: uma nova sede do parque zoobotânico e mais incentivos a pesquisa[48].

Carlos Estevão[49] esteve neste cargo "coincidentemente" no mesmo período que Vargas esteve no poder (1930-1945). De acordo com a política proposta pelo Estado Novo, Carlos Estevão idealizou projetos de grande porte para o crescimento e modernização do Museu que abrangiam, entre outras áreas de estudo, a Arqueologia. Estevão preocupava-se com a política indígena e os antepassados dos mesmos, além de manter consigo uma coleção de artefatos arqueológicos[50]. Esta coleção ficou parte no MPEG, parte no Museu de Recife e outras peças foram comercializadas porque ele possuía um antiquário.

Com a saída de Carlos Estevão em 1945 assume então a diretoria do MPEG Inocêncio Machado Coelho Neto, o dono da casa freqüentada por intelectuais e artistas. Para este momento, a historiografia relata um período *decadente* da instituição e a bibliografia apresenta informações sobre os poucos recursos disponíveis e poucos funcionários que recebiam baixos salários, embora alguns intelectuais locais já demonstrassem interesse em reerguer a instituição.

O exemplo mais significativo desse esforço foi a criação do Instituto de Antropologia e Etnologia do Pará. Fundado em 27 de setembro de 1947 por uma associação entre pesquisadores e comerciantes interessados em assuntos antropológicos para impedir que as atividades científicas nesta área ficassem prejudicadas pela falta de investimentos. Como símbolo do Instituto foi adotado o desenho de uma peça arqueológica encontrada na região

---

[47] AMPEG. Fundo Museu Paraense Emílio Goeldi. Gestão Inocêncio Machado Coelho. Of. 19. Correspondência de Inocêncio Machado Coelho, diretor do MPEG, para diretor do Departamento de Assistência dos Municípios. Belém, 3 out. 1949. AMPEG. Fundo Museu Paraense Emílio Goeldi. Gestão Inocêncio Machado Coelho. Ofício n. 19. Correspondência de Inocêncio Machado Coelho, diretor do MPEG, para diretor do Departamento de Assistência dos Municípios. 8 fev. 1950.

[48] FIGUEIREDO, Aldrin. Parque da cidade, museu da nação: nacionalismo, modernismo e instituições científicas na Amazônia, 1930-1945. In: FAULHABER, Priscila; TOLEDO, Peter Mann (Coords.). *Conhecimento e fronteira*: história da ciência na Amazônia. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2001.

[49] Carlos Estevão de Oliveira nasceu em 30 de abril de 1880 em Recife. Veio para Belém para exercer cargos públicos. CUNHA, Osvaldo Rodrigues da. Carlos Estevão de Oliveira. In: Talento e atitude. Estudos biográficos do Museu Emílio Goeldi, I. Belém: MPEG, 1989. p. 103-121.

[50] FIGUEIREDO, Aldrin. Parque da cidade, museu da nação: nacionalismo, modernismo e instituições científicas na Amazônia, 1930-1945. In: FAULHABER, Priscila; TOLEDO, Peter Mann (Coords.). *Conhecimento e fronteira*: história da ciência na Amazônia. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2001. p. 181-204.

dos rios Tapajós e Trombetas, popularmente conhecida como "muiraquitã" (Ilustração 3). Como sede do Instituto, havia uma sala dentro das propriedades do MPEG. Há informações de que funcionaria como "sede provisória", mas o Instituto nunca saiu de lá.

Ilustração 3 Logotipo que consta nas publicações do Instituto de Antropologia e Etnologia do Pará

O Instituto se propôs colaborar com a pesquisa cientifica na região e assim financiou pesquisas, promoveu conferências públicas e efetuou a publicação de onze artigos produzidos por seus associados e estreitou as relações entre seus associados. Alguns dos conferencistas e autores dessas publicações ao mesmo tempo eram membros do Instituto e eram funcionários do Museu, como Peter Paul Hilbert e Armando Bordalo da Silva. Paulo Maranhão Filho, da família do jornal *Folha do Norte*, proferiu duas palestras sobre a cerâmica da Ilha do Marajó, não se sabe bem o que ele entendia sobre o assunto, mas uma informação curiosa é que ele tinha interesse sobre o assunto, as palestras foram proferidas em 09 de outubro e 18 de dezembro 1947 e participava do grupo que integrava o IAEP. Em 1950 ele era vice-presidente do Instituto, enquanto Frederico Barata era o presidente.

À época esses estudiosos eram conhecidos como indianistas, aqueles que estudavam os índios. Porém, poucos deles eram realmente pesquisadores e ocupavam esse cargo em alguma instituição. E outros eram folcloristas, os que se interessavam por lendas e contos como por exemplo José Coutinho de Oliveira, um dos membros do IAEP[51]. O auxílio do Instituto foi fundamental para que houvesse incentivo para pesquisas antropológicas e arqueológicas realizadas por pesquisadores vinculados ao MPEG sempre com a justificativa da escassez de recursos e de pessoal qualificado. É fato, porém, que o Setor de Antropologia e Etnologia do MPEG sobreviveu durante algum tempo, no início da década de 1950, graças à incentivos do Instituto. Após a assinatura de um acordo entre o Governo do estado do Pará e a união, o MPEG tornou-se responsabilidade do Governo Federal. Em 1955 foi vinculado ao

[51] Este publicou registros sobre aspectos da "folclore" amazônico. Conferir OLIVEIRA, José Coutinho de. Lendas Amazônicas. In: CASCUDO, Luís da Câmara. Geografia dos mitos brasileiros. Rio, 1947. Idem. *Folclore amazônico, lendas...* v. 1. Belém: São José, 1951. Idem. *Folclore amazônico II*. Sentenças populares e advinhas. Belém: imprensa universitária, 1965.

CNPq, órgão recém-criado; a existência do Instituto se tornou quase simbólica, sob a égide do IAEP. Após esta data ainda foram publicados alguns artigos, mas como tempo ele foi absorvido pela Seção de Antropologia do MPEG.

1.4 AMAZÔNIA, PATRIMÔNIO DA HUMANIDADE

Além da iniciativa local, houve uma iniciativa de cunho internacional firmada no projeto de criação do Instituto Internacional da Hiléia Amazônica (IIHA), proposto por Paulo Carneiro por meio da Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), em 1946. Não se tratava de uma proposta para reerguer o MPEG, mas sim – entre outros propósitos – para promover a pesquisa científica na Amazônia com o auxilio de pesquisadores estrangeiros. A Amazônia encontrava-se nas chamadas "zonas escuras" e, portanto, deveria ser iluminada pelos cientistas das "zonas iluminadas". Para isso, uma instituição de excelência, deveria ser criada, chegando-se a cogitar inicialmente a incorporação do MPEG, de sua biblioteca e de suas coleções[52].

A primeira reunião para discutir a possível implantação do IIHA ocorreu em Belém. Na ocasião foi produzido um relatório que desmotivava a UNESCO a aproveitar as dependências do MEPG para o projeto. A justificativa estava nas observações feitas pela equipe que visitou o museu e que considerou o lugar em péssimas condições de conservação. Sendo assim, em 1948 já não havia mais a intenção de se aproveitar as instalações do MPEG para o projeto da UNESCO, as instalações do museu foram consideradas muito pequenas para a grandiosidade do projeto que buscava criar um instituto que se assemelhasse ao *Smithsonian Institution*. A conferência em Belém atribuiu objetivos grandiosos para a implantação do IIHA envolvendo educação, saúde, agricultura e pecuária. Por outro lado, esse projeto ainda era de interesse da UNESCO, tanto que outra reunião ocorreu em 1948, desta vez em Manaus – com outra reunião marcada para o ano seguinte em Iquitos, Peru.

Felisberto Camargo, diretor do Instituo Agronômico do Norte, e integrante da comissão insistiu em aplicar um caráter desenvolvimentista para o IIHA. Ao mesmo tempo a Folha do Norte publica vários artigos que apresentam Felisberto Camargo como um péssimo administrador do empreendimento norte americano, especialmente pelo articulista Cléo Bernardo[53].

---

[52] MAIO, Marcos Chor. A tradução local de um projeto internacional: a Unesco, o CNPq e a criação do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (1946-1952). In: FAULHABER, Priscila; TOLEDO, Peter Mann (Coords.). Conhecimento e fronteira: história da ciência na Amazônia. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2001. P. 51-81.

[53] BERNARDO, Cléo. Belterra e Fordlandia exigemnovo administrador. *Folha do Norte.* 12 jul. 1948. p. 12.

Quando o projeto chega a discussões em níveis governamentais – ao Congresso Nacional com mais ênfase – e com a repercussão negativa na mídia brasileira, o projeto é por fim recusado. Da recusa do projeto internacional surge a incitava de um projeto nacional[54]. O projeto de implantação do IIHA não foi levado adiante, porém deu subsídios e provocou um fato político para a criação do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA)[55], justo no momento em que, mais uma vez, havia a ameaça do MPEG ser fechado. Surge então a proposta de um acordo institucional para "salvar" a instituição do desaparecimento. Em 7 de dezembro de 1954, o Governo do Estado do Pará assina um convênio com a União, através do CNPq, para vincular o MPEG ao recém criado INPA. E por outro lado à SPVEA, com os objetivos claramente nacionalistas e desenvolvimentistas. Em suma, os debates sobre a implementação do IIHA resultaram em colocar "definitivamente a Amazônia na agenda política e científica nacional"[56].

1.5 EM BUSCA DE UMA ARQUEOLOGIA AMAZÔNICA

Nesse mesmo período diversos pesquisadores estrangeiros já tinham estado na Amazônia com o objetivo de realizar pesquisas, alguns na área de etnologia, antropologia e arqueologia. Um desses estrangeiros que merece destaque nesta narrativa foi o etnólogo alemão naturalizado brasileiro Curt Unkel Nimuendaju (1883-1945), o qual teve uma relação mais estreita com o MPEG porque durante alguns anos esteve vinculado a instituição como contratado. Ele ficou conhecido por seus trabalhos etnográficos, em especial o "Mapa etnohistórico do Brasil"[57]. Nimuendaju chegou ao Brasil em 1914 e ainda era Kurt Unkel. Após vários anos trabalhando em tribos indígenas começou a trabalhar como correspondente de alguns museus europeus. Em 1921 assumiu a Seção de Etnologia do Museu Goeldi; entretanto, logo foi destituído do cargo por conta da guerra, mas continuou a fazer pesquisas, sendo financiado pelo Museu de Goteborg, Suécia. Entre 1923 e 1928 realizou expedições, em especial na cidade de Santarém. Ele fora informado por um amigo sobre a existência das

---

Idem. Crédito para Belterra e Fordlandia. *Folha do Norte.* 08 jul. 1948. p. 10.

[54] Ibdem.

[55] Órgão criado em 1952 e vinculado ao também recém criado Conselho Nacional de Pesquisas, o CNPq, que possuía o objetivo de coordenar a pesquisa científica e tecnológica realizada no Brasil.

[56] MAGALHÃES, Rodrigo César da Silva. *Desenvolvimento, ciência e política: o caso do Instituto Internacional da Hiléia Amazônica (1946-1951)*. Dissertação (Mestrado). Rio de Janeiro: COC/FIOCRUZ, 2006. p. 141

[57] NIMUENDAJÚ, Curt. M*apa etno-histórico de Curt Nimuendajú*. Rio de Janeiro: IBGE, 1981.

chamadas "caretas" de Santarém e foi conferir esses artefatos que eram desenterrados apenas com auxílio das fortes chuvas e identificou 65 sítios na região de Santarém[58].

Nimuendaju contribuiu ao acervo arqueológico e etnográfico do MPEG com uma coleção de artefatos, em especial da cidade Santarém, também enviava constantemente artefatos para a Suécia permitindo que o resto do mundo tomasse conhecimento do potencial arqueológico da cidade de Santarém. Em 1940, num momento político diferente, Nimuendaju retorna a seção de etnologia do Museu, a pedido do então diretor Carlos Estevão de Oliveira (1880-1945).

Ainda que tenha prevalecido o interesse de estrangeiros, destaca-se entre os brasileiros, a presença da antropóloga fluminense Heloísa Alberto Torres (1895-1977), diretora do Museu Nacional, entre os anos de 1937-1955, que realizou viagem de campo à Ilha do Marajó e de Mexiana, acompanhada de Carlos Estevão, em 1930. Também chegou a estudar a coleção do diretor, resultando nas publicações subseqüentes: “Contribuição para o estudo e proteção do material arqueológico e etnográfico no Brasil” e “Arte Indígena na Amazônia”[59]. No entanto, uma das poucas contribuições para explicar a ocupação humana na Amazônia consiste na monografia de Carl Friedrich Philipp von Martius (1794-1868), vencedora de um concurso do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil[60].

Na primeira metade do século XX, a maioria dos estudiosos em arqueologia eram estrangeiros. Não havia nesse período arqueólogos profissionais nem cursos específicos nessa área. O material produzido nessa época é de autoria de estudiosos de áreas afins e colecionadores. Após a Primeira Grande Guerra, época de recursos escassos nos museus etnográficos e de história natural, poucos foram os pesquisadores brasileiros que se interessaram e produziram material sobre a arqueologia amazônica.

Desse período merece destaque a Carlos Estevão de Oliveira ele publicou um trabalho sobre as cerâmicas antigas da Amazônia[61]. E Angyone Costa (1888-1954) escreveu um

---

[58] NIMUENDAJU, Curt. Os tapajó. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*. Belém: MPEG, v. 10, p. 93-106, 1949.

[59] TORRES, Heloísa Alberto. Contribuição para o estudo da proteção ao material arqueológico e etnográfico no Brasil. *Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde/Brasil, 1938. TORRES, Heloísa Alberto. *Arte indígena na Amazônia*. Publicações do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. n. 60. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde/Brasil, 1940.

[60] MARTIUS, K. F. Como se deve escrever a historia do Brasil. *Revista Trimensal de História e Geografia ou Jornal do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.* V. 6. Rio de Janeiro, 1845.

[61] OLIVEIRA, Carlos Estevão de. A cerâmica de Santarém. *Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.* 3: 6-33, Rio de Janeiro: 1939.

tratado sobre todo o conhecimento que havia até então sobre a arqueologia brasileira[62]. O escritor fluminense Gastão Cruls (1888-1959)[63] escreveu para a Revista do SPHAN uma síntese sobre o conhecimento existente sobre a arqueologia amazônica. Esse trabalho é pouco citado, mas nele Cruls já sugere questões relacionadas ao que hoje se chama de complexidade das sociedades amazônicas a partir de análise da produção cerâmica.

Durante a década de 1940, os estudos das coleções existentes nos acervos dos Museus eram bastante freqüentes, contudo a arqueologia amazônica continuava a depender do interesse de pesquisadores estrangeiros para o seu desenvolvimento. Como exemplo, a arqueóloga norte-americana Helen Constance Palmatary, da Universidade da Filadélfia, EUA. As pesquisas de Palmatary foram feitas em museus e coleções particulares que resultaram em trabalhos descritivos da manufatura e artefatos das regiões, mas que não acrescentaram teorias sobre a ocupação da Amazônia e escreveu trabalhos sobre a arqueologia amazônica, especialmente da Ilha do Marajó e da região de Santarém[64]. Fica claro nos trabalhos de Palmatary que ela estava influenciada por uma ótica difusionista, isto é, uma abordagem para estudos arqueológicos da época que em se aceitava a idéia de que zonas centrais difundiam inovações culturais para o resto do mundo[65].

Num primeiro momento Meggers e Evans, resenharam o trabalho de Palmatary sobre o Marajó e ainda indicaram que a maior contribuição da autora estava em nomear, classificar e estabelecer correlações[66]. Quase dez anos mais tarde, Meggers resenhou outro trabalho de Palmatary, desta vez sobre os Tapajó. Antes, não demonstrou incomodo por Palmatary não ter realizado escavações e usado somente coleções arqueológicas depositadas em museus ou em posse de particulares. Nesta segunda resenha, a qual Meggers publicou sozinha, a crítica diz respeito ao uso dessas coleções sem observar a estratigrafia dos sítios. Em decorrência dessa crítica, Meggers vai além ao sugerir que o título do trabalho deveria ser "A cerâmica do vale

---

[62] COSTA, Angyone. *Introdução à arqueologia brasileira*: etnografia e história. São Paulo: companhia editora nacional, 1934.

[63] CRULS, Gastão. Arqueologia Amazônica. *Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, n° 6, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1942.

[64] PALMATARY, Helen. Tapajo Pottery. *Etnologiska Studier*. v. 8, 1939. PALMATARY, Helen. The Pottery of Marajo Island, Brazil. *Transactions of the American Philosophical Society*. v. 39, n. 3, 1950. (New Serie). PALMATARY, Helen. The archaeology of Lower Tapajós Valley, Brazil. *Transitions of American Philosophical Society*. Philadelphia, v. 50, n. 10, 1960. (New Serie).

[65] Por mais que os trabalhos de Palmatary se restringissem às análises estilísticas, a partir deles foram disponibilizados dados para que o antropólogo Alfred Kroeber realizasse uma análise difusionista sobre o trabalho de Helen. Kroeber verificou as possibilidades das correlações entre os motivos estilísticos de Santarém com o material proveniente das Antilhas, do médio rio Mississipi, E.U.A., da área do Istmo de Tehuantepec e da Venezuela.

[66] "In this review comment will have to be limited to the two major contributions of the author: namely, classification and correlation". MEGGERS, Betty; EVANS, Clifford . Review of The Pottery of Marajó Island, Brazil by Helen C. Palmatary. *American Anthropologist*, New Series, v. 53, n. 3, Jul./Sep., 1951. p. 396.

do baixo Tapajós" ao invés de "A arqueologia do vale do baixo Tapajós" (minha tradução)[67]. Palmatary por sua vez, defende seu trabalho argumentando que houve um estudo rigoroso das coleções e não foram utilizados somente artefatos cerâmicos para executar o trabalho, incluindo também artefatos líticos[68].

Belém era uma cidade que recebem bem os que tem algo de novo a ensinar, a buscar pelo moderno estimulando a vontade do novo. E se estavam todos decepcionados com a história recente, cheia de horrores e perseguições, então porque não valorizar um passado mais antigo? Aliás, parece bastante atrativo estudar um passado mais antigo e construir uma identidade indígena pode ser muito interessante.

Em referência a esse mesmo período histórico em outras partes do mundo, Eric Hobsbawn[69] afirma que "a crença era que o 'novo' equivalia não só a melhor, mas absolutamente revolucionário". Isto significa dizer que, para os modernos, o novo não assustava; mais ainda, era necessário romper com o passado recente e seguir adiante com todas as inovações que o mundo moderno poderia proporcionar, uma atitude propriamente moderna.

Em certas ocasiões a *Folha do Norte* e *A Província do Pará* anunciavam descobertas arqueológicas, como ainda hoje porque notícias arqueológicas são interessantes, e só interessantes porque não fazem parte do cotidiano das pessoas de uma maneira geral. Em 30 de julho de 1948 a *Folha do Norte* anunciava em uma nota de tamanho mediano "Um arqueólogo amador comprova a veracidade da Ilíada"[70].

Esse período também é marcado pelo início da polarização norte-sul, início da guerra fria, início do uso da idéia de países desenvolvidos e subdesenvolvidos – primeiro mundo, segundo mundo e terceiro mundo – que permeiam o cotidiano mundial até o final da década de 1980.

Em tempos que se discutia o projeto de internacionalização da Amazônia, da "cobiça internacional"[71], de uma desilusão com o passado recente. Indaga-se sobre o que realmente

---

[67] MEGGERS, Betty. Review of The Archaeology of Lower Tapajó valley, Brazil by H. C. Palmatary. *American Anthropologist*, n. 62, 1960.
[68] PALMATARY, Helen. Concerning Tapajó Pottery: In Reply to a Review. *American Anthropologist*, New Series, v. 63, n. 6, dec., 1961.
[69] HOBSBAWM, Eric. Capítulo 9. Os anos dourados. In: *A era dos extremos*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1995. p. 261
[70] Um arqueólogo amador comprova a veracidade da Ilíada. *Folha do Norte*, Belém, 30 jul. 1948.
[71] Arthur Cezar Ferreira Reis.

fez com que antropólogos[72] norte americanos *invadissem* a região em busca de respostas para explicar uma ocupação humana mais antiga? E mais: por que foram bem recebidos já que vinham com recomendações de Charles Wagley, um dos integrantes do comitê para implantar o IIHA?

[72] Vale lembrar que nos EUA a arqueologia é um dos campos de estudo da antropologia (ver capítulo 3).

CAPÍTULO 2
AMAZÔNIA E ARQUEOLOGIA POR BETTY MEGGERS

Os jovens pesquisadores Betty Jane Meggers e Clifford Evans Jr. chegaram a Belém do Pará em 17 de agosto de 1948, no avião novo da *pan-air*[73] sem formalidade alguma[74]. Os dois norte-americanos balbuciavam poucas palavras em português. Na verdade, era mais do que comum o Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG) atrair pesquisadores estrangeiros, ocorre que eles não estavam em Belém por conta do museu. Mesmo assim, Inocêncio Machado Coelho Neto, na ocasião diretor do MPEG, acolheu o casal de doutorandos da Columbia University, como também acolheu outros pesquisadores interessados em assuntos amazônicos. Ao longo do período que realizaram suas pesquisas o MPEG foi sua base institucional em Belém.

O tempo da pesquisa já estava pré-programado: um ano custeado pela Werner Gren Foundantion e pelo Departamento de Antropologia da Universidade de Columbia. O projeto denominado "Archaelogical Study in the Lower Amazon, Brazil". Este foi o início de uma série de escavações de poços-testes em busca de informações para traçar as rotas migratórias na Amazônia[75].

O sentindo deste capítulo é contextualizar a viagem de campo de Meggers e Evans na Amazônia, o que significa contar como o casal estabeleceu as bases para construir seu legado a região. Assim, buscou-se entender quais pessoas foram importantes para Meggers se firmar como a pioneira da arqueologia cientifica na Amazônia, com destaque para Frederico Barata e Peter Paul Hilbert no Brasil e Leslie White e Julian Steward nos EUA. Assim, explorar em duas esferas a rede de contatos estabelecidas nos EUA e no Brasil. Para compreender a sociabilidade, usou-se o prefácio do livro e outros agradecimentos de artigos publicados pelo casal com o objetivo de identificar quais foram seus principais colaboradores, sejam eles pesquisadores ou não.

---

[73] Panamerican Airlines era a empresa aérea que mantinha vôos periódicos para Belém. À época tinha inaugurado um vôo direto Belém-Rio de Janeiro com aviões que possuíam condicionadores de ar MENDES, Armando Dias Mendes. *Cidade transitiva:* rascunho de recordância e recorte da saudade de Belém. Belém: Imprensa Oficia do Estado, 1998.

[74] COMÉRCIOS e transportes. Folha do Norte, Belém, 18 jul. 1948. p. 9.

[75] MEGGERS, Betty; EVANS, Clifford. Archaeological investigations at the mouth of the Amazon. *Bureau of American. Ethnology*, n. 167. Washington, D.C.: *Smithsonian Institution*, 1957.

2.1 ANTES DE CHEGAR AO BRASIL

É preciso contar antes outra história. Não há como medir as proporções dos efeitos que as guerras causaram em nível mundial. Como já foi dito no capítulo anterior, em Belém, no período imediatamente posterior ao final na Segunda Grande Guerra, além de um considerável abandono do poder público por conta da falta de recursos, os intelectuais estavam desiludidos com a interpretação da história generalizante, em especial a recente sob os olhos vigilantes do governo[76]: o governo de Getúlio Vargas, que massacrara intelectuais; os horrores da guerra; e as privações. O que se buscava agora eram as melhorias em todos os aspectos. Não era só Belém que procurava melhorias após as privações que a Guerra ocasionou. Os países envolvidos e foram palco do conflito, especialmente na Europa, enfrentavam graves problemas. Os Estados Unidos, porém, tinham a grande vantagem de não ter tido suas cidades destruídas e desde a crise de 1929 mantinha diversos programas para conter os problemas econômicos. Dentre as medidas havia um grande incentivo para o desenvolvimento científico, reforçando os investimentos nessa área.

Aqui interessa contar que entre os beneficiados estava o físico William Frederik Meggers (1888-1966). Especialista em espectroscopia e um dos pioneiros na área, tornou-se um importante incentivador para o desenvolvimento deste ramo da física. Desenvolveu diversas pesquisas no National Institute of Standards and Technology, onde trabalhava desde 1914. Foi lá mesmo que conheceu Edith Marie Raddant, sua esposa. A partir de 1920 ele assumiu a chefia da Seção de Espectroscopia, isso provavelmente lhes deu estabilidade financeira porque no 05 de dezembro do ano seguinte, em Washington, D.C., nasceu a filha mais velha do casal: Betty Jane Meggers.

Pouco se conta e se sabe sobre a infância de Betty Meggers, o fato é que ela aconteceu durante o período de depressão econômica e, mesmo assim, esta situação parece não ter afetado muito a situação financeira da família que cresceu com mais dois filhos, William Jr. e John. Entretanto. Provavelmente, ela conheceu dentro de casa o que eram artefatos arqueológicos, porque seus pais eram colecionadores e mantinham em casa um pequeno museu, o Meggers' Museum – como era conhecido pela vizinhança [77]. Era um museu de

---

[76] FIGUEIREDO, Aldrin. Querelas esquecidas: o modernismo brasileiro visto das margens. In: DEL PRIORI, Mary, GOMES, Flávio dos Santos. *Senhores dos rios*: Amazônia, margens e histórias. Rio de Janeiro: Campus, 2003. p. 259-283.

[77] Existe uma coleção de botões que foi doada ao *Smithsonian Institution* por Betty Meggers. BUTTON collection, about 1935. Disponível em <http://smithsonianlegacies.si.edu/objectdescription.cfm?ID=50>. E alguns artefatos que Edith Meggers está registrada com doadora Buddy "L" Toy Steam Shovel. Disponível

ciência, cujo acervo era composto por artefatos como telefones, brinquedos motorizados, etc.; além de coleção numismática que o pai mantinha desde a infância.

Talvez não tenha surgido do exemplo dos pais o interesse em estudar antropologia ou mesmo mais especificamente arqueologia, mas sim a orientação para a vida acadêmica. Considera-se que a partir dessa situação surgiu o interesse de Meggers para ciência de uma maneira geral, pois como ser percebido em seus trabalhos ao longo de sua trajetória, Meggers dialogou com outras áreas do conhecimento. Poder-se-ia dizer que isto se deu também para reforçar o caráter interdisciplinar da arqueologia, mas também porque buscava sempre fazer análises sobre vários aspectos de um sítio arqueológico, com destaque para os aspectos ecológicos. Essa é uma característica marcante do trabalho de Meggers, por motivos que podem ser esclarecidos mais adiante.

Aos 16 anos, Meggers já era estagiária do *Smithsonian Institution* e recebeu a tarefa de remontar fragmentos cerâmicos provenientes do sul dos EUA. Até esse momento Meggers não cogitava a possibilidade de se tornar arqueóloga[78]. Porém, alguns anos depois ela foi estudar antropologia na Pennsylvania University. Assim que terminou a graduação, ingressou na Michigan University para cursar mestrado em antropologia, por sugestão de um professor desta universidade especialista em mesoamérica James Bennet Griffin (1905-1997)[79], Meggers dedicou-se a trabalhar com uma coleção arqueológica da América do Sul. Este material arqueológico foi coletado pelo naturalista norte-americano Joseph Beal Steere (1842-1940), na Ilha do Marajó[80]. Ele foi um dos diversos naturalistas atuantes no Brasil no final do século XIX e estudou alguns sítios arqueológicos na Ilha do Marajó e inclusive o sambaqui de Taperinha, em Santarém. Apesar de ter feito um trabalho sobre o material coletado no início do século, Meggers considera os trabalhos voltados para arqueologia feitos antes da década de 1950 de "pré-científicos". Sem interrupções na sua formação acadêmica, em 1945 ingressou na Columbia University para cursar o doutorado também em antropologia, com a intenção de dar continuidade a pesquisa dentro linha de antropologia com ênfase em arqueologia. Lá se tornou orientanda do antropólogo Leslie White (1900-1975), que trabalhava há algum tempo com etnologia dos índios da América do Sul.

---

em: <http://americanhistory.si.edu/onthemove/collection/object_58.html>. Buddy "L" concrete mixer . Disponível em: <http://americanhistory.si.edu/onthemove/collection/object_172.html>.

[78] MEGGERS, Betty. [mensagem pessoal]. Recebido por <cassiadarosa@gmail.com> em 14 abr. 2007.

[79] Bennet chegou a trabalhar em alguns projetos junto com Philip Plillips e James Ford.

[80] MEGGERS, Betty J. The Beal-Steere collection of pottery from Marajo Island, Brazil. Reprinted from papers of the Michigan Academy of Science, Arts and Letters, V. XXXI, 1947.

Ao final da Guerra, muitos dos estudantes de antropologia que ingressaram na Columbia University foram os beneficiados com a G. I. Bill of Rights, uma lei que deu apoio aos ex-combatentes da Segunda Grande Guerra para que pudessem obter uma qualificação educacional. De acordo com o antropólogo Eric Wolf (1923-1999), um dos beneficiados por esta lei, havia a preferência de estudar antropologia por parte dos que tinham uma visão menos conservadora e voltada também para enfoques materialistas.[81]. Clifford Evans Jr. foi outro veterano favorecido pela lei e aceito para o curso de doutorado em antropologia da Columbia University, provavelmente porque antes da guerra cursou antropologia Univesity of Southern California[82]. Aparentemente, Evans não possuía nenhuma vinculação partidária ou ideológica neste sentido, mas lá se tornou orientando de White que era um dos antropólogos que adotava conceitos do materialismo cultural[83]. Foi nessa ocasião que ele conheceu Betty Meggers.

Esse encontro levou-os ao casamento em setembro de 1946. Um casamento bastante representativo não só em termos sociais, mas também científicos que serão melhor explanados mais adiante. Nesse período diversos casais de antropólogos se espalharam ao redor do globo para estudar as mais variadas culturas. O objeto de estudo de Meggers e Evans era a cultura material de povos pré-colombianos na América do Sul. Então, tendo a área de trabalho em comum, por que não ir à campo juntos? Sendo assim, graças aos subsídios da Viking Fundation[84] e William Bayard Cutting Travelling Fellowship da Columbia University. Também tiveram apoio do Departamento de Antropologia da Columbia University, e assim Betty Meggers e Clifford Evans puderam viajar ao Brasil e realizar escavações. Essa bolsa financiou as pesquisas do casal e permitiu a permanência deles por um ano no Brasil. Por fim, não sem o apoio de recursos humanos e não-humanos que conseguiram no Museu Nacional, no Museu Paraense Emílio Goeldi e no Museu Territorial do Amapá.

2.1. PARA QUE SERVE A PESQUISA DE CAMPO?

Ao chegarem no Rio de Janeiro, em 17 de julho de 1948, foram recepcionados pela antropóloga fluminense Heloísa Alberto Torres (1895-1977). À época diretora do Museu

---

[81] WOLF, Eric.Uma autobiografia intelectual. In: *Antropologia e poder*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado: Editora da Unicamp, 2003. p. 59-69.

[82] Para mais dados biográficos de Clifford Evans cf. GOODWIN, Christopher; SIMÕES, Mário; MAGGIOLO, Marcio Veloz. Clifford Evans, Jr., 1920-1981. American Anthropologist, New Series, v. 84, n. 3, Sep., 1982.

[83] BARRET, Richard A. The paradoxical anthropology of Leslie White. *American Anthropologist*. New Series, V. 91, No. 4. Dec., 1989. p. 986-999.

[84] Pouco tempo depois se transformou em Werner-Gren Foundation for Anthropological Research que existe até hoje. A proposta da Fundação é financiar pesquisas antropológicas ao redor do globo.

Nacional, mas não só isso, *dona Heloísa*, como era conhecida, foi expoente, uma figura central para as ciências humanas com destaque para a antropologia no Brasil, especialmente nesse período[85]. Além disso, demonstrava interesse em assuntos amazônicos. Alberto Torres conhecia a Ilha do Marajó e alguns sítios arqueológicos no local, tendo publicado um pequeno livro em 1940. Já nesta época, a pesquisadora demonstrou preocupação com a destruição de sítios arqueológicos na região e apontou para a necessidade de serem realizadas pesquisas na área e que algumas medidas deveriam ser tomadas urgentemente para minimizar o impacto da destruição e evitar a perda da área de pesquisa[86]. A antropóloga manteve relações bastante amistosas com outros pesquisadores, dentre eles Carlos Estevão que fora diretor do MPEG e também tinha grande interesse na arqueologia amazônica. Vale lembrar que foi ele quem a acompanhou na viagem até aos sítios arqueológicos na Ilha do Marajó.

Ao que tudo indica, havia um contrato informal do Museu Nacional e a Universidade Columbia, mantendo um intercâmbio de estudantes e pesquisadores. O grande interesse de Alberto Torres era capacitar os estudantes seja facilitando a ida dos estudantes como Eduardo Galvão, como trazendo pesquisadores da Columbia para ministrar cursos[87]. A vasta rede de amizade de Alberto Torres incluía também Charles Wagley, a pessoa responsável que facilitou o acesso de Meggers e Evans no Brasil.

Quanto a Alberto Torres, tanto na publicação de 1957 quanto na de 1985 há agradecimentos à ela

> The successful launching of the expedition in Brazil was due to the cooperation of Sra. Heloisa Alberto Torres, then director of the Museu Nacional in Rio de Janeiro, who offered us the permission to work under the auspices of that museum. For her scientific and official assistance as well her friendly interest, aid, and advice from the beginning to the end of the trip, we offer our warmest thanks[88].

Ela foi a primeira brasileira a ser citada na lista dos agradecimentos, antes dela somente os professores norte-americanos foram citados. Heloisa Alberto Torres teve uma importância significativa para o desenvolvimento da antropologia no Brasil. Como é possível perceber através do apoio que foi dado a Meggers e Evans. Considera-se, portanto, Alberto Torres ofereceu suporte também para o desenvolvimento da arqueologia brasileira naquele momento.

---

[85] CORREA, Mariza. Dona Heloísa e a pesquisa de campo. *Revista de Antropologia USP*. V. 40, nº 1. São Paulo: USP, 1997. p. 11-54.

[86] TORRES, Heloísa Alberto. *Arte indígena na Amazônia*. Publicações do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. n. 60. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde/Brasil, 1940.

[87] MAUÉS, Raymundo Heraldo. "Memória da antropologia da Amazônia ou Como fazer ciência no 'paraíso dos etnólogos'". In: *Uma outra "invenção" da Amazônia*. Belém: Cejup, 1999. p. 25-54.

[88] MEGGERS, Betty; EVANS, Clifford. Archaeological investigations at the mouth of the Amazon. *Bureau of American Ethnology*, 167, Washington, D.C.: *Smithsonian Institution*, 1957. p. XXV

Graças à indicação de Alberto Torres e de Wagley, o casal de pesquisadores seguiu para Belém e foi recebido pelo então diretor do MPEG, Machado Coelho, que também tinha um bom relacionamento com a diretora do Museu Nacional. O diretor deu todo apoio possível aos pesquisadores, embora o momento econômico não fosse favorável para instituição neste período de pós-guerra – como já foi discutido no capítulo anterior, sobre os problemas financeiros do MPEG decorrente da diminuição dos recursos repassados pelo governo do estado, ao qual a instituição estava subordinada. Superando tais dificuldades, eles ficaram hospedados nas dependências do museu, na antiga casa de Diretores do Museu[89]. Também foi permitido que utilizassem os laboratórios, permitindo a contratação de um ajudante para os trabalhos no laboratório.

Ilustração 4 - Vista lateral da casa onde Meggers e Evans ficaram hospedados

Após a liberação pelo Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas no Brasil, à época o órgão fiscalizador, o casal procedeu a viagem em agosto de 1948. Certamente a liberação teve o tramite facilitado por intermédio de Heloísa Alberto Torres que mantinha um bom relacionamento com o Conselho. A pesquisa teve início em agosto de 1948, destinada a explorar ou somente conhecer os sítios arqueológicos na foz do

[89] Em 1981 este prédio ganhou o novo nome: Pousada Clifford Evans. Betty Meggers compareceu na inauguração. Atualmente o prédio está em reforma.

rio Amazonas, mais especificamente na ilha do Marajó, no estado do Pará, nas ilhas Mexiana e Caviana, no Amapá, e em algumas áreas do estado Amapá (ver Anexo 4).

O objetivo dessa viagem era testar a hipótese de Steward sobre ecologia cultural e adaptação, apresentadas na publicação "Handbook of South American Indians", no qual delimitava estes conceitos direcionando-os para estudos em antropologia e arqueologia. Enfim, destinava-se a participar e cooperar com o projeto de Steward estudando as culturas de uma grande área geográfica, incluindo às análises as relações políticas, econômicas e ecológicas.

2.2 ECOLOGIA CULTURAL E A ARQUEOLOGIA AMAZÔNICA

Apesar de terem sido orientados por Leslie White, que tinha uma grande preocupação com a tecnologia dos artefatos, foi o antropólogo Julian Steward quem mais influenciou o pensamento científico dos jovens pesquisadores. No período que Meggers e Evans estudavam, Steward fora passar uma temporada como professor na Columbia e, à época, já tinha lançado os dois primeiros volumes do "Handbook of South American Indians", no qual defendia idéias opostas às tendências teóricas ensinadas até então naquela universidade.

Muitos dos professores da Columbia foram alunos de Franz Boas, de quem falaremos mais adiante, e Steward discordava principalmente do culturalismo defendido por Boas. Este assunto será melhor abordado no capítulo seguinte, mas é necessário adiantar alguns pontos importantes para a compreensão da pesquisa de Meggers e Evans.

Steward trabalhava com o conceito de ecologia cultural, que consiste na influência do meio ambiente sobre a questão de *adaptação* e *mudanças culturais* em sociedades pretéritas. Desejando testar suas teorias adaptativas elaborou um projeto amplo e solicitou ajuda de alguns alunos para executá-lo. A partir de então entram como colaboradores Betty Meggers, Clifford Evans e Ervin Rousse. Todos eram alunos da Columbia University e estavam trabalhando com arqueologia. Esses alunos se propuseram a colaborar e buscaram fontes de financiamentos para efetuar pesquisa de campo na América do Sul. Meggers admite que os professores que mais os influenciaram em questões teóricas foram Julian Steward e Leslie White[90].

Para desenvolver essa análise, Steward estabeleceu matrizes para explicação arqueológica regidas pela abordagem de ecologia cultural:

---

[90] MEGGERS, Betty. Mensagem recebida por <cassiadarosa@gmail.com> em 14 abr. 2007.

> 1) a proposição de que os artefatos devem ser considerados como vestígios materiais do comportamento social e cultural humano;
> 2)a realização de estudos de padrão de assentamento, indicando que o homem dispõe seus vestígios na paisagem considerando o que o meio oferece, como a presença de outros assentamentos humanos existentes. Esses estudos forneceriam importantes contribuições na compreensão da organização sóciopolítica e da adaptação socioeconômica de povos do passado;
> 3) a relação entre cultura e ambiente relacionando o homem aos recursos básicos de que necessita (o contexto físico) e reconhecendo um papel mais ativo das variáveis ambientais do desenvolvimento das sociedades, a partir de uma perspectiva holística [91]

Essas proposições indicam que Steward acrescentou em suas analises questões ecológicas para desenvolver seu trabalho. Um exemplo foi ter o usado o termo "floresta tropical" – em inglês "tropical rain forest" – para designar as populações em um determinado estágio evolutivo cultural e que provavelmente habitavam a Amazônia.

Simplificando: o conceito de Cultura da Floresta Tropical representaria o sistema de subsistência baseado no cultivo de raízes tropicais, principalmente mandioca, pelo método de queima da floresta. A partir desse conceito poder-se-ia afirmar que as populações de Floresta Tropical desenvolveram a cerâmica e habitavam em aldeias autônomas. Esses artefatos são entendidos como a representação material do comportamento social e cultural das sociedades que os produziram. E para uma compreensão global das sociedades pretéritas, explorou-se a relação entre cultura e meio ambiente.

Meggers e Evans adotaram essas idéias para realizar as escavações na Amazônia, e também o que tinham aprendido com seus professores na Columbia: escavação estratigráfica, análise tipológica e quantitativa dos restos cerâmicos, a seriação, a definição de seqüências culturais no tempo e no espaço dividas didaticamente em "fase", o estudo dos padrões de assentamento e, ainda, utilizando explicações ecológicas – baseadas no conceito de determinismo ambiental – para elucidar o desenvolvimento cultural na região. Todo esse aparato teórico-metologico para reconstituir, ou ainda interpretar a pré-história da foz do rio Amazonas. Porém, acima de tudo havia um grande interesse em estabelecer cronologias [92].

As escavações realizadas não objetivavam formar coleções para museus – com forte apelo estético do material coletado – como faziam os que pesquisavam e os colecionadores antes deles. Barreto explica que "(...) os sítios não foram explorados com o propósito de procurar exemplares para coleções em museus, e sim para tentar estabelecer, pelo conteúdo de seus remanescentes, os padrões culturais dos povos que os habitaram"[93]. Isto é, não havia interesse somente no apelo estético dos artefatos, que é uma característica da escola

---

[91] MORÁN, Emílio. *A ecologia humana das populações da Amazônia*. Petrópolis: Vozes, 1990. p. 59.
[92] MACHADO, Ana Lúcia. Entrevista concedida a Cássia Santos da Rosa. Belém, 24 mai. 2007.
[93] BARRETO, Mauro Vianna. História da pesquisa arqueológica no Museu Paraense Emílio Goeldi. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*: Série Antropologia. Belém, v. 8, n. 2, p.203-294, dez. 1992. p. 229

funcionalista que estudava somente os artefatos pelo modo como foram manufaturados e pelo uso que lhes teria sido dado sem preocupações sobre o contexto cultural do mesmo. Ao contrário, do material coletado no Marajó, cerca de 90% do total de fragmentos não apresentam qualquer tipo de decoração e, no entanto, fornecia informações relevantes para entender o modo de vida dos povos que os produziram.

A importância de coletar material sem decaoração estava no interesse de reconstituir as formas dos objetos, principalmente cerâmicos, que contém informações relevantes para explicar o modo de vida das populações pretéritas. Além disso esse material é associado ao uso cotidiano e permitindo inferências sobre costumes alimentares, por exemplo. Muito da metodologia de campo aplicada na Ilha do Marajó foi desenvolvida por Gordon Randolph Willey (1913-2002), professor da Columbia que há alguns já realizava pesquisas arqueológicas na América do Sul e que também foi professor de Meggers e Evans.

Willey era integrante da equipe Virú Committee of Institute of Andean Research junto com Wendell Bennet, William Duncan Strong e Julian Steward. Eles participaram das escavações em 1945-46 no Vale do Virú, Peru junto com mais alguns integrantes de outras instituições que também eram participantes do projeto, sendo eles: F. Webster MacBryde geógrafo cultural, Allan Holmberg, antropólogo social, Jorge C. Muelle do Instituto de Estúdios Etnológicos do Paru, Junius Bird do American Museu of Natural History, James Ford, Clifford Evans e Donald Collier[94]. Clifford Evans e James Ford já se conheciam porque faziam pesquisas no American Museum of Natural History. Durante as escavações Ford começou a desenvolver um método estatístico de análise cerâmica para ser usado com o material que fora escavado nesta expedição. Esse método foi publicado junto com Willey[95] e tinha o objetivo de identificar mudanças culturais através do atributos tecnológicos da cerâmica. Esse método consiste em técnicas para análise, classificação e descrição da cerâmica para reconhecer a tipologia da mesma e construir a seriação dentro de um método estatístico aplicado a arqueologia para formular as interpretações desses dados, com o objetivo de detectar a evolução cultural dos povos que produziram esse material[96].

---

[94] *Smithsonian Institution*. *Annual report of the board of regents of the Smithsonian Institution, showing the operations, expenditures, and condition of the institution for the year ended June 30 1947*. Publication 3921. Washington: US Government printing office, 1948. p. 60-64.

WILLEY, Gordon. Prehistoric settlement patterns in the Viru Valley, Peru. *Smithsonian Institution*. Bureau of American ethnology. Bulletin 155. Washington: US Government printing office, 1953.

[95] FORD, James A. Cultural Dating of Prehistoric Sites in the Virú Valley, Peru. In Surface Survey of the Virú Valley, Peru. FORD,James, WILLEY, Gordon (ed.). *Anthropological Papers*, n. 43, v. 1. American Museum of Natural History, New York, 1949.

[96] Ford ficou conhecido na arqueologia brasileira por conta deste método que mais tarde foi aperfeiçoado e muito utilizado pelo PRONAPA e PRONAPABA para "estabelecer cronologias culturais" a ainda hoje é chamado de

Meggers e Evans aplicaram este método para analisar o material que escavaram nos anos seguintes na foz do Amazonas. Os resultados dessas escavações foram apresentados, em 1950, no periódico American Antiquity com o título de "Prelimminary results of investigations at the mouth of the Amazon"[97]. Porém, esses dados foram analisados para Meggers concluir sua tese de doutorado na Columbia University em 1952, intitulada "The Archaeological Sequence on Marajo Island, Brazil, with Special Reference to the Marajoara Culture"[98] na qual aparece pela primeira vez a seqüência cultural estabelecida por Meggers para explicar a ocupação antiga da Amazônia.

Em 1954, publicaram seu primeiro artigo em português "Uma interpretação para cultura de Marajó", pelo Instituto de Antropologia e Etnologia do Pará. Este artigo foi publicado com um grande atraso, primeiramente porque o manuscrito foi enviado ao MPEG para que fosse publicado no periódico da instituição. Periódico certamente não é o termo adequado porque os intervalos de publicação do Boletim do Museu Goeldi estavam cada vez mais espaçados, o último número tinha sido lançado em 1949 graças ao apoio do então diretor do Museu Paulista, o ornitólogo Olivério Pinto[99]. O propósito inicial era publicar os artigos no Boletim do Museu Goeldi, para tanto os manuscritos foram enviados em 1950. Três anos depois ainda não havia perspectiva positiva para a publicação do artigo. Por isso pediram que ao então diretor do MPEG, em 1951 era Armando Bordalo da Silva, que encaminhasse o texto a Frederico Barata para que fosse publicado pelo Instituto de Antropologia e Etnologia do Pará[100]. Além disso, este acordo para a publicação do artigo no Boletim do Museu foi acertado com Machado Coelho que em 1953 já não ocupava mais este cargo. Talvez Meggers e Evans tenham entendido que houve pouco empenho em realizar essa publicação, mas a situação financeira do MPEG não permitia que esta publicação fosse efetuada. Nota-se porém,

---

"método Ford". Cf. MEGGERS, Betty. EVANS, Clifford. *Como interpretar a linguagem cerâmica*. Washington: *Smithsonian Institution*, 1970.

[97] Investigações preliminares na foz do rio Amazonas (minha tradução).

[98] A seqüência arqueológica na Ilha do Marajó, Brasil, com referência especial a cultura marajoara (minha tradução).

[99] AMPEG. Fundo Museu Paraense Emílio Goeldi. Gestão Inocêncio Machado Coelho. Of. 71. Correspondência de Inocêncio Machado Coelho, diretor do MPEG, para Armando de Sousa Correa, Secretário Geral do Estado. Assunto: Obras e melhoramentos efetuados no Museu P. E. Goeldi. 05 mai. 1949.

AMPEG. Fundo Museu Paraense Emílio Goeldi. Gestão Inocêncio Machado Coelho. Of. 76. Correspondencia de Inocêncio Machado Coelho, diretor do MPEG, para Alberto Engelhard, diretor do Departamento de Finanças. Belém, 13 mai. 1949.

[100] AMPEG. Fundo Museu Paraense Emílio Goeldi. Correspondência de Betty Meggers e Clifford Evans para Armando Bordallo da Silva. Washington, 5 set. 1953.

AMPEG. Fundo Museu Paraense Emílio Goeldi.Correspondência de Betty Meggers e Clifford Evans para Armando Bordallo da Silva. Washington, 14 out. 1953.

AMPEG. Fundo Museu Paraense Emílio Goeldi.Correspondência de Betty Meggers e Clifford Evans para Armando Bordallo da Silva. Washington, 13 nov. 1953

que antes desse episódio, o casal recebeu um tratamento diferenciado quando esteve em Belém e hospedado no MPEG.

2.3 O QUE MEGGERS E EVANS DEIXARAM EM BELÉM?

Um grupo local também foi relevante para que o casal se firmasse e tivesse apoio. Por estarem hospedados numa casa dentro do MPEG era mais fácil entrosar-se com os outros pesquisadores, até porque eles não eram muitos e porque nesta época era permitido que alguns deles morassem dentro das dependências do MPEG. O então diretor Inocêncio Machado Coelho Neto teve seu nome citado nos agradecimento de algumas publicações do casal e lembrado por sua hospitalidade. Este parece ser algo que o diretor do MPEG não se queixava de fazê-lo: receber pesquisadores estrangeiros. Em 1948 também se comprometeu em receber o arqueólogo francês Marcel Homet e sua esposa que estava de passagem em Belém para fazer pesquisas antes de excursionar no estado de Roraima[101]. Machado Coelho comprometeu-se a dispensar o mesmo tratamento que o casal Meggers e Evans relata ter recebido.

Desse modo, fica evidente que Machado Coelho apresentou-os aos pesquisadores e a outros assíduos freqüentadores do museu, com ênfase nos que estavam envolvidos com o Instituto de Antropologia e Etnologia do Pará. Dentre eles, merece destaque o jornalista amazonense Frederico Barata, que era diretor do jornal *A Província do Pará*, e que demonstrava bastante interesse em arqueologia. Ele era acima de tudo um erudito e tinha seu interesse voltado para artes em geral. Ao que parece, Barata conheceu o artista modernista Cândido Portinari no Rio de Janeiro, pois o artista fez dois retratos do jornalista, uma pintura em óleo e um desenho em carvão, ambos com dedicatória. Consta que, já morando em Belém, Barata mantinha em sua casa uma coleção de obras de arte, pinturas, gravuras e uma coleção de artefatos arqueológicos[102]. Ele "escavava" quintais de residências na cidade de Santarém, localizada na foz do rio Tapajós, Pará, à procura de vestígios arqueológicos – que não eram muito difíceis de encontrar[103]. Assim, Barata foi constituindo uma coleção, que foi freqüentemente consultada por pesquisadores – entre eles Meggers e Evans – tendo sido também objeto de estudo das próprias publicações do colecionador. Isto pode ser justificado porque ao mesmo tempo que adotou essa postura de colecionador, Frederico Barata não

---

[101] AMPEG. Fundo Museu Paraense Emílio Goeldi. Gestão Inocêncio Machado Coelho. Correspondência de Inocêncio Machado Coelho, diretor do MPEG, para Marcel Homet. Belém, 28 dez. 1948.
[102] NUNES, Benedito. Entrevista concedida a Cássia Santos da Rosa e Nelson Sanjad. Belém, 24 mai. 2004.
[103] BARATA, Frederico. *A arte oleira dos Tapajó III*. Alguns elementos novos para a tipologia de Santarém. Publicação n. 6. Belém: Instituto de Antropologia e Etnologia do Pará, 1953b.

esteve alheio às mudanças teóricas e metodológicas verificadas na arqueologia a partir da década de 1950.

As abordagens propostas pelo casal influenciaram o pensamento de Frederico Barata, assim como de outros pesquisadores, notadamente nos trabalhos desenvolvidos por ele após 1948, data em que Meggers e Evans vieram para o Brasil fazer escavações.[104]. Essa colocação pode ser justificada com um artigo publicado na revista Norte, aquela editada por Max Martins, Benedito Nunes e Orlando Costa, citada no capítulo anterior. Em "A história verdadeira e diferente dos marajoaras", o jornalista que até então escrevera somente sobre a cerâmica de Santarém, tenta desmistificar algumas lendas que foram relacionadas aos antigos habitantes da Ilha do Marajó. Para isso, destaca principalmente e quase unicamente as pesquisas feitas por Meggers e Evans. Barata resume as impressões que teve do casal

> Os Evans são dois cientistas de tipo completamente diferente dos habituais caçadores de tesouros artísticos. [...] e ao primeiro contato com eles senti essa diferença. Traziam como programa aplicar em Marajó e nas áreas vizinhas, pela primeira vez, métodos modernos de estratigrafia arqueológica e não revelavam nenhum interesse aparente pela beleza das peças e sim, apenas, pelo que estas lhes poderiam proporcionar de informações precisas quanto à posição no terreno, quanto à análise estilística e quanto a procedência, para, como me diziam, 'datar' os achados[105].

Considera-se então que a partir desta data os trabalhos de Barata assumiram um tom mais "científico" e menos "amador", valorizando também a importância dos fragmentos para arqueologia. Considerando também o método de datação relativa utilizada pelo casal para estimar a antiguidade da produção dessa cultura material[106].

O interesse do colecionador sobre arte indígena já podia ser observada desde antes de sua vinda para Belém. O primeiro artigo publicado por ele falava sobre "Os maravilhosos cachimbos de Santarém"[107], e não parou por aí. Em decorrência desses bons contatos e do grande interesse que Barata tinha por etnologia e arqueologia começou a publicar trabalhos na

---

[104] GUAPINDAIA, Vera. *Fontes Históricas e arqueológicas sobre os Tapajó*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, 1993.

[105] BARATA, Frederico. A história verdadeira e diferente dos marajoaras. *Norte*. Belém: s.n.t., 1952. p. 11

[106] Os métodos de datação relativa aplicados pelos pesquisadores consistiam em considerar que cada 10 cm de profundidade escavados equivaliam a 100 anos de ocupação, porque foi alegado que durante as escavações de 1948-49 não se pode coletar uma quantidade suficiente de carvões sem contaminação para serem datados por C14. Sendo assim, por datação relativa, a ocupação mais antiga na Ilha do Marajó foi datada em 900 a.C. Durante a década de 1970 pode-se obter datações que recuavam esta data pra 1.500 a.C. De acordo com a arqueóloga gaúcha Denise Pahl Schaan, essas datações e outros dados foram omitidos nas publicações porque não estavam de acordo com a teoria defendida por Meggers. Para mais conferir MEGGERS, Betty; EVANS, Clifford. Archaeological investigations at the mouth of the Amazon. *Bureau of American. Ethnology,* n. 167. Washington, D.C.: *Smithsonian Institution*, 1957; SIMÕES, Mário. ARAUJO-COSTA, Fernanda. *Áreas da Amazônia Legal Brasileira para pesquisa e cadastro de sítios arqueológicos.* Publicações avulsas do Museu Paraense Emílio Goeldi. n.30. Belém: MPEG, 1978; SCHAAN, Denise. Dados inéditos do Projeto Marajó (1962-1965). *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*. São Paulo: USP, 2000.

[107] BARATA, Frederico. Os maravilhosos cachimbos de Santarém. *Estudos Brasileiros*. v. 13. Rio de Janeiro: s.n.t., 1944.

área. Grande parte deles voltados a entender os Tapajó, tribo que habitava – à época do contato – a área onde hoje está a cidade de Santarém. Defensor das ciências e da arte foi aceito como membro efetivo do Instituto de Antropologia e Etnologia do Pará quando publicou "A língua dos Tapajó" e, logo depois, apresentou uma palestra intitulada "Os Tapajó e sua cerâmica" em 31 de janeiro de 1948 na sede do IAEP, que funcionava em uma sala dentro do MPEG. Em pouco tempo se tornou presidente do Instituto. Como já foi dito no capítulo anterior, o Setor de Antropologia e Etnologia do MPEG sobreviveu durante algum tempo, no início da década de 1950, graças a atividade do Instituto, ou seja, pela determinação de Frederico Barata.

Por conta de sua influência na sociedade paraense, ele conseguiu apoio para financiar pesquisas, promover conferências e publicar fascículos do periódico do Instituto. Um desses apoios financeiros vinha da Associação Comercial do Pará que tinha alguns de seus associados vinculados ao IAEP[108]. Nesse período, Barata se envolveu bastante com a atividade científica, pois é quando se verifica maior produção de artigos relacionados à arqueologia, dois deles publicados no próprio IAEP e mais um pela Revista do Museu Paulista, o que significa dizer que houve reconhecimento científico de seu trabalho. Todos esses fatores colaboram para que Frederico Barata fosse reconhecido como arqueólogo, por sugestão de Napoleão Figueiredo (1923-1989)[109]. Este antropólogo, que foi professor da Universidade Federal do Pará chegou a efetuar algumas pesquisas na área de arqueologia e, de acordo com Benedito Nunes, "muita coisa de arqueologia Napoleão deveu ao Frederico. Foi Frederico quem empurrou ele para esse lado"[110]. Considerando então a importância de Barata para a arqueologia amazônica não apenas por ter organizado a coleção e publicado artigos, mas porque incentivou outros intelectuais a enveredar por esta área do conhecimento.

Por outro lado, Meggers e Evans reconhecem Barata como um "arqueólogo amador" e dão mais importância para sua coleção particular de artefatos arqueológicos do que sua atuação e publicações. Os mesmos tiveram a oportunidade de conhecer Frederico Barata e sua coleção. Evans, citando e existência de publicações do colecionador em um artigo que conta a trajetória da arqueologia amazônica, disse dele "Also, the Brazilian, Frederico Barata, who had an extremely important private collection of Santarém published severeal articals on

---

[108] Alguns nomes podem ser citados como Eurico Fernandes, Gabriel Hermes Filho e José Coutinho de Oliveira. CRUZ, Ernesto. História da Associação Comercial do Pará. 2ª ed. Belém: EDUFPA, 1996.

[109] Listando todas as publicação de autoria de Frederico Barata sobre arqueologia, constando um pequeno resumo de cada uma dessas publicações, como objetivo de reconhece-lo como arqueólogo.. FIGUEIREDO, Napoleão. O arqueólogo Frederico Barata. Sociologia. Belém, s.n.t. 1963.

[110] NUNES, Benedito. Entrevista concedida a Cássia Santos da Rosa. Belém, 24 mai. 2004.

Santarem culture”[111]. Meggers, no artigo que relata os avanços na arqueologia amazônica, conta “(...) we had several conversations with Frederico Barata, a journalist interested in archeology in general and the Santarem region in particular. His subsequent publications remain among the few worthwhile sources on the pottery from that region”[112]. Acima de tudo ressaltando a existência da coleção particular de Frederico Barata e sua produção de estudos sobre a arqueologia do Baixo Amazonas. Além disso, na prática, foi Barata quem os apresentou a alguns donos de fazendas no Marajó que eram de interesse dos pesquisadores escavar nelas[113]. Como retribuição o casal agregou à coleção de Barata alguns artefatos que foram coletados por eles no trabalho de campo e foram acrescentados a coleção particular do jornalista [114].

Atualmente, a coleção arqueológica Frederico Barata que faz parte do acervo do MPEG possui dois abrasadores e dezenove fragmentos de vasos cerâmicos procedentes de Ilha de Campos, rio Oiapoque, estado do Amapá. Esses artefatos são reconhecidos como doação de Meggers e Evans para a coleção do jornalista .

Ilustração 5 Cerâmica coletada por Meggers e Evans pertencentes a coleção Frederico Barata – Acervo MPEG

[111] EVANS, Clifford. Amazon Archeology – a centennial appraisal. *Atas do Simpósio sobre a Biota Amazônica*. V. 2. Antropologia. 1967. p. 5. “(...) o brasileiro Frederico Barata, que teve uma coleção privada de extrema importância com peças de Santarém, também publicou diversos artigos sobre a cultura Santarém” (minha tradução).

[112] MEGGERS, Betty. Advances in Brazilian Archeology, 1935-1985. *American Antiquity.* Society for American Archaeology, v.50, n. 2, 1985. p. 365. “(...) tivemos diversos encontros com Frederico Barata, um jornalista interessado em arqueologia em geral e da região de Santarém, em particular. Suas publicações subseqüentes estão entre os poucos trabalhos louváveis sobre a cerâmica dessa região” (minha tradução).

[113] MEGGERS, Betty. [mensagem pessoal]. Recebido por <cassiadarosa@gmail.com> em 18 abr. 2007.

[114] “The sherds, now in the private collections of Sr. Eurico Fernandes and Frederico Barata in Belém” MEGGERS, Betty; EVANS, Clifford. Archaeological investigations at the mouth of the Amazon. *Bureau of American. Ethnology*, n. 167. Washington, D.C.: *Smithsonian Institution*, 1957. p. 121.

Como se pode perceber, a cerâmica coletada no rio Oiapoque não tem os mesmos atrativos estéticos que a cerâmica de Santarém, reiterando a idéia de que Frederico Barata acatou a valorização do fragmento como objeto de estudo da arqueologia, passível de informar dados importantes sobre a população que o produziu. As proposições apresentadas pelo casal não se restringiram em influenciar apenas o jornalista.

O etnólogo alemão Peter Paul Hilbert (1914-1989) foi outro que além de compactuar com a orientação teórico-metodológica defendida por Meggers e Evans, se tornou um colaborador das pesquisas do casal na Amazônia. Ele foi contratado em 1949 para assumir a chefia da Seção de Etnologia do MPEG que estava vaga há alguns anos[115]. Logo ao chegar acompanhou Meggers e Evans na última etapa de campo à Ilha do Marajó para conhecer as técnicas e a metodologia utilizada na pesquisa. Em decorrência dessa aproximação, Hilbert deu continuidade ao trabalho dentro dessa abordagem evolucionista que o casal começou a desenvolver no Brasil, tornando-se um grande colaborador das pesquisas de Meggers e Evans. Seguindo as orientações que conheceu na pesquisa de campo, posteriormente procedeu estudos arqueológicos em áreas do médio e baixo Amazonas. Acompanhando este raciocínio é possível afirmar que Hilbert fora treinado para desenvolver a metodologia aplicada pelo casal para que se tornasse um colaborador.

A colaboração se tornou evidente por vários motivos. Em grande parte porque ele costumava mandar os dados obtidos com as escavações feitas de acordo com a orientação do casal. Por exemplo, em 1950 Hilbert retornou à Ilha do Marajó, desta vez para acompanhar Harold Schultz e Myrthes Nogueira, do pesquisadores do Museu Paulista. Entre os meses de janeiro e março, eles escavaram os tesos do Igarapé dos Camutins, os tesos do Severino e a ilha do Pacoval, este último encontrado totalmente remexido. Com os dados desta viagem, Hilbert descreveu os sítios seguindo a metodologia usada por Meggers e Evans, relacionando suas observações com os relatórios de Evans e Meggers da viagem de campo de 1948-49[116]. Esses dados foram usados por Meggers e Evans para descrever um sítio identificado como típico da fase Formiga e que deu continuidade ao trabalho deles porque Hilbert deu continudade a numeração dos sítios que começou a ser feita nas escavações de 1948 e 1949,

---

[115] Ao final da guerra Peter Hilbert começou a trabalhar com Etnologia Africana e logo depois se mudou para o Brasil. HILBERT, Peter Paul, HILBERT, Klaus. *Um rio para o El Dorado*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

[116] HILBERT, Peter Paul. *Contribuição a arqueologia da ilha do Marajó*. Os “tesos marajoaras” do alto Camutins e a atual situação da ilha do Pacoval, no Arari. Belém: Instituto de Antropologia e Etnologia do Pará, 1952. (Publicação n. 5).

fazendo de uso também das fases já estabelecidas por Meggers e Evans. As informações coletadas por Hilbert ajudaram o casal a completar o esquema proposto[117].

Entre novembro e dezembro de 1952 Hilbert excursionou pelo oeste do Pará, mais especificamente entre os rios Nhamundá e Trombetas. A viagem foi custeada e os resultados publicados pelo Instituto de Antropologia e Etnologia do Pará[118]. Este trabalho foi mais extenso que os anteriores onde identificou aproximadamente trinta sítios e apresenta informações como "A cerâmica arqueológica na região de Oriximiná". Neste artigo estudou os diversos aspectos que envolvem a existência dos sítios, a confecção da cerâmica e incorporando as técnicas usadas por Evans e Meggers, a reconstituição das formas dos objetos a partir de fragmentos e até informações sobre a terra preta. Dessa viagem de campo também pode desenvolver outro trabalho sobre um artefato característico da região, os vasos de base trípodes[119] para apresentar no Congresso Internacional de Americanistas[120]. Nestes trabalhos Hilbert deixa transparecer um amadurecimento do conhecimento acerca da pesquisa arqueológica.

Por ter trabalhado durante dois anos no Museu Territorial do Amapá, Hilbert contribui para o trabalho de Meggers e Evans ao apresentar, em português, dados sobre a fase Aristé[121]. Esse artigo foi publicado na Nova Série do Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi no mesmo ano em que Meggers e Evans publicaram "Archeological Investigations in The Mouth of Amazon". O interessante de perceber aqui é que as fase por eles definidas já estavam sendo usadas como referências para outros trabalhos.

Ainda em 1957, Meggers e Evans convidaram o etnólogo para compor a equipe que estava desenvolvendo um plano de trabalho sobre a reconstituição de rotas migratórias da região amazônica, desenvolvido pelo *Smithsonian Institution*.[122] Para este convite se estendia um curso a ser realizado em Washington, no qual participaram outros colaboradores do casal.

---

[117] No trabalho de Meggers e Evans aparecem referencias atribuídas à Hilbert como "correspondencia pessoal" ou "comunicação pessoal". MEGGERS, Betty; EVANS, Clifford. Archaeological investigations at the mouth of the Amazon. *Bureau of American. Ethnology*, n. 167. Washington, D.C.: *Smithsonian Institution*, 1957.

[118] HILBERT, Peter Paul. *A cerâmica arqueológica na região de Oriximiná*. Belém: Instituto de Antropologia e Etnologia do Pará, 1955b. (Publicação n. 9)

[119] Trípodes são fragmentos da base de vaso. Consiste na base cônica de sustentação do vaso que ocorrem em número de três.

[120] HILBERT, Peter Paul. Tripods in the lower Amazon. *Anais do Congresso Internacional de americanistas*. v. 31. n. 2. São Paulo: s.n.t., 1955a

[121] HILBERT, Peter Paul. Contribuição a Arqueologia do Amapá: Fase Aristé. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*. Nova Série. Antropologia, Belém: MPEG, n. 1, 1957.

[122] AMPEG, Fundo Museu Paraense Emílio Goeldi, Gestão Walter Egler. Carta de Walter Egler, Diretor do Museu Paraense Emílio Goeldi ao Sr. Raul Antony, Diretor do Instituto de Pesquisas da Amazônia, 16 nov. 1957.

Técnicas de escavação, observação dos aspectos de formação do sítio, observação dos atributos tecnológicos para confecção da cerâmica e a reconstituição das formas dos objetos – todos esses aspectos foram utilizados por Hilbert para desenvolver seus trabalhos em arqueologia amazônica. Um aspecto que é usado por Meggers, até então não é adotado por Hilbert, é o estabelecimento de cronologias. Somente quando publicou "Archäologische Untersuchungen am mittleren Amazonas"[123] é que elas aparecem, incluindo também a criação de novas fases que ainda não tinham sido trabalhadas por Meggers e Evans.

2.4 O LEGADO DE MEGGERS E EVANS PARA O MPEG

A transferência de Peter Hilbert para o Amapá se deu principalmente por motivos financeiros. O relatório referente ao ano de 1953, escrito pelo diretor Armando Bordalo da Silva, dá uma idéia da situação em que se encontrava o MPEG. Somente a Secção de Laboratório possui chefia, que estava a cargo do próprio diretor do Museu. As demais secções encontravam-se sem pesquisadores, inclusive a Seção de Antropologia e Etnologia, pois neste mesmo ano, Peter Paul Hilbert fora contratado pelo Museu Territorial do Amapá, recebendo como salário a quantia de Cr$10.000,00, enquanto que o MPEG lhe pagava Cr$2.500,00[124]. Nesse mesmo relatório, o diretor do MPEG expõe a falta de recursos da instituição e a necessidade urgente de aumentar e regularizar a verba destinada ao Museu. O diretor do MPEG à época, Armando Bordalo da Silva sugere, então, três alternativas para solucionar esse problema, dentre elas a federalização do MPEG. que vem a acontecer no ano seguinte.

O acordo mencionado no capítulo anterior entre o Governo do Pará e a União representa uma significativa mudança para a instituição, pois resultou na restauração do Museu, em melhorias físicas e na contratação de funcionários. Nas décadas seguintes, diversas pesquisas foram realizadas, o Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi voltou a circular com um novo formato e o acervo da instituição foi reorganizado e ampliado, incluindo nestas melhorias o acervo arqueológico.

Outra organização que investiu no MPEG, foi o *Smithsonian Institution* que há muito tem investido no Brasil. Já durante a década de 1840, uma expedição da instituição visitou o Brasil. Pesquisadores das mais diversas áreas do conhecimento também visitaram o país em

---

[123] HILBERT, Peter Paul. *Archäologische Untersuchungen am mittleren Amazonas*. Berlim: Dietrich Reimer. 1968.

[124] AMPEG. Fundo Museu Paraense Emílio Goeldi. Gestão Armando Bordalo da Silva. Correspondência de Armando Bordalo da Silva, diretor do MPEG, para José Cavalcante Filho, Secretário de Educação e Cultura, 22 Fev. 1954.

busca de dados para seus trabalhos. De acordo com Cotter e Fernandez[125] foi somente depois da guerra que essa relação ficou mais evidente e, no que diz respeito a arqueologia, o investimento com as pesquisas de Betty Meggers e Clifford Evans foram de extrema importância não só para o produção científica do casal e da instituição, mas também para a consolidação da arqueologia brasileira.

Neste período o acervo arqueológico do MPEG cresceu significativamente graças às pesquisas do casal Betty Meggers e Clifford Evans. Podendo inclusive fazer a gentileza de enviar material arqueológico para outras instituições para compor coleções tipo[126]. Os relatórios da época indicam que apesar da dita "crise", foram realizadas algumas melhorias e dentre os maiores beneficiados a Seção de Arqueologia, que nesse período estava vinculada a Seção de Etnologia.

> SEÇÃO DE ARQUEOLOGIA
> Foi este setor do Museu um dos mais beneficiados em 1949. Varias mostras novas foram feitas e as peças dispostas segundo o metodo moderno, o que provocou da parte do diretor do Museu Paulista, o eminente etnologo Hebert Baldus, umas entrevista cheia de encomios à nossa instituição.
> Graças à gentilizado fasendeiro Armando Teixera, proprietário de terras com mounds em Marajó, e dos arqueologos Clfford Evans e Betty Evans, que ali procederam a escavações, possuimos hoje indiscutivelmente a mais bela igaçaba de que ha noticia no Brasil. Essa peça riquissima veiu dar um realce e um valor enorme às nossas coleções, sendo alvo já de referencia em diversas revistas especialisadas[127].

Dentre outros benefícios, a presença do casal possivelmente influenciou para que a exposição permanente fosse repara aos moldes do que se fazia nos EUA. E ao que parece a reorganização da exposição de arqueologia contou com a contribuição de Evans, pois ao finalizar o curso de doutorado assumiu a curadoria do Smithsonian Institution[128].

> SECÇÃO DE ARQUEOLOGIA
> Grandes obras foram executados nesta dependencia do MUSEU GOELDI. O material era exposto, ou melhor, acumulado em um sala apenas. Hoje desdobra-se em tres, acabando-se separadas em mostras diferentes as varias ceramicas: Marajó, Santarem, Cunani, Maracá, etc., etc.
> Fora isso construimos novos armários, ficando na parte superior deles, envidraçadas, as peças expostas ao público e na parte inferior, encerrados em gavetas, os fragmentos destinados ao manuseio dos estudiosos da matéria.
> Pela primeira vez desde que o MUSEU existe as vitrines foram forradas de pano lona de cõr apropriada) de maneira a que as peças se destaquem aos olhos de quem contemple. Para todas

---

[125] COTTER, Michael e FERNANDEZ, Lionel. *O Brasil na Smithsonian: um levantamento da presença do Brasil nas coleções da Smithsonian*. Washington, D.C., *Smithsonian Institution* (2001?).

[126] Coleção tipo é uma denominação museológica para um conjunto de artefatos representativos de cada cultura, geralmente composta para fins didáticos.

[127] AMPEG. Oficio n. 21 de Inocêncio Machado Coelho, diretor do MPEG, para Armando de Souza Correa, Secretário Geral do Estado. Assunto: Obras e melhoramentos efetuados pelo MPEG.. Belém, 15 fev. 1950.

[128] "The first curator to modernize an exhibit hall in the 1950s, an organizer of the Smithsonian Senate of Scientists" GOODWIN, Christopher; SIMÕES, Mário F.; MAGGIOLO, Marcio Veloz. Clifford Evans, Jr., 1920-1981. *American Anthropologist*, New Series, v. 84, n. 3, Sep., 1982. p. 637.

> elas foram feitos suportes especiais, apresentando-se hoje as mesmas artisticamente, sem que a visão de um prejudique a visão de outra, como antigamente, quando todas estavam misturadas sem distinção alguma, no fundo dos armários.
> O material está de tal forma organizado que foi feita uma vitrine especialmente para as famosas tangas marajoaras e outra exclusivamente para os ídolos[129].

Não há porque afirmar se a intenção era *dominar* a arqueologia amazônica mas é notável que a partir das escavações realizadas mais intensivas no Brasil, Equador e Venezuela, Meggers ficou reconhecida como a responsável pelo impulso às pesquisas arqueológicas, com mais ênfase na Amazônia brasileira.

É inegável a importância da atividade do casal porque comprovaram a antiguidade dos povos que habitaram a Amazônia antes da colonização portuguesa, treinaram arqueólogos e formularam diversas teorias para a arqueologia amazônica. O próprio casal preocupou-se em registrar o trabalho diferenciado que executaram e estabeleceram a fronteira entre arqueologia "científica" – que estariam inaugurando – e uma arqueologia "pré-científica".

Meggers acredita que somente a partir de 1955 a arqueologia no Brasil passou a ter um caráter cientifico deixando de ser apenas um *hobby*. Em suas próprias palavras "during this decade [1950], Brazilian archeology was transformed amateur pastime to a professional activity[130]". Os arqueólogos norte-americanos subjugaram a seriedade dos trabalhos arqueológicos que os antecederam e consideraram a arqueologia desenvolvida no Brasil antes de 1948 como "especulativa", idéia que foi assimilada pelos arqueólogos locais treinados por eles, como Mário Ferreira Simões (1914-1985), pesquisador do MPEG, responsável pelo Setor de Arqueologia da instituição entre 1964 e 1981. Simões[131] reforçou essa idéia de que os estudos anteriores ao início das pesquisas do casal na Amazônia, definindo o período de 1870 a 1954 como pioneiro que teria terminado com as escavações de 1948 e 1949, a partir de então "encerrar-se-ia a etapa especulativo-descritiva".

Simões não define o que é "especulativo-descritivca" mas a inspiração para classificar os períodos dessa maneira está no estudo que Gordon Willey e Jeremy Sabloff fizeram para história da arqueologia americana[132]. O primeiro período é "especulativo" que abrangem o período de chegada dos europeus na América e produção de crônicas e descrições; o segundo

---

[129] AMPEG. Of. 71. Correspondência de Inocêncio Machado Coelho, diretor do MPEG, para Armando de Sousa Correa, Secretário Geral do Estado. Assunto: Obras e melhoramentos efetuados no Museu P. E. Goeldi. 05 mai 1949.

[130] MEGGERS, Betty. Advances in Brazilian Archeology, 1935-1985. *American Antiquity.* Society for American Archaeology, v.50, n. 2, 1985. p. 366

[131] SIMÕES, Mário. As pesquisas arqueológicas no Museu Paraense Emílio Goeldi (1870-1981). *Acta Amazônica.* V. 11 n.1. Manaus: 1981.

[132] WILLEY, Gordon. SABLOFF, Jeremy. A history of American archaeology. San Francisco: W. H. Freeman and company, 1974.

"classificatório-descritivo", quando se começou a fazer uma arqueologia menos especulativa e mais cientifica com desenvolvimento de conceitos e métodos. Simões mesclou os dois períodos e criou apenas um que abrange essas características: até então apenas especulações, suposições sem fundamentos científicos que foram feitas por viajantes e cronistas, e posteriormente as primeiras atividades incluindo escavações e analises de material arqueológico feitas por alguns naturalistas.

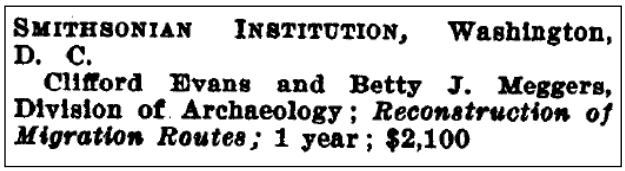
Considera-se, portanto, que a atividade do casal foi relevante do ponto de vista histórico para a arqueologia brasileira porque trouxe novas interpretações para essa ciência. Isto é, suas teorias influenciaram a comunidade científica da época até as décadas seguintes, e suas pesquisas demonstraram a viabilidade e a necessidade de investigações mais criteriosas para subsidiar teorias e hipóteses acerca da ocupação humana na Amazônia.

A chegada dos pesquisadores Betty Meggers e Clifford Evans foi, de fato, um marco para arqueologia brasileira, em especial para a Amazônia, pois foi onde deixaram frutos tanto no desenvolvimento técnico como no teórico. É certo também que o casal sofreu sérias críticas, e muito fortes principalmente a partir da década de 1980, quando a arqueologia brasileira começou a passar por revisões.

2.5 A ARQUEOLOGIA DE MEGGERS E EVANS NA AMAZÔNIA

O que o Meggers e Evans buscavam com esse trabalho na Amazônia consistia em comprovar a rota migratória que eles tinham em mente para explicar a existência de um *chiefdom* na floresta tropical. O nome do projeto era "Reconstruction of Migrations Routes".

Ilustração 6 Trecho financiamento de projeto aprovado para ser subsidiado pela Society for American Archaeology (SAA)


SMITHSONIAN INSTITUTION, Washington, D. C.
Clifford Evans and Betty J. Meggers, Division of Archaeology; *Reconstruction of Migration Routes;* 1 year; $2,100

Essa verba não era a menor concedida, mas estava entre os mais baixos recursos disponíveis para pesquisa, que dos outros projetos girava em torno de U$10.000 ou mais. O importante de se verificar neste trabalho é o título do projeto que estava sendo financiado: "Reconstrução de rotas migratórias" (minha tradução). A crítica recorrente aos que defendem migração citada por Colin Renfrew e Paul Bahn[133] é que não há existe um método preciso

[133] RENFREW, Colin; BAHN, Paul. *Archaeology*: theories, methods and practice. 4. ed. Londres: Thames and Hudson. 2004.

para comprovar como a migração aconteceu. De qualquer maneira, Meggers desenvolveu fortes argumentos para sustentar sua hipótese de migração. E para que pudessem comprovar essa hipótese, Meggers e Evans se empenharam em realizar escavações no Equador, Venezuela, Guiana e recebendo informações sobre as pesquisas de Peter Hilbert no Brasil.

Nesse tempo, o trabalho de Meggers e Evans já era conhecido no Brasil e José Loureiro Fernandes (1903-1977) já tinha interesse na contribuição que o casal poderia oferecer aos pesquisadores brasileiros. Loureiro estudou medicina, mas foi reconhecido como antropólogo, tendo sido também pesquisador e professor da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Já em 1954 tinha interesse em chamar Meggers e Evans para ministrar cursos para arqueólogos no Brasil, porém, de acordo com Igor Chmyz, não havia pessoal qualificado para participar de tal curso[134]. Este ocorreu somente dez anos mais tarde, quando Loureiro Fernandes acreditou que haveria alunos suficiente para cursar as aulas. Primeiro, em 1962, houve o curso ministrado pelos arqueólogos franceses Annete Laming-Emperaire, e somente em 1964 o curso ministrado por Meggers e Evans sobre análise cerâmica e elaboração de cronologias relativas, isto é, ensinar o método Ford[135]. Objetivo do casal era ministrar o curso e retomar os trabalhos que estavam fazendo em outras regiões, porém surgiu oportunidade dar continuidade deste trabalho por sugestão também de Loureiro Fernandes com o Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas[136].

Aparentemente, havia necessidade de contar como era difícil o trabalho de campo na Amazônia: “we accustomed ourselves to doing half a day’s hard labor with only a *cafezinho* for breakfast; we learned to accommodate our schedule to the hours of daylight and the rhythm of the tides”[137]. Pode ser encarado como a sua defesa para as críticas que se tornaram mais intensas a partir da década de 1980. Também seria um modo de reafirmar a sua condição de “desbravadora” ou até “pioneira” da arqueologia amazônica.

Em outra ocasião há o seguinte relato de uma maneira mais geral a dificuldade de :

---

[134] CHMYZ, Igor. *Depoimentos de arqueólogos pioneiros*: Igor Chmyz. Disponível em <http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=arqueologia&id=11> Acesso em: 15 dez. 2007.

[135] DIAS, Adriana Schmidt. Um projeto para a arqueologia brasileira: breve histórico da implementação do PRONAPA. *Revista CEPA*. Santa Cruz do Sul, v. 19, n. 22, mar. 1995.

[136] “Apesar da receptividade ao método por eles propostos e dos contatos feitos na ocasião, não fazia parte do plano imediatos do casal desenvolver qualquer linha de pesquisa no país” Idem. “Aí quando surgiu o [Mário] Simões e conversou com o casal Evans. Eles já tinham feito um projeto parecido na República Dominicana para experimentar na prática o método próprio [...], e eles sabiam disso. Então quando o casal Evans vieram não sei se já tinham combinado antes ou não eles começaram a fazer pressão, vamos fazer [...], mas não tinha dinheiro” DIAS JR., Ondemar. Entrevista concedida a Cássia Santos da Rosa. Belém, 14 dez. 2006.

[137] MEGGERS, Betty. Advances in Brazilian Archeology, 1935-1985. *American Antiquity.* Society for American Archaeology, v.50, n. 2, 1985. p. 365, 366. “Nós nos habituamos a passar metade de um dia árduo de trabalho tomando apenas com o cafezinho no desjejum” (tradução nossa).

> Archeology in the tropical forest of South America present, in addition to the usual problems, many difficulties that are not encoutred in the more arid or more accessable parts of New World. Manuals of field procedure and precision methods of excavation technique frequently cannot be followed, and the field situation must be with an understanding for what is pertinent and what is unprofitable in order to gain the maximum of information in shortest possible time[138].

Esse argumento aparece em diversas ocasiões, por outro lado, a presença de Meggers na Amazônia pode ser considerada como um acontecimento moderno porque as inovações trazidas pela pesquisadores representam as inovações tecnológicas e acumulo de técnicas para produção de conhecimentos cada vez mais completos sobre determinados assuntos. Reforçando sua "atitude moderna", Meggers considera os trabalhos com temáticas arqueológicas produzidos antes de 1948 de "pré-cientificos", isto é, negando os trabalhos anteriores.

[138] MEGGERS, Betty.; EVANS, Clifford. ESTRADA, Emílio. *Early formative period of coastal Ecuador*: the valdivia and machalilla phases. Washington: United States Government Printing Office, 1965. p.1.

CAPÍTULO 3
A ORIGEM DAS IDÉIAS: AS TEORIAS E ABORDAGENS NO DISCURSO DE BETTY MEGGERS

Após realizar viagens de campo na América do Sul, Meggers escreveu textos que, cada vez mais, abordavam questões teóricas. "Amazônia: a ilusão de um paraíso" aparece entre os trabalhos que mais influenciaram os arqueólogos brasileiros até a década de 1980 e 1990, quando foi perdendo força em decorrência do final do Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas da Bacia Amazônica, PRONAPABA[139]. Período que coincide com o momento que a arqueóloga norte-americana Anna Roosevelt começou a fazer escavações na Amazônia brasileira. Neste momento também uma nova geração de arqueólogos se identificou com as abordagens propostas por Roosevelt e iniciou-se um período de questionamento das teorias defendidas por Betty Meggers[140].

Porém, desde que Meggers começou a publicar trabalhos mais teóricos, a partir de década de 1950, Meggers foi alvo de críticas e participou de alguns debates para se firmar como acadêmica. O que se costuma dizer é que Betty Meggers no Brasil tem sua atuação científica enormemente valorizada, mas nos EUA ela é *simplesmente* Betty Meggers.

A questão que se pretende levantar neste capítulo está focalizada na formação acadêmica de Betty Meggers e discutir as críticas que Meggers recebeu ao longo de sua trajetória. Entre os brasileiros, Pedro Paulo Funari, Eduardo Neves e Tânia Andrade Lima e, mais recentemente, Denise Schaan, Fabíola Silva e Adriana Schimt Dias. Em oposição aos seus defensores, seus pares, especialmente os que trabalharam junto com Meggers e Evans desde a implantação do PRONAPA e PRONAPABA.

A antropologia ecológica focaliza as relações humanas e o ambiente e seus impactos na terra, clima, plantas e espécies animais. Esta abordagem, que era bastante difundida durante a primeira metade do século XX, serviu como uma das principais fontes para o desenvolvimento das teorias Meggers e foi responsável pela integração de pesquisas ambientais e antropológicas incluindo conceitos como população, comunidade e ecossistema

---

[139] Existe uma dissertação de mestrado, em fase de finalização, que pesquisa a produção científica de Betty Meggers. O objetivo é realizar a análise do discurso da autora no livro "Amazônia, a ilusão de um paraíso", tendo como ferramenta a Teoria da Argumentação na Língua. O referido trabalho já foi previamente apresentado, para mais conferir RAUBER, Renata. Um novo olhar para a arqueologia da Amazônia: relação entre argumento e conclusão. In: I Congresso Internacional da SAB XIV Congresso da SAB III Encontro do IPHAN e arqueólogos. Florianópolis: SAB, 2007.

[140] O debate teórico entre Meggers e Roosevelt foi amplamente discutido por PEDROSA, Tatiana de Lima. *Arqueologia e interpretação: criação de dois modelos arqueológicos para a Amazônia*. Dissertação (Mestrado em História). Porto Alegre: PUCRS, 2008.

que são *a priori* unidades biológicas[141]. Para compreender de que maneira foi construído o pensamento de Meggers é necessário retornar às matrizes teóricas que fundamentaram os conceitos utilizados pelo casal.

3.1 EVOLUCIONISMO, MARXISMO E ANTROPOLOGIA

Foi a partir dos estudos de Charles Darwin que o banqueiro e naturalista inglês John Lubbok (1834-1931) começou a estudar a pré-história e se tornou responsável pela inserção da teoria darwinista na arqueologia. Na verdade a idéia sobre evolução humana não era nova, mas sim a idéia de seleção natural. Lubbok foi o responsável por aproximar darwinismo e arqueologia o que resultou na credibilidade dessa ciência nova e na valorização do papel da arqueologia, pois cabia a ela provar que se a evolução ocorreu de fato. Isto é, as evidências arqueológicas serviriam para demonstrar o grau de desenvolvimento cultural que cada sociedade tinha atingido[142].

O primeiro antropólogo fora da Europa a formular hipóteses tendo por base a teoria da evolução foi o antropólogo norte americano Lewis Henry Morgan (1818-1881). Ele propôs esquemas evolutivos para antropologia que privilegiavam os avanços tecnológicos na evolução da sociedade, que o tornaram responsável pela formulação do conceito de evolução social, um esquema unilinear para a evolução das sociedades. Karl Marx (1818-1883) e Friedrich Engels (1820-1895) partiram das proposições de Morgan e contribuiu para que eles construíssem as idéias sobre o capitalismo[143], como se verifica nas discussões a respeito troca de mercadoria e divisão de trabalho dentro da análise de Marx do processo de produção de capital[144].

A crítica ao trabalho de Morgan girava em torno da evolução unilinear que ele defendia. De uma maneira geral, os estudos arqueológicos que adotaram o evolucionismo unilinear, começaram a ter problemas com as comparações etnográficas, pois a antropologia se tornou dependente da etnologia e passou a ser considerada uma ramificação da antropologia[145]. Esse tipo de abordagem teria prejudicado o andamento das pesquisas arqueológicas no Brasil, por exemplo. Porém, a maior influência teórica no país ocorreu por parte da arqueologia aplicada na Escandinávia, onde houve uma certa rejeição na

---

[141] MORÁN, Emílio. *A ecologia humana das populações da Amazônia*. Petrópolis: Vozes, 1990. p. 64
[142] TRIGGER, Bruce. *História do pensamento arqueológico*. São Paulo: Odysseus, 2004.
[143] MORÁN, Emílio. *A ecologia humana das populações da Amazônia*. Petrópolis: Vozes, 1990.
[144] MARX, Karl. O Capital. *Crítica da economia política*. Livro Primeiro. O processo de produção do capital. V. 1. 13ª ed. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1989.
[145]. MORGAN, Lewis Henry. A sociedade primitiva. V. 1. Lisboa: Presença, 1973.

aplicabilidade do evolucionismo unilinear. Na medida em que crescia o interesse de construir uma identidade nacional, a abordagem evolucionista unilinear foi abandonada. Este fenômeno que ocorreu em diversas partes do globo em função da criação dos estados nacionais e da necessidade de criar uma identificação daquela nação; nacionalismo é um termo que apareceu nas últimas décadas do século XIX[146].

De qualquer modo, a relevância do trabalho do antropólogo norte-americano Lewis Henry Morgan (1818-1881) pode ser verificada pela valorização que ele deu as formas de parentesco como um fator significante no processo de evolução. Além disso, também percebeu a importância da tecnologia existente na sociedade para organização social[147].

Outro estudioso que deixou uma grande contribuição para o desenvolvimento da antropologia ecológica foi o etnólogo e geógrafo alemão Friedrich Ratzel (1844-1904). Seu trabalho privilegiou a geografia, em especial as descrições sobre a paisagem e ocupação humana, foi um dos primeiros a utilizar o termo "determinismo" no sentido de que aspectos geográficos e ambientais limitariam o desenvolvimento de grupos humanos. Este termo foi usado pela primeira vez em sua obra "Antropogeografia" de 1882. Ratzel também era defensor do difusionismo defendendo a idéia de que "[...] o mundo é muito pequeno, as mesmas invenções não deveriam ter sido inventadas várias vezes em diferentes partes do globo [...]. Ele tentou demonstrar que coisas como zarabatanas, arcos e flechas, onde quer que tenham ocorrido no mundo, podem ter sua origem última comum rastreada no passado"[148] e por conseqüência trabalhava com o conceito de áreas culturais. Essas teorias exerceram forte influência no pensamento da ecologia cultural de Steward[149].

A teoria ratzeliana sobre áreas culturais e difusionismo também influenciaram o antropólogo Franz Boas, haja vista que o mesmo começou a aplicá-las nos Estados Unidos. Alemão, radicado nos Estados Unidos, Boas destaca-se por ressaltar em seus estudos não a história de sociedades no todo, mas sim por considerar a ação da história particular de cada grupo humano e sua ação no desenvolvimento cultural, uma abordagem que ficou conhecida como historicismo particularista, ou seja, cada grupo elabora seus valores culturais principalmente por conseqüência de fatores históricos. Isto representou uma contestação ao evolucionismo cultural. "Boas e seus estudantes enfatizaram que os fatores históricos

---

[146] HOBSBAWM, Eric. *A era dos extremos*. O breve século XX: 1914-1991. 2ª ed. São Paulo: Cia. das letras, 1995.
[147] MORGAN, Lewis Henry. A sociedade primitiva. Lisboa: Presença, 1973. v. 1.
[148] TRIGGER, Bruce. *História do pensamento arqueológico*. São Paulo: Odysseus, 20041. p. 147.
[149] Essa teoria ajudou a legitimar a expansão do Império Prussiano impulsionada pelo chanceler Otto Von Bismark, e mais tarde para subsidiar o discurso nazista.

particulares eram tão significativos na explicação de mudanças sociais como eram os fatores geográficos e ambientais"[150]. Desse modo o ambiente não representaria o fator determinante para o desenvolvimento da cultura, ao contrário das proposições anteriores, o manejo ambiental seria determinado pela herança cultural, por fatores históricos particulares de cada sociedade. Ele preconizava a favor de que os estudos culturais não deveriam ser etnocêntricos e manifestava-se contrário ao antagonismo dos conceitos de "selvageria" *versus* "civilização"[151].

Boas afirmava que cada cultura devia ser considerada como uma instituição única e ser compreendida observando-se essa característica, numa clara demonstração da oposição de Boas à doutrina do evolucionismo. Esta proposição requer a aceitação das doutrinas de evolução cultural e do particularismo histórico; a primeira, "negava a existência de qualquer padrão universal aplicável na comparação do grau de desenvolvimento, ou de valor, de diferentes culturas", e a segunda, "que considera cada cultura como produto de uma seqüência única de desenvolvimento, na qual a difusão (em grande medida fortuita) desempenhava um papel proeminente no desencadeamento da mudança"[152]. O desenvolvimento das culturas, de acordo com Boas, trazem em si regularidades que de certo modo dificultam a compreensão das mesmas devido a sua complexidade.

> A única maneira de explicar o passado era determinar os sucessivos episódios idiossincráticos de difusão que modelaram o desenvolvimento de cada cultura 'Boas acreditava que, ser desenvolvimento das culturas encerra regularidades, elas vêm a ser tão complexas que desafiam a compreensão[153].

O conceito de cultura etnográfica, como unidade básica de estudo, e o difusionismo, como causa principal da mudança cultural, estão entre os conceitos adotados dentro da antropologia e defendidos por Boas. A aplicação do relativismo e oposição ao racismo levou-o a perceber que os grupos indígenas estudados eram capazes de mudanças. Não há comprovação de que o conceito europeu de cultura arqueológica tenha sido levado aos Estados Unidos por Boas. Apesar do seu envolvimento com o tema no México, esse assunto não era o seu foco principal. Depreende-se pelo modo como o conceito se desenvolveu e da forma como foi empregado na América do Norte "antes mesmo de ter tido uma definição formal na Europa", que este conceito teve uma procedência independente. "Tanto a versão

---

[150] MORÁN, Emílio. *A ecologia humana das populações da Amazônia*. Petrópolis: Vozes, 1990. P. 52.
[151] Vale lembrar que o evolucionismo desencadeou uma série de posições racistas.
[152] HARRIS apud TRIGGER, Bruce. *História do pensamento arqueológico*. São Paulo: Odysseus, 2004p. 147, 148.
[153] HARRIS apud TRIGGER, Bruce. *História do pensamento arqueológico*. São Paulo: Odysseus, 2004p. 147, 148.

americana quanto a européia tinham raízes na etnologia de Friedrich Ratzel" conclui Trigger[154].

Vale ressaltar que a utilização do termo cultura foi usado pela primeira vez a um conjunto de sítios que abrigavam conjuntos de artefatos característicos do Vale do Ohio. Constatou-se também que o conceito de cultura arqueológica na América era aplicado de maneira distinta ao mesmo conceito na Europa, apesar de ambas serem definidas como unidades geográficas[155]. Essas culturas foram definidas após a verificação dos focos e aspectos nos quais os tipos de artefatos para cada componente se distinguiam ou pelo que eles tinham em comum. Esse processo tinha correlação com a concepção histórico particularista proposta por Boas. Concepção na qual as culturas "eram vistas não como sistemas integrados, mas como coleções de traços que vinham a cominar-se em conseqüência de acidentes históricos"[156]. As intervenções relativas ao comportamento humano não estavam contidas nessas definições, sequer observou-se o sentido ecológico daquilo que estava sendo encontrado, conforme Childe fizera em outra ocasião.

Gordon Willey e Phillip Phillips, na obra Method and Theory in American Archaeology, desenvolveram uma metodologia que possibilita a construção de cronologias. Eles consideram que tanto as culturas como os tipos de artefatos são importantes porque devido a sua continuidade, ainda que afetadas por modificações, resultam em tradições e novos horizontes culturais[157]. Meggers e Evans basearam-se no método organizado por Willey e Phillips para estabelecer culturas, horizontes e tradições arqueológicas.

Cultura, em arqueologia, designa uma associação de objetos de diferentes tipos, com padrões tecnológicos semelhantes que se repetem com certa freqüência no espaço tempo semelhante. Horizonte consiste em grupos de elementos ou técnicas que se distribuem espacialmente em tempo relativamente curto. Tradição consiste no grupo de elementos ou técnicas, com persistência temporal, uma seqüência de estilos ou de culturas que se desenvolvem no tempo, partindo uns dos outros e formam uma continuidade cronológica. Fase representa qualquer complexo de cerâmica, lítico, padrões de habitações, etc., relacionados num determinado tempo e espaço, num ou mais sítios[158]. Esses conceitos aparecem delimitados no *Handbook of South American Indians*. Os conceitos de "horizonte" e

---

[154] TRIGGER, Bruce. *História do pensamento arqueológico*. São Paulo: Odysseus, 2004. p. 181
[155] Idem. p. 182.
[156] TRIGGER, Bruce. *História do pensamento arqueológico*. São Paulo: Odysseus, 2004. p. 185
[157] WILLEY, Gordon, PHILLIPS, Phillip. *Method and Theory in American Archaeology.* Chicago: University of Chicago Press, 1958.
[158] MENDONÇA DE SOUZA, Alfredo. *Dicionário de Arqueologia.* Rio de Janeiro: ADESA, 1997.

"tradição" são semelhantes e o primeiro foi substituído pelo segundo ao longo das pesquisas de Meggers.

Os críticos apontam algumas restrições consistentes para o uso de tipologias e definição de fases e tradições. Denise Schaan acredita que estas definições adquiriram uma correlação com grupos étnicos, revelando-se falhas para explicar a trajetória das populações humanas. Adriana Dias colabora neste debate ao colocar que estes conceitos perderam seu propósito primeiro ao longo do tempo no Brasil, isto é, como conseqüência da pouca ou nenhuma reflexão teórica Silva concluiu em suas análises que a variabilidade de determinados atributos durante a fabricação da cerâmica são mais flexíveis do que era sugerido por Meggers[159]. É inegável a necessidade atual para arqueologia brasileira de revisão de determinados conceitos, no entanto, ainda não foi apresentada uma solução consistente para o mesmo assunto. Ao mesmo tempo o debate proposto por estes pesquisadores provoca reflexões mais aprofundadas sobre o assunto.

Em decorrência deste Klaus Hilbert e Adriana Dias sugerem aos arqueólogos brasileiros que façam uma leitura mais aprofundada do que foi feito e publicado antes de Meggers e Evans e de como a aplicabilidade dos conceitos foi realizada nas pesquisas dentro do território brasileiro. Ambos apresentaram uma reflexão histórica sobre o assunto: K. Hilbert apresentou uma reflexão mais teórica, enquanto Dias se deteve em questões mais metodológicas.

A divulgação de *novos* conceitos e metodologias na arqueologia influenciaram as mudanças ocorridas na arqueologia norte-americana libertando-a dos estereótipos reinantes no século XIX. Ainda que se continuasse atribuir à migração como a principal modificação no registro arqueológico, a contragosto aceitava-se a difusão como uma referência da capacidade criadora dos índios norte-americanos. Entender e reconstruir o modo de vida pré-histórico do homem americano diminuiu de importância, isso ocasionou um distanciamento entre a

---

[159] Os artigos de Schaan, Dias e Silva citados neste parágrafo foram apresentados no XIII Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira em Campo Grande, MS em 2005. O Simpósio "Fronteiras territoriais e identidades culturais: as causas e os significados da variabilidade artefatual dos registros arqueológicos" contou com a participação de Fabíola Silva, Adriana Dias, Denise Schaan e Gislene Monticelli – embora não tenha participado da apresentação oral publicou seu artigo junto com os outros participantes –, tendo com debatedor Klaus Hilbert. DIAS, Adriana. Novas perguntas para um velho problema: escolhas tecnológicas como índices para o estudo de fronteiras e identidades sociais no registro arqueológico. *Boletim do museu paraense Emilio Goeldi*. V. 2, n. 1. Belém: MPEG, janeiro-abril, 2007. HILBERT, Klaus. *Cave canem*. Cuidado com os pronapianos! *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi.* Belém: MPEG, 2007. SCHAAN, Denise. Uma janela para a história pré-colonial da Amazônia: olhando além – e apesar – das fases e tradições. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*. Antropologia. V. 3. Belém: MPEG, 2007. SILVA, Fabíola. O significado da variabilidade artefatual: a cerâmica dos Assurini do Xingu e a plumária dos Kayapó-Xikrin do Cateté. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*. Antropologia. V. 3. Belém: MPEG, 2007.

arqueologia e a etnologia e também entre arqueólogos e povos nativos. Os arqueólogos norte-americanos acrescentaram ao enfoque histórico-cultural dos europeus, ao qual eles deram uma leitura própria, os recortes das variações cronológicas no registro arqueológico, fato que complementou a importância que eles previamente já atribuíam às variações geográficas.

Boas formou uma geração de antropólogos que se destacaram também por adotar em seu discursos o ambiente como referencial para desenvolver suas análises antropológicas. Alfred Louis Kroeber, por exemplo, que foi aluno de Boas na Columbia University, adotou em seu discurso o conceito de relativismo cultural, idealizado por Boas. Kroeber contribuiu para a arqueologia amazônica, como já foi dito anteriormente, e realizou escavações no México e no Peru, dentro de uma abordagem histórico-cultural usado por pesquisadores norte-americanos que privilegiava o estudo da cultura material com a finalidade de resgatar nas escavações artefatos capazes de definir os traços culturais de cada grupo a partir de aspectos decorativos e tecnológicos. Esse tipo de abordagem, no entanto, não estava preocupada com os estágios evolutivos das sociedades em estudo, e sim em construir a seqüência cronológica da cultural material de um determinado grupo[160]. Kroeber trabalhava também com o conceito de difusionismo e para isso desenvolveu

> uma perspectiva na qual os processos sociais são produtos do imprevisível e lento processo de integração cultural ou do 'clímax cultural'. Para ele tal clímax refere-se a uma intensificação de idéias culturais e na, noção hegeliana de uma entidade superôrganica, à cultura[161].

Por fim, é importante dizer aqui que esta perspectiva difusionista de Kroeber obteve sustentação no conceito de áreas culturais, um aspecto do trabalho de Kroeber que buscava correlacionar os traços culturais e geográficos, aspectos ambientais com a presença ou ausência de determinados traços culturais.

Para Kroeber utilizar o conceito de áreas culturais seria uma maneira de justificar o difusionismo, para Julian Steward foi útil para que ele ajustasse os seus estudos de ecologia cultural. Kroeber também contribuiu para que Steward construísse um pensamento holístico para compreender a sociedade sob diversos pontos de vista. O que é possível observar nos trabalhos de Steward é que ele seguiu o *four field approach*, a abordagem norte-americana para pesquisas antropológicas, que tem como objetivo estudar o homem em quatro campos: cultural, biológico, lingüístico, e arqueológico. Antropologia cultural para estudar os padrões rituais e comportamentais das populações. A lingüística para pesquisar sobre a língua e a

---

[160] TRIGGER, Bruce. *História do pensamento arqueológico*. São Paulo: Odysseus, 2004.
RENFREW, Colin; BAHN, Paul. *Archaeology*: theories, methods and practice. 4. ed. Londres: Thames and Hudson. 2004.
[161] MORÁN, Emílio. *A ecologia humana das populações da Amazônia*. Petrópolis: Vozes, 1990. p. 53

linguagem, em termos de estrutura, aquisição e seu uso na transmissão de cultura. Antropologia biológica para estudar a diversidade biológica dos homens e outros aspectos relacionados a biologia que ajudem a compreender as sociedades em estudo. E a arqueologia que utiliza os vestígios materiais para entender e explicar o comportamento humano. Em outras palavras, era preciso entender as sociedades de um modo mais global para compreender o modo de vida das populações. Na verdade "entender o modo de vida" estava dentro do contexto da influência exercida do pensamento marxista sobre as teorias antropológicas norte-americanas[162].

Marx elaborou uma teoria para explicar o desenvolvimento da história humana que orientou longamente as ciências de um modo geral: luta de classes. Já na década de 1930 a abordagem marxista para o estudo de dados arqueológicos concebia a evolução social, que não foi formulado por Marx, em um esquema unilinear nos seguintes estágios: pré-clânico, clã matriarcal, clã patriarcal, clã terminal; seguidos por três formas de sociedade de classe: escravistas, feudal e capitalista e por mais duas formas de sociedade sem classes, que seriam os estágios finais para o desenvolvimento humano. Os arqueólogos soviéticos interpretariam seus achados de acordo com o proposto acima, isto é, "estavam interessados no modo de vida dos habitantes pré-históricos"[163]. Isto significa dizer, esta abordagem pôs em prática na União Soviética uma arqueologia que estudava os assentamentos e buscava explicação social de dados arqueológicos. Ou seja, as ocupações territoriais deixaram de ser explicadas apenas por seus aspectos tecnológicos, mas também pela forma como estavam organizadas socialmente. Esse foi o ponto que os antropólogos norte americanos influenciados pelo materialismo mais absorveram para os seus trabalhos, pelo menos entre os que exerceram influência nos trabalhos de Meggers e Evans.

Nesse meio tempo, o antropólogo norte-americano Leslie White foi quem melhor desenvolveu idéias sobre evolução cultural. Ao visitar a União Soviética, em 1929, ele foi influenciado pela teoria econômica marxista e especialmente pelo materialismo. Essa influência do pensamento materialista na antropologia norte-americana provocou o aparecimento da arqueologia dos assentamentos produzida por Gordon Willey. Ele foi incentivado por Steward e um dos principais defensores de uma concepção materialista do comportamento humano. Vale lembrar que durante a década de 1930 o governo dos Estados

---

[162] Para mais informações sobre a influência da abordagem marxista na produção acadêmica dos antropólogos norte-americanos no período do pós-guerra ler WOLF, Eric. Uma autobiografia intelectual. In: WOLF, Eric. *Antropologia e poder*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado: Editora da Unicamp, 2003.

[163] TRIGGER, Bruce. *História do pensamento arqueológico*. São Paulo: Odysseus, 2004. p. 218

Unidos investiu grandes somas para pesquisas inclusive para arqueologia. “Em conseqüência disso, sítios inteiros foram escavados, especialmente em áreas que deveriam ser inundadas para a construção de hidroelétricas as escavações horizontais em massa fizeram com que se desse mais atenção aos padrões de assentamento”[164]. Enquanto isso, Gordon Willey realizou etapas de campo principalmente no Peru e se tornou um dos colaboradores de uma série de publicações de suma importância para história da arqueologia na Amazônia, ou melhor, de toda a América do Sul[165].

3.2 JULIAN STEWARD E OS ÍNDIOS DA AMÉRICA DO SUL

Inicialmente, não havia se pensado no nome Steward para ser o editor do projeto. O sueco Erland Herbert Nordenskiöld (1877-1932), era o nome cogitado para execução desse projeto[166]. Entre 1901 e 1927, Nordenskiöld se dedicou a estudos etnográficos na América Centra e do Sul a serviço principalmente do Göteborg Museum em seus trabalho já apontava correlações entre meio ambiente geográfico e cultura[167]. A iniciativa era do *National Research Council Division of Anthropology and Psychology*, após algumas tramitações consegui-se fundos para a publicação, mas Nordenskiöld antes que pudesse começar a executar o projeto. Como alternativa, Julian Steward foi convidado para organizar a publicação do *Handbook of South American Indians* (1946-1956). O antropólogo organizou um total de sete volumes publicados pelo *Smithsonian Institution* aplicando uma perspectiva ecológica para desenvolver os trabalhos publicados nos referidos volumes.

A justificativa para a existência do HBOSAI era que existia uma série de publicações espalhadas pelo globo sobre o assunto, entretanto, estariam dispersas, escritas em diferentes línguas e em diferentes abordagens[168]. Desse modo, cabia ao HBOSAI o objetivo de reunir todas as informações referentes aos povos indígenas da América do Sul. A partir desta

---

[164] TRIGGER, Bruce. *História do pensamento arqueológico*. São Paulo: Odysseus, 2004. p. 199

[165] WILLEY, Gordon. *Prehistoric settlement patterns in the Viru Valley, Peru*. *Smithsonian Institution*. Bureau of American ethnology. Bulletin 155. Washington: US Government printing office, 1953. WILLEY, Gordon. PHILLIPS, Phillip. *Method and Theory in American Archaeology.* Chicago: University of Chicago Press, 1958. WILLEY, Gordon, PHILLIPS, Phillip, FORD, James A. Archaeological Survey in the Lower Mississippi Valley, 1940-1947. *Papers of the Peabody Museum of American Archaeology and Ethnology, vol. 25*. Cambridge, Mass.: Harvard University.1951.

[166] GUIDE to the Collections of the National Anthropological Archives, Handbook of South American Indians (1940-1947), records. Disponível em: <http://www.nmnh.si.edu/naa/guide/_h1.htm>. Acesso em: 13 jan. 2007.

[167] LOWIE, Robert H. Erland Nordenskiold. *American Anthropologist*, v.35, n. 1, jan.-mar. 1933. p. 158-164.

[168] STEWARD, Julian H. Introduction. In: STEWARD, Julian H. (ed.). *Handbook of South American Indians.* v. 1. The marginal tribes. Bureau of American Ethnology. Washington: *Smithsonian Institution*, 1946. (Bulletin 143).

análise, os grupos que habitavam a América do Sul foram classificados em quatro grupos, que representariam tanto uma área cultural, como um nível de desenvolvimento cultural.

As idéias do antropólogo Steward e seus colaboradores, apresentadas no HBOSAI, por vezes é considerada um marco intelectual para arqueologia amazônica. No terceiro volume do HBOSAI, Julian Steward e Robert Lowie desenvolvem o conceito de "cultura da floresta tropical". Neste volume foi exposto o conceito que tipificou evolutivamente as sociedades indígenas sul-americanas para explicar que as populações que residiram na região possuíam pouco desenvolvimento tecnológico, alimentar e cultural, em função de sérias limitações ambientais.

Na verdade esse termo foi criado para que Steward pudesse explicar o modo de vida dos agrupamentos indígenas da América do Sul. Steward desenvolveu um esquema de classificação quadripartite, que ficou conhecido como *standart model*. Este modelo representa uma descrição dos estágios evolutivos da cultura que existiu na América do Sul e como estariam organizados antes da conquista. Sendo eles: tribos marginais, povos da floresta tropical, povos do circum-caribe e povos andinos – os quatro primeiros volumes do HBOSAI foram dedicados a explicar cada um desses estágios evolutivos baseados prioritariamente nos padrões religiosos e sóciopolíticos de cada grupo a partir da base ecológica.

A organização mais simples seria a dos povos marginais, *marginal peoples*, formados por pequenos bandos[169] de caçadores coletores nômades que teriam ocupado o cone sul, Chaco, e o Brasil central. Nestes grupos não existiram instituições políticas, isto é, os membros do grupo se relacionavam de uma maneira igualitária, separando as atividades apenas por diferenças de faixa etária e entre homens e mulheres. Eles viviam em campos abertos, habitando nos mais variados climas produziam uma agricultura de subsistência com técnicas rudimentares em ambientes inóspitos, que não davam condições favoráveis para a adaptação humana e evolução social desses grupos.

O segundo são os povos da floresta tropical, *tropical forest and southern Andean peoples*, que recebeu esta denominação por se tratar de grupos que habitavam a floresta amazônica, mais especificamente na costa do Brasil, Guianas e Andes meridionais. Seriam constituídas por aldeias autônomas e permanentes, porém dispersas. Assim como os povos marginais, os povos da floresta estariam destituídos de instituições políticas, porém possuíam

[169] Grupos humanos de até aproximadamente 150 pessoas, cuja única diferenciação existente entre eles é idade e sexo. Convivem de modo que aconteça ajuda mútua para sobrevivência do grupo. MENDONÇA DE SOUZA, Alfredo. *Dicionário de Arqueologia.* Rio de Janeiro: ADESA, 1997.

laços de parentesco que eram estabelecidos num ambiente igualitário. Seu sistema de subsistência era baseado no cultivo de raízes tropicais, principalmente a mandioca, e os alimentos de origem animal provinham, sobretudo dos peixes. Além disso, esses grupos "conseguiram" desenvolver cerâmica.

Em seguida, os povos do circum-caribe, *sub-Andean and circum-caribean peoples*, habitantes das regiões circunvizinhas e Andes setentrionais, cuja estrutura cultural e tecnológica assemelha-se às da tribo da floresta tropical. Porém seu sistema política seria mais estruturada porque constituíram organizações tribais territoriais segmentados em várias aldeias. Cada aldeia possuía um chefe e cada um desses chefes estava subordinado a um chefe supremo. O que também resultava em estratificação social. Caracterizaram-se também por possuir sistema econômico e especialização ocupacional, inclusive para ceramistas.

Por fim, povos incas habitantes dos Andes Centrais, na costa do Pacífico, *central Andean peoples*. Seria a sociedade mais complexa e considerada uma civilização. Era uma sociedade com sistema político bem estabelecido e centralizado, um aparelho estatal bem desenvolvido, necessário a densidade populacional. Isto implicava na estratificação social, num sistema intensivo de produção agrícola e criação extensiva de animais domesticados, com especialização do trabalho. Além de terem desenvolvido a metalurgia, possuíam arquitetura monumental e espaços cerimoniais.

Essas explicações constituem as características de organização dos grupos a partir do meio ambiente amazônico, ressaltando as peculiaridades de cada grupo, destacando os caçadores coletores. Na verdade até então poucos estudos haviam sido publicados sobre as populações antigas da Amazônia, o que resultou em generalizações sobre o modo de vida dos mesmos. As áreas culturais não eram vistas na sua especificidade, como seriam vistas caso seguissem uma abordagem boasiana e os traços culturais não são bem delimitadas[170].

Esse esquema representa uma clara influência do esquema evolutivo de Lewis Henry Morgan para as "Sociedades antigas"[171], que é geralmente simplificado em três estágios: selvageria, barbárie e civilização. Dentro desses três estágios há subdivisões para selvageria e barbárie em três níveis – inferior, intermediário e superior – marcados pelos avanços tecnológicos que esses grupos alcançaram. A comparação entre as classificações elaboradas

---

[170] MORÁN, Emílio. *A ecologia humana das populações da Amazônia*. Petrópolis: Vozes, 1990.
TRIGGER, Bruce. *História do pensamento arqueológico*. São Paulo: Odysseus, 2004.
[171] MORGAN, Lewis Henry. A sociedade primitiva. Lisboa: Presença, 1973. v. 1.

por Morgan e Steward pode ser verificado no abaixo (Quadro 1), lembrando também que ambos que ambos adotam a cerâmica como um marco para divisão dos períodos evolutivos.

Quadro 1 – Comparação entre os esquemas evolutivos de Lewis Morgan e Julian Steward para explicar a organização social de populações pretéritas

Morgan		**Steward**	
Período final da selvageria	*Status* superior da selvageria: da invenção do arco e flecha	Marginal	Grupos de caçadores-coletores, nômades, cultura material rudi-mentar
Período inicial da barbárie	*Status* inferior da barbárie: da invenção da arte e da cerâmica		
Período intermediário da barbárie	*Status* intermediário de barbárie: da domesticação de animais no hemisfério oriental e, no ocidental, do cultivo irrigado de milho e plantas, com o uso de tijolos de adobe e pedra, etc	Floresta tropical	Sociedades sedentárias, cultivo de raízes e uso de artefatos cerâmicos
Período final da barbárie	*Status* superior de barbárie: da invenção do processo de fundir minério o de ferro, com o uso de ferramentas de ferro, etc.	Circum-caribenhos	Estrutura política organizada, atividades especializadas
öStatus de civilização	Civilização: da invenção do alfabeto fonético, com o uso da escrita, até o tempo presente.	Andino	Estratificação social, agricultura desenvolvida e domesticação de animais.

Fonte: MORGAN, Lewis Henry. A sociedade primitiva. Lisboa: Presença, 1973. v. 1.; e STEWARD, Julian. Part 4. South Americans cultures: an interpr'etative summary. In: STEWARD, Julian H. (ed.). *Handbook of South American Indians.* V. 5. Washington: *Smithsonian Institution*, 1949.

A idéia principal presente em todas as abordagens diz respeito ao fato de que todas as populações deveriam passar por esses estágios evolutivos até alcançar a civilização. O fator determinante para ocorrer essa mudança será o aparecimento de uma nova tecnologia, possivelmente de origem externa da sociedade. Foi a partir dessa idéia que Meggers desenvolveu o seu trabalho para explicar as fases evolutivas que uma sociedade.

3. 3 AS TRIBOS DA FLORESTA TROPICAL NA ILHA DO MARAJÓ

A hipótese de Steward consistia na idéia de que os povos da área do circum-caribe eram a matriz cultural dos povos que habitaram a floresta tropical, e de um processo de migração e difusão da cultura e da tecnologia para a floresta tropical. "Em termos ecológicos, as maiores densidades estavam nos Andes sem-áridos onde a subsistência baseava-se na agricultura intensiva, com irrigação e fertilizantes"[172].

No entanto, Meggers e Evans[173] acreditavam que origem cultural dos povos amazônicos estaria na Amazônia equatoriana e peruana. Nesta região teriam encontrados indícios da existência de uma agricultura intensiva, para abastecer uma grande quantidade populacional, onde haveria uma sociedade com divisões políticas e econômicas bem estabelecidas, socialmente estratificada e com a presença também da especialização do trabalho. As terras eram férteis e os lagos forneciam grandes quantidades de peixes e tartarugas.

De todo modo, os arqueólogos continuaram a seguir o modelo baseado na ecologia cultural, pois para Meggers a floresta tropical, era um lugar inadequado para a adaptação humana, idéia que vem de um dos principais conceitos para entender a teoria ecológica de Steward, a adaptação. Para chegar a essas conclusões Meggers e Evans realizaram pesquisas em áreas que consideravam ter sido a rota migratória das populações que habitaram a Ilha do Marajó (verificar Anexo 5).

A adaptação se refere a mudanças fisiológicas e comportamentais do homem, em relação à resposta aos recursos ambientais disponíveis, à interação entre o homem e o ambiente e os processos de se acomodação ao meio natural. Com isso, Steward "apresenta um corpo teórico metodológico para análise do processo de utilização de recursos materiais por populações humanas"[174].

Aparentemente o que os críticos do evolucionismo cultural não reconheceram é que "representava uma alternativa ao histórico-culturalismo, que buscava interpretar e classificar mudanças culturais no decorrer do tempo e no espaço, com o objetivo principal de estabelecer

---

[172] STEWARD, Julian. A população nativa da América do Sul. *Revista de arqueologia e etnologia da USP*. N. 10. São Paulo: USP, 2000. p. 312.
[173] MEGGERS, Betty; EVANS, Clifford. Archaeological investigations at the mouth of the Amazon. *Bureau of American. Ethnology*, n. 167. Washington, D.C.: *Smithsonian Institution*, 1957.
[174] MORÁN, Emílio. *A ecologia humana das populações da Amazônia*. Petrópolis: Vozes, 1990.p.56

contextos cronológicos dos complexos culturais e das suas manifestações"[175]. Por essa colocação de Klaus Hilbert é possível perceber essa notável oposição de uma 'escola' da outra implica em que Meggers deveria seguir uma linha ou outra.

> [...] poucos arqueólogos histórico-culturais mostraram interesse em reconstruir de modo sistemático os modos de vida pré-históricos, ou em explicar os acontecimentos que tiveram lugar em tempos pré-históricos. Em vez disso, ocupavam-se da mera crônica, a mapear a distribuição geográfica e temporal do material arqueológico, explicando mudanças como atribuí-las a fatores externos, sob as formas de 'difusão' e 'migração'[176].
>
> O maior fracasso dos arqueólogos históricos-culturalistas foi sua recusa após seu repúdio ao evolucionismo cultural, a estender o interesse pelas mudanças à consideração das propriedades dos sistemas culturais que tornam a inovação possível, ou conduzem à aceitação de inovações vindas de fora. Sem essa compreensão, a difusão estava fadada a permanecer uma não-explicação[177].

Ora, de acordo com este ponto de vista, se os antropólogos que adotaram a abordagem histórico-culturalista não aceitavam trabalhar com abordagens evolucionistas, e se a preocupação de histórico-culturalistas era apenas reconhecer as áreas geográficas ocupadas pelos povos pretéritos, então, não podemos afirmar que Meggers era histórico-culturalista, tampouco evolucionistas? K. Hilbert[178] considera que a teoria de Betty Meggers mescla abordagens difusionistas e evolucionista, que também é a mesma opinião de Roosevelt para o trabalho de Steward[179].

"The level to which a culture can develop is dependent upon the agricultural potentiality of the environment it occupies. As this potentiality is improved, culture will advance. If cannot be improved, the culture will become estabilized at a level compatible with the resources"[180].

Acompanhando a linha teórica defendida por Julian Steward, Meggers desenvolveu a *law of environmental limitation on culture* (lei da limitação ambiental na cultura) que parte do pressuposto que "the level to which a culture can develop is dependent upon the agricultural potentiality of the environment it occupies"[181]. O nível cultural que uma cultura pode alcançar está diretamente relacionado a potencialidade agrícola do ambiente que ocupa, ou seja, uma

---

[175] HILBERT, Klaus. *Cave canem*. Cuidado com os pronapianos! *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi.* Belém: MPEG, 2007. p. 10

[176] TRIGGER, Bruce. *História do pensamento arqueológico*. São Paulo: Odysseus, 2004. p. 267.

[177] Idem, p. 200.

[178] HILBERT, Klaus. *Cave canem*. Cuidado com os pronapianos! Em busca dos jovens da arqueologia brasileira. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi.* Antropologia. V. 2, n. 1, Belém: MPEG, jan.-abr.2007.

[179] ROOSEVELT, Anna. Determinismo ecológico na interpretação do desenvolvimento social indígena da Amazônia. In: NEVES, W. (Org.). *Origens, adaptações e diversidade biológica do homem nativo da Amazônia*. Belém: MPEG/CNPq, 1991.

[180] MEGGERS, Betty. Environmental Limitation on the Development Culture. *American Anthropologist*, v. 56, 1954. p. 815.

[181] MEGGERS, Betty. Environmental Limitation on the Development Culture. *American Anthropologist*, nº56, 1954. p. 815.

determinada sociedade só poderá chegar a um dado estágio evolutivo cultural se o meio ambiente que ocupa permitir. O meio ambiente representa a variável que limita o crescimento populacional, a produção de alimentos e o desenvolvimento cultural. De um modo generalizante, evolucionistas que seguem a linha de Lewis Morgan acreditam que existem leis que regem a *natureza* e essas seriam capazes de dar sentido também a estudos sobre a cultura. Para essa análise, Meggers fez uso de exemplo da organização da sociedade Maia. Por isso, recebeu crítica do antropólogo William Coe, um especialista no assunto. Meggers rebateu esta crítica afirmando que Coe não entendeu os seus argumentos[182].

Outro pesquisador a acompanhar este debate foi Milton Altschuler acompanhando o mesmo raciocínio aplicado por Coe, acredita na necessidade da modificação da "Law of Environmental Limitation on Culture" de Meggers, tendo em vista que a "the classic Maya are a special case of enviromental limitation" [183] e portanto o declínio da cultrual maia deve ser entendido além de limitações ambientais.

No mesmo volume da revista que Meggers escreveu sua defesa, foi publicada outra crítica. Desta vez, feita pelo casal Hirshberg, Joan e Richard que não eram antropólogos. Nas palavras dos críticos "we are able to measure what **can** happen, only what **does** happen"[184], ou seja, não somos capazes de medir o que **pode acontecer**, somente o que **de fato acontece** e desse modo a teoria de Meggers só pode ser testada se for aplicada com as sociedades atuais – que podem ser comparadas com as antigas. Mais ainda, completam que "potencialidade agrícola" não foi um termo bem definido por Meggers. Por outro lado, Meggers acredita que "Differences in soil fertility, climate and other elements determine the productivity of a agriculture, which, in turn regulates population size and concentration through the influences the sociopolitical and even the technological development of the culture[185], isto é, ela explica o que a potencialidade agrícola será delimitadora do potencial evolutivo, e que está na fertilidade do solo, condições climáticas e outros elementos que podem incrementar a produtividade agrícola daquele ambiente.

O mais importante a ser colocado aqui é a importância da abordagem neo-evolucionista que permeou o pensamento de Meggers e apareceu evidenciado na sua

---

[182] MEGGERS, Betty. Environmental limitations on Maya culture: a reply to Coe. *American Anthropologist.* N. 59, 1957.

[183] ALTSCHULER, Milton. On the Environmental Limitations of Mayan Cultural Development. *Southwestern Journal of Anthropology*, v. 14, n. 2, 1958. p. 196.

[184] HIRSHBERG, Richard, HIRSHBERG, Joan F. Meggers's law of environmental limitation on culture. *American Anthropologist.* n. 59. 1957. p. 891.

[185] MEGGERS, Betty. Environmental Limitation on the Development Culture. *American Anthropologist*, nº56, 1954. p. 802.

produção acadêmica, ou mesmo outras abordagens que aparecem nas entrelinhas. Nesse sentido, apresenta-se a seguir a abordagem neo-evolucionista dentro da antropologia ecológica. Por outro lado, de acordo com Tânia Lima "na verdade, ela [Meggers] nunca pretendeu contribuir para teoria evolutiva, mas tão somente aplica-la às suas investigações"[186]

> O interesse de Meggers pela evolução cultural surgiu ainda na graduação, na Universidade de Michigan, onde, assim como Lewis Binford, foi aluna de Leslie White. Prosseguindo seus estudos na Universidade de Columbia, identificou-se com a perspectiva ecológica e também evolutiva de Steward. No caso, ela não se restringiu apenas ao evolucionismo cultural. Sem nunca ter estudado Biologia, procurou por iniciativa própria ouvir palestras e ler as principais obras de Ernst Mayr, George Simpson e outros evolucionistas, de modo a entender os princípios fundamentais do evolucionismo darwiniano para teoria evolutiva, mas tão somente aplicá-la às suas investigações[187]

3.4 SOBRE NATUREZA E AS ABORDAGENS ARQUEOLÓGICAS

Até o séc. XIX, a idéia de natureza é concebida como criação divina, compreendida como algo quase fantástico, isto é, há predominância de uma visão religiosa para o advento do mundo, como criacionismo. A partir das idéias defendidas por Darwin e Wallace, o evolucionismo tomou forma e estabeleceu um novo ponto de vista para a biologia e, conseqüentemente, para as origens do mundo.

O evolucionismo adquiriu um papel fundamental para sustentar debates científicos. Reformulado, passou a ser bastante utilizado por pesquisadores das mais diversas áreas do conhecimento. Além de estimular fervorosos debates científicos, deixou uma grande herança para sustentar outras teorias. Foram essas idéias que modificaram a forma como a natureza era entendida pelos cientistas. Betty Meggers, influenciada pela ecologia cultural sugeriu uma outra forma de conceber a natureza amazônica, especialmente quando passou a estudar amplamente o ecossistema amazônico no que diz respeito às questões sobre a fertilidade dos solos e adaptação do homem na floresta tropical.

As explicações sobre evolução cultural as quais Meggers e Evans tomaram conhecimento, deram subsídios para completar a formação deles. As idéias de Leslie White sobre a importância do desenvolvimento tecnológico das sociedades para explicar a evolução social das mesmas, deixava para segundo plano as variáveis ambientais. E, por mais que tenham sido orientados por Leslie White, as discussões acerca da publicação do HBOSAI certamente tiveram uma influencia significativa nas pesquisas do casal – e mais notadamente nos textos de Meggers. As idéias de Steward estavam relacionadas a questões ambientais

---

[186] LIMA, Tânia Andrade. Teoria arqueológica em descompasso no Brasil: o caso da arqueologia darwiniana. *Revista de Arqueologia*. N. 19. São Paulo: SAB, 2006. p.132.

[187] LIMA, Tânia Andrade. Teoria arqueológica em descompasso no Brasil: o caso da arqueologia darwiniana. *Revista de Arqueologia*. N. 19. São Paulo: SAB, 2006. p. 131, 132.

como a variável ambiental para determinar a cultural e a evolução social de sociedades antigas.

3.5 “SILÊNCIO! BETTY VAI FALAR!”

Ondemar Dias conta que em momentos de discussões mais exaltada, Evans com sua personalidade forte e “jeitão de americano típico” falava mais alto “Silêncio! Betty vai falar!”[188].

Meggers declarou que "Cliff and I complemented each other. I was more interested in theory, and he was great at technology"[189]. Isto significa que no que tange à formulação teórica e sua aplicabilidade era Meggers quem estava à frente deste trabalho. Essa constatação é corroborada por pessoas que trabalharam diretamente com o casal. Ondemar Dias que participou dos cursos ministrados pelo casal e integrou a equipe de arqueólogos do PRONAPA conta que “no casal Evans, ela era a intelectual, digamos assim, a acumuladora teórica das coisas. Clifford é o homem prático [...] ele conseguia procurar verba, ele fazia que a coisa acontecesse”[190]. Então, além de estar interessado em desenvolver questões relacionadas à metodologia, era o responsável pela busca de recursos para o financiamento das pesquisas.

Daniel Lopes, técnico da Área de Arqueologia do MPEG, e que trabalhou diretamente com Mário Simões durante o PRONAPA e PRONAPABA, observou que “ela [Meggers] era uma pessoa muito agradável, profissional extraordinária [...]. Ela falava razoavelmente português e entendia muito bem. Tinha uma cabeça incrível, muito agradável, realmente uma profissional. Ela o era o cérebro do casal”[191]. Isto pode ser entendido por Meggers falar em português melhor que Evans, e conseguiu expor melhor suas opiniões nas conversas com os arqueólogos brasileiros sendo considerada a pessoa que mais se destacou no casal. Esta situação pode ser observada na imagem abaixo (Ilustração 7): Evans trabalha sob a supervisão de Meggers[192].

---

[188] DIAS JR., Ondemar. Entrevista concedida a Cássia Santos da Rosa. Belém, 14 dez. 2006.

[189] Cliff e eu completamos um ao outro. Eu estava mais interessada na teoria e ele na tecnologia (minha tradução). POPSON, Colleen. First lady of Amazonia. *Archaeology*. V. 56, n. 3. may/jun. 2003. Disponível em: <http://www.archaeology.org/0305/abstracts/meggers.html>. Acesso em: 29 jul. 2006.

[190] DIAS JR., Ondemar. Entrevista concedida a Cássia Santos da Rosa. Belém, 14 dez. 2006.

[191] LOPES, Daniel Frois. Entrevista concedida a Cássia Santos da Rosa. Belém, 10 dez. 2006.

[192] Atualmente, o procedimento de limpeza de material arqueológico é feita somente em laboratório. Em alguns casos opta-se pela não utilização de água como procedimento de conservação dos artefatos, porque existem pinturas e certos tipos de manufatura da cerâmica que não resistem ao contato com água.

Ilustração 7 Meggers e Evans na Ilha do Marajó durante as escavações em 1948

Fonte: COTTER, Michael e FERNANDEZ, Lionel. *O Brasil na Smithsonian: um levantamento da presença do Brasil nas coleções da Smithsonian*. Washington, D.C., *Smithsonian Institution* (2001?).

Não há na literatura arqueológica consultada quem discorde da importância das pesquisas do casal realizados no Brasil. A crítica reside na persistência dessas teorias e uma visível rejeição dos discípulos do programa às novas teorias, ou talvez, o desinteresse em conhecê-las, como sugere José Alberione Reis no título de seu trabalho "Não pensa muito que dói"[193]. Reis faz uso de um dito popular para explicar que a "dor" vem do trabalho intelectual para formular novas teorias ou contrapor as idéias antigas, e as críticas nem sempre são bem vistas por que quem as recebe. Especialmente se são feitas aos mestres, aqueles que deram um direcionamento as suas pesquisas, através da profissionalização que Meggers e Evans deram para arqueologia brasileira.

Desde as primeiras atividades arqueológicas no Brasil tiveram pouco retorno para comunidade, visto que a mesma esteve mais ligada com o interesse político da realização dessas pesquisas, seja para criação de uma identidade nacional ou para reafirmar a dominação política de outros países. Além disso, em todos os momentos sofreu fortes influências das escolas teóricas estrangeiras, passando por pouca ou nenhuma adaptação para realidade brasileira.

De uma maneira geral, durante o séc. XIX e primeiros anos do séc. XX, coube principalmente aos museus brasileiros formar coleções arqueológicas e divulgar artigos

[193] REIS, José Alberione. *Não pensa muito que dói*: um palimpsesto sobre teoria na Arqueologia brasileira. 2004. Tese (Doutorado) – Unicamp, Campinas (SP), 2004.

científicos em suas revistas. O tipo de conhecimento produzido nesse período geralmente é caracterizado como precursor, pois dá início as primeiras pesquisas arqueológicas até então realizadas, com objetivos delimitados e divulgação dos resultados. Algumas análises levam a crer que a arqueologia no séc. XIX era "intuitiva", embasada principalmente na filosofia, diferente da ciência como se conhece hoje. Onde apenas algumas teorias e métodos eram aplicados no momento e aquilo era entendido como arqueologia, gerando inclusive a formulação e publicação de algumas hipóteses. Então, o início da atividade arqueológica no Brasil deve ser entendido na sua época, pois, por influencia das discussões que eram feitas. Entretanto, até o início do séc. XX, estudos arqueológicos não possuíam um grupo nem profissionais especializados em tal atividade na Amazônia, permitindo que a cultura material dos povos pretéritos fosse estudada por naturalistas e outros profissionais interessados nestes assuntos.

De todo modo, a produção arqueológica no Brasil não ficou estagnada, porém o número de pesquisas diminuiu consideravelmente. É nesse contexto que se insere o processo de criação do Museu Paraense e que está associada ao processo de institucionalização das ciências, junto com a criação do Museu Nacional em 1818 e do Museu Paulista, mais conhecido como Museu do Ipiranga, em 1893. A existência de uma instituição cientifica, representa "idéias em funcionamento"[194] e no caso destes museus, a produção e circulação de conhecimentos. A importância geo-estratégica de um museu na foz do Amazonas. Durante o século XIX ao chegarem na Amazônia os visitantes, geralmente de outras nacionalidades, iniciavam sua viagem por Belém; aproveitando a estadia na cidade, visitavam o museu da cidade, por mais que o mesmo apresentasse ares de gabinete de curiosidades do que de museu.

Meggers foi quem escreveu sobre os "índios da Amazônia" no HBOSAI usando as fontes dos relatos de viajantes e de naturalistas até os primeiros anos do século XX[195]. Apesar disso, a pesquisadora afirma que antes de Meggers e Evans não existia arqueologia no Brasil e que os trabalhos existentes antes deles eram considerados "pré-científicos", pode ser considerado como uma falsa premissa. De fato, após as pesquisas da vinda de Meggers e Evans ocorreu maior *reconhecimento* da arqueologia como disciplina científica no Brasil, tendo em vista que não existiam cursos específicos na área, o que envolve também uma

---

[194] LOPES, Maria Margareth. *O Brasil descobre a pesquisa científica*: os museus e as ciências naturais no século XIX. São Paulo: HUCITEC. 1997.

[195] MEGGERS, Betty. The Archaeology of the Amazon Basin. In: STEWARD, Julian. *Handbook of South American Indians*. Tropical Forest Tribes. V. 3. *Smithsonian Institution*. Washington, 1948.

questão política[196]. Por outro lado ignorar o trabalho feito pro naturalistas não parece ser uma decisão acertada, uma vez que em trabalho de campo realizaram escavações em vários sítios que tinham sido identificados por "amadores" e "pré-científicos".

Até poucos anos antes da primeira viagem de Meggers e Evans para Amazônia, outros já tinha instigado a necessidade de estudos na área de arqueologia na Amazônia, dentre eles Carlos Estevão de Oliveira, Heloísa Alberto Torres e Curt Nimuendaju – citados nos capítulos anteriores. Além disso, as atividades desenvolvidas pelo Instituto de Antropologia e Etnologia do Pará, através do registro das "conferências promovidas" leva a crer que o casal teve boa aceitação em Belém e no MPEG porque os membros do IAEP também estavam se questionando sobre a origem da população amazônica. Ou seja, se este não fosse um assunto que interessasse jamais teria recebido destaque.

Entretanto, constou-se que até o momento a grande maioria dos trabalhos de história da arqueologia tem sido escrita por uma perspectiva arqueológica e não histórica. Esta constatação proporciona a vantagem de já existirem trabalhos nesse sentido. Entretanto, percebe-se que sempre há uma supervalorização do que o autor, ou seu mentor intelectual, realizou e uma desvalorização dos trabalhos anteriores, que geralmente são citados como "trabalhos pioneiros" ou "primeiros trabalhos", mas pouco reconhecidos como trabalhos científicos.

Em estudos mais recentes alguns autores apontam que ainda hoje os arqueólogos explicam a subsistência das populações amazônicas baseada somente em questões ambientais, apenas contrapondo-se as observações tecidas por Meggers[197]. É claro que este é um importante aspecto a ser observado, mas há determinados aspectos a serem respeitados para que não tenha como referência abordagem que não colaborem com o progresso da ciência. Uma crítica comum refere-se ao fato de que os pesquisadores costumam apresentar, sobretudo relatórios incompletos, fazendo afirmações que não são sustentadas pela documentação e que não podem ser verificadas[198].

---

[196] Ainda hoje a profissão de arqueólogo não é regulamentada no Brasil. Um projeto de lei já existe, porém foi arquivado duas vezes.

[197] Dentre esse autores é possível destacar: CARNEIRO, Robert. A base ecológica dos cacicados amazônicos. *Revista de arqueologia/Sociedade de Arqueologia Brasileira*. N. 20. São Paulo: SAB, 2007. SCHAAN, Denise. Dados inéditos do Projeto Marajó (1962-1965). *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*. São Paulo: USP, 2000. NEVES, Eduardo. Duas interpretações para explicar a ocupação humana na Amazônia. In: TENÓRIO, Maria Cristina (Org.). *Pré-história da Terra Brasilis*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000b. p. 359-370.

[198] ROOSEVELT, Anna. Determinismo ecológico na interpretação do desenvolvimento social indígena da Amazônia. In: NEVES, W. (Org.). *Origens, adaptações e diversidade biológica do homem nativo da Amazônia*. Belém: MPEG/CNPq, 1991. NEVES, Eduardo. Duas interpretações para explicar a ocupação

Outra conseqüência dessa influência apontada por Roosevelt, consiste no fato de que,

> [...] a teoria do determinismo ecológico afetou, também, a sociologia da arqueologia amazônica, porque seus proponentes trabalharam no sentido de excluir o acesso de pesquisadores com outros pontos de vista a importantes áreas de pesquisas, onde, mais tarde, foram encontradas evidências que contradisseram seus prognósticos[199].

Já na década 1970, nos EUA haviam estudos que se voltavam para arqueologia processual, que se preocupava com os aspectos *técnicos-econômicos* do artefato, os aspectos *sociotécnicos* no contexto social e *ideotécnicos* da confecção do artefato[200]. Porém, a Amazônia estava nos *domínios* de Meggers e Evans, que tinham o apoio institucional do *Smithsonian Institution* e do CNPq, desde meados da década 1960. Ainda hoje Meggers trabalha no *Smithsonian Institution* e permanece ativa no debate em defesa de suas teorias, na tentativa de comprovar que a floresta tropical não é adequada para evolução cultural.

É bem verdade que o uso de apenas um único aspecto da cultura material produzida por uma determinada sociedade não deve ser apontada como referencial absoluto. Entretanto, o estudo da cerâmica aliado aos estudos comparativos feitos por Meggers, naquele momento eram dados considerados absolutamente confiáveis dentro dos moldes em que foram aplicados. Além disso, Meggers estava interessada em explicar como os atributos tecnológicos e o meio ambiente determinam a cultura de uma sociedade.

Meggers e Evans se envolveram com um grupo de arqueólogos que estava preocupado em responder questões relativas a evolução cultural através de mudanças em aspectos tecnológicos. É preciso lembrar que antes de ser arqueóloga, Meggers era antropóloga e por isso todo esse interesse em aplicar questões antropológicas em seus trabalhos. Além disso, Meggers está inserida no contexto que o teórico Lewis Binford defendia "Archaeology as Anthropology". A arqueologia, antes de tudo, seria a antropologia dos povos antigos preocupada em estudar os processos de adaptação humana e mudança cultural para entender a emergência de sociedades complexas.

Possivelmente durante o período estudado aqui, Meggers ainda estivesse enfrentando um período de amadurecimento científico, por outro lado, neste momento ela já possuía conhecimento sobre arqueologia e outros assuntos acerca de evolução e biologia. Certamente

---

humana na Amazônia. In: TENÓRIO, Maria Cristina (Org.). *Pré-história da Terra Brasilis*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000b.

[199] ROOSEVELT, Anna. Determinismo ecológico na interpretação do desenvolvimento social indígena da Amazônia. In: NEVES, W. (Org.). *Origens, adaptações e diversidade biológica do homem nativo da Amazônia*. Belém: MPEG/CNPq, 1991. p.114

[200] TRIGGER, Bruce. *História do pensamento arqueológico*. São Paulo: Odysseus, 2004.

esta afirmação justifica a relevância de acompanhar esse período de amadurecimento das idéias de Meggers para compreender como foram construídas as teorias que acompanham um longo período de pesquisas arqueológicas na Amazônia.

Na medida que foi expandindo suas pesquisas, Meggers aprofundou seus conhecimentos em questões biológicas a fim de compreender melhor questões relacionadas ao evolucionismo. De certa forma, ao estudar certos aspectos de outra disciplina, autores como Meggers tendem a tentar organizar a arqueologia seguindo os parâmetros utilizados pela biologia, por exemplo. Sendo assim, o trabalho era conseguir meios de "classificar' a arqueologia, um dos processos seria o de nomear os artefatos e os conjuntos deles. Ou ainda sistematizar,

Por mais óbvio e repetitivo que seja dizer, mas sempre há necessidade de mais estudos, mais pesquisas, mais investigações, mais resultados e mais análises para a compreensão do passado, aos olhos vigilantes do presente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Imagine o encantamento que deve ser desenterrar pela primeira vez uma urna funerária, a ansiedade de retirar toda a terra da superfície e ver as cores estampadas na cerâmica. Clifford Evans trabalha e Betty Meggers monitora. Essa imagem (Ilustração 6) é bem representativa da relação que os arqueólogos que trabalharam com o casal tem na memória. No decorrer desta dissertação, foi apresentado o contexto histórico para compreender a Amazônia que Betty Meggers encontrou, o contato com a Amazônia e a rede de cientistas que se ampliou, o estreitamento de relações pessoais entre antropólogos brasileiros e estadunidenses. Por fim, o que resultou todo este trabalho de pesquisa?

No decorrer da presente narrativa, pode-se mostrar que Betty Meggers, Clifford Evans e suas teorias foram aceitas dentro da Belém de 1950 porque o ambiente político e intelectual voltado para o modernismo acolheram bem os recém chegados pesquisadores. As novidades, uma série de novidades sendo implantadas em Belém do Pará. As ciências também, psicanálise e existencialismo influenciavam o pensamento dos literatos[201]. Esses mesmo literatos eram os mesmo que participavam, por exemplo, do IAEP e que circulavam pelos prédios do MPEG. Betty Meggers participou de um momento de renovação, de reconstrução e por estar dentro desse momento, a atividade arqueológica e a produção de um trabalho para explicar o passado mais antigo da Amazônia ganha destaque. Não só pelo caráter de ineditismo que lhe foi atribuido, mas pela ânsia de novidades e de se firmar como *moderno* a partir da abordagem que ela adotou no trabalho. E quantos aos habitantes de Belém, a necessidade de sair da condição de isolamento da cidade ocasionado pela guerra.

A inovação que Betty Meggers trouxe para a Amazônia foi a ordenação de um conhecimento científico, metodologia de campo e de laboratório para pesquisas arqueológicas na Amazônia e problemas de pesquisa relacionados a ocupação amazônica. O filósofo francês Gaston Bachelard[202] indica que sem essa ordenação, há desordem e na desordem não há ciência. Essa idéia é completada pelo sociólogo francês Bruno Latour[203] que defende que esse procedimento de ordenação é próprio da modernidade. Ainda Latour[204] também apresenta a

---

[201] MAIA, Maíra Oliveira. *A existência humana no Suplemento Literário da Folha do Norte Arte Literatura*. Monografia (Especialização). Belém: UFPA, 2007.

[202] BACHELARD, Gaston. *A formação do espírito científico*. Contribuição para psicanálise do conhecimento. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

[203] LATOUR, Bruno. *Ciência em ação*. Como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora. São Paulo: Unesp, 2000.

[204] LATOUR, Bruno. *Jamais fomos modernos*: ensaio de antropologia simétrica. Rio de Janeiro : Editora 34, 1994.

importância da existência dos laboratórios de pesquisa como o ambiente que proporciona um espaço para a produção da ciência.

Desse modo, a ordenação cientifica é vista como uma atitude moderna, porque a modernidade é o próprio caos. Marshall Bermann[205] identifica no plano intelectual uma característica da modernidade, porque ela destrói o inexplicável e tudo necessita de uma explicação científica. Considerando essa abordagem, é possível Betty Meggers fez sim um trabalho científico e moderno, mas a execução do mesmo foi viabilizada porque a pesquisadora conseguiu colaboradores que concordaram com suas orientações teórico-metodológicas e acrescentaram dados importantes à sua pesquisa. Uma pessoa que soube aplicar bem o que aprendeu, tanto da importância de sua vivência amazônica e como o seu aprendizado na academia.

Por outros motivos, alguns autores apresentam Meggers como fundadora da arqueologia brasileira de uma maneira geral. Na presente dissertação, a valorização histórica concedida às pesquisas de Meggers leva a crer que a arqueologia estava presente dentro de um contexto de formação acadêmica dos antropólogos brasileiros e que havia interesse na internacionalização da Amazônia, ou seja, era uma região procurado pela política e pelos pesquisadores. Além disso, ela recebei embasamento para propor teorias, métodos e problemas de pesquisa, quando questões relativas a arqueologia brasileira começaram a parece e que amadores mas nem tanto estavam interessados em desenvolver estudos em arqueologia, procurando entender o passado mais antigo do Brasil. Há poucos anos tinha sido criado SPHAN e que coincidiam com o surgimento das primeiras leis de proteção as primeiras leis de proteção ao patrimônio arqueológico dentro do governo ditatorial de Getúlio Vargas. E em âmbito mundial, foram assinadas as primeiras Cartas Patrimoniais.

A desilusão da intelectualidade com a história recente, os interesses em patrimônio, a divulgação das primeiras cartas internacionais de proteção ao patrimônio. Seria uma conjuntura favorável para que Meggers e Evans tivessem apoio para realizar suas pesquisas em Belém? Ao invés de concluir que o contexto histórico em que Meggers e Evans viajaram para Amazônia lhes facilitou, proponho que o casal, e com mais ênfase Meggers, utilizou os recursos que lhes foram disponíveis.

A metodologia adotada para as pesquisas realizadas por Meggers e Evans, descreve técnicas de manufatura, tratamentos de superfície, aditivos cerâmicos e uma série de *atributos tecnológicos* para que os resultados dessas análises fossem usados para explicar mudanças

---

[205] BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido se desmancha no ar, a aventura da modernidade*. São Paulo: Cia das letras, 1986.

culturais. Evans foi estudar com Owen Rye, um especialista em análise cerâmica, no Paquistão.

O discurso Betty Meggers sobre as únicas evidências arqueológicas que podem ser encontradas na Amazônia com a justificativa de que o *clima quente e úmido* e *solos ácidos* preservam apenas os materiais líticos e cerâmicos, destruindo qualquer outro tipo de vestígio, ou ainda que estes são os tipos de vestígios . De fato, a preservação desses materiais em nível macroscópico é inegável. Sendo que outros vestígios interessantes visíveis a olho nu, como as manchas de terra preta e a formação dos montículos artificiais, porém é preciso compreender que o foco da pesquisa era outro.

O que deixaram de herança até esse momento foi a supervalorização dos estudos de cerâmica. Ana Machado critica essa supervalorização da cerâmica, porque não é somente as mudanças nas técnicas de manufatura e decoração seriam os indicadores para mudanças culturais, e descartou para este fim outras evidencias existentes no sítio. Em especial a presença de artefatos líticos que não são associados a produção cerâmica e muito menos as fase e tradições.

O uso de apenas um aspecto da cultura material produzida por determinada sociedade, isto é, a cerâmica, foi adotado como referencial para explicar o estágio de desenvolvimento e as subseqüentes mudanças culturais. Os defensores de Meggers acreditam que este é um ponto positivo, porque a partir de uma metodologia acertada construiu-se cronologias culturais, obtendo grandes resultados e explicações a partir de algumas centenas de cacos de cerâmica. Os críticos, por outro lado, condenam esse procedimento. Consideram um dos principais problemas do trabalho Meggers porque atualmente não é admissível que um único tipo vestígio seja tomado como referência para explicar uma série de aspectos da organização social e comportamento de sociedades do passado. Entretanto, o estudo da cerâmica aliado aos estudos comparativos com sociedades atuais que eram feitos por Meggers, eram considerados dados absolutamente confiáveis – ao menos pelos olhos dos arqueólogos brasileiros. Além disso, Meggers estava interessada em explicar como os atributos tecnológicos e o meio ambiente determinavam a cultura de uma sociedade.

O empreendimento de estudar a Amazônia é considerado, na presente análise histórica, bem sucedido porque Betty Meggers e Clifford Evans estavam amparados por uma infra-estrutura e um contexto sócio-político que os permitiu desenvolver as pesquisas e que eles souberam usufruir. O período em que começaram suas pesquisas era o que ficou conhecido com Guerra Fria, época em que os investimentos em Ciência e Tecnologia nos EUA desde a década de 1930 se tornaram bastante intensos. O que a arqueologia se

aproveitou foi o aperfeiçoamento e a possibilidade de se fazer datações por C14, empreendimento inclusive que o próprio pai de Meggers teve uma importância fundamental nas pesquisas em espectroscopia. Esta é uma boa justificativa para depositar imensa confiança nas datações.

O casal estava vinculado a um instituto de pesquisa em *laboratório*, mantinham contato com outros arqueólogos e antropólogos – tanto norte-americanos como sul-americanos – que configura a *rede* de relações intelectuais e políticas e o apoio de instituições para bolsas de pesquisa sob ponto de vista do *financiamento*.

Muito se fala sobre a influencia do trabalho do casal a partir do PRONAPA e PRONAPA, no entanto o que pretendo deixar claro aqui é o trabalho do casal de 1948 serviu para impulsionar as atividades de pesquisas arqueológicas que já apresentavam um crescente interesse por parte do governo e das instituições de pesquisa. Mas o que não se pode considerar é que este foi o único impulso. Era um momento que adequado para desenvolver esses trabalhos, havia público para lê-los, havia crescente interesse na Amazônia.

Como já foi dito anteriormente, é impossível falar de arqueologia amazônica sem citar o nome do casal. Eles estavam estudando a Amazônia em um momento que os olhos internacionais estavam voltados para a região. Maio[206] considera um "uma *espécie* de *imperialismo científico*" o interesse internacional para a Amazônia. A presença do casal, somada a iniciativa de outros pesquisadores, como Heloísa Alberto Torres, foram fundamentais para que pesquisadores pudessem fazer cursos no Smithsonian ou até mesmo cursar pós-graduação nos EUA, isto é, formar cientistas e profissionalizar a atividade acadêmica no Brasil. Algo que não teria sentido se a pesquisadora tivesse intenções imperialistas, pois quando há essa intenção fica bem evidente a vontade de manter a situação da intelectualidade local tal como ela está ou em níveis mais baixos.

Meggers estava – e continua – convicta de suas teorias, após realizar diversas pesquisas em diversos países da América do Sul, toda uma vida de pesquisas dentro da mesma linha de pensamento. Uma consideração sobre a atividade científica de Meggers foi o início de abordagens mais científicas para explicar o passado da Amazônia, não estando mais *a margem da História* como propôs Euclides da Cunha, mas possuidora de uma história ainda

[206] MAIO, Marcos Chor. A tradução local de um projeto internacional: a Unesco, o CNPq e a criação do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (1946-1952). In: FAULHABER, Priscila; TOLEDO, Peter Mann (Coords.). *Conhecimento e fronteira*: história da ciência na Amazônia. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2001.

que não tão antiga assim mas que pode ser escrita através da análise dos vestígios materiais[207]. Não é mais uma terra imatura e sem história, é uma terra de solos pobres e lixiviados contado a partir de sua história natural. Não é mais um paraíso perdido, é um paraíso ilusório. Não se fala mais de uma página ainda desconhecida do gênesis, mas de um ambiente inóspito, e ainda assim, todavia, em qualquer uma das interpretações a floresta tropical não é o lugar do homem. Assim como na análise de Euclides da Cunha, para Meggers o homem permanece como um intruso no ambiente amazônico. A ciência desconstrói o deslumbramento com a natureza amazônica e aí também aparece a contribuição da pesquisadora.

Contribuição de Meggers para mudar a visão que se tinha da natureza amazônica, a substituição do termo *hiléia*[208] para predominância efetiva para *floresta tropical* – em inglês o termo é *rainforest*. O cuidado que os arqueólogos devem ter em apresentar seus dados que podem ser manipulados e usados de diferentes formas se o arqueólogo não estiver envolvido com a função social da arqueologia.

Sendo assim, apresentou-se aqui a importância da primeira viagem sob uma perspectiva mais histórica do que arqueológica. Além disso, cabe lembrar que se trata da primeira de uma série de viagens em busca de evidências sobre a rota migratória dos povos andinos até a ilha do Marajó, teoria defendida por Meggers à época.

Por outro lado é inegável a influência exercida por conta da presença dos pesquisadores no Brasil foi bem significativamente a partir de cursos ministrados no CEPA que resultaram nos Programas de Pesquisas Arqueológicas. Mas essa é outra história a ser contada. Para entender então porque foi deixado todo um legado de pesquisas relacionados a atividade de Betty Meggers no Brasil e especialmente na Amazônia foi preciso retomar um momento antes de que o conhecimento que foi defendido por Meggers se consolidou.

Alguns outros casais de antropólogos que realizaram pesquisas antropológicas no Brasil, dentre eles Meggers e Evans. Mas, diferente de seus outros contemporâneos, com o tempo a esposa de destacou mais que o marido, pelo menos no Brasil. Essa situação pode ser explicada por dois motivos: Evans era menos falante que Meggers, ao menos em português, e Meggers se envolveu com questões mais teóricas e polêmicas enquanto Evans dedicou-se a estudar abordagens metodológicas. Sendo assim, fica evidente porque esse casamento era importante, pois acima de tudo era um casamento intelectual.

---

[207] Aqui vale lembrar novamente a tradição norte americana que tem a Arqueologia como um ramo da Antropologia.

[208] Hiléia termo emprestado do grego foi o nome dado por Alexander von Humboldt e Aimé Bonplant, por definir a floresta selvagem que era a Amazônia, a hiléia amazônica.

A contribuição de Meggers, em termos históricos, é a mudança de percepção que a floresta amazônica obteve. Isto é, de uma floresta desconhecida, sem história e até mesmo “uma página ainda ser escrita do gênesis” para uma floresta tropical com solos inférteis e habitadas por tribos semi-nomades em tempos pretéritos.

FONTES

Jornais

BARATA, Frederico. A língua dos tapajó. *A Província do Pará*, Belém, 03 jul. 1949.

BERNARDO, Cléo. Belterra e Fordlandia exigem outro administrador. *Folha do Norte*, Belém, 04 jul. 1948, p. 3.

_____. Crédito para Belterra e Fordlandia. *Folha do Norte.* 08 jul. 1948. p. 10.

COMÉRCIO e transportes. *Folha do Norte*, Belém, 18 jul. 1948, p. 9.

PEREIRA. Tupis e guaranis. *Folha do Norte*, Belém, 15 jul. 1948, p. 3.

UM ARQUEÓLOGO amador comprova a veracidade da Ilíada. *Folha do Norte*, Belém, 30 jul. 1948.

Correspondências

AMPEG. Fundo Museu Paraense Emílio Goeldi. Gestão Inocêncio Machado Coelho. Correspondência de Inocêncio Machado Coelho, diretor do MPEG, para Marcel Homet. Belém, 28 dez. 1948.

AMPEG. Fundo Museu Paraense Emílio Goeldi. Gestão Inocêncio Machado Coelho. Of. 71. Correspondência de Inocêncio Machado Coelho, diretor do MPEG, para Armando de Sousa Correa, Secretário Geral do Estado. Assunto: Obras e melhoramentos efetuados no Museu P. E. Goeldi. Belém, 05 mai. 1949.

AMPEG. Fundo Museu Paraense Emílio Goeldi. Gestão Inocêncio Machado Coelho. Of. 76. Correspondencia de Inocêncio Machado Coelho, diretor do MPEG, para Alberto Engelhard, diretor do Departamento de Finanças. Belém, 13 mai. 1949.

AMPEG. Fundo Museu Paraense Emílio Goeldi. Gestão Inocêncio Machado Coelho. Of. 19. Correspondência de Inocêncio Machado Coelho, diretor do MPEG, para diretor do Departamento de Assistência dos Municípios. Belém, 3 out. 1949.

AMPEG. Fundo Museu Paraense Emílio Goeldi. Gestão Inocêncio Machado Coelho. Of. 19. Correspondência de Inocêncio Machado Coelho, diretor do MPEG, para diretor do Departamento de Assistência dos Municípios. Belém, 8 fev. 1950.

AMPEG. Fundo Museu Paraense Emílio Goeldi. Gestão Inocêncio Machado Coelho. Oficio n. 21 de Inocêncio Machado Coelho, diretor do MPEG, para Armando de Souza Correa, Secretário Geral do Estado. Assunto: Obras e melhoramentos efetuados pelo MUSEU P. E. GOELDI. Ref. circular n. 1, S/G/E. Belém, 15 fev. de 1950.

AMPEG. Fundo Museu Paraense Emílio Goeldi. Gestão Armando Bordallo da Silva. Correspondência de Betty Meggers e Clifford Evans para Armando Bordallo da Silva. Washington, 5 set. 1953.

AMPEG. Fundo Museu Paraense Emílio Goeldi. Gestão Armando Bordallo da Silva. Correspondência de Betty Meggers e Clifford Evans para Armando Bordallo da Silva. Washington, 14 out. 1953.

AMPEG. Fundo Museu Paraense Emílio Goeldi. Gestão Armando Bordallo da Silva. Correspondência de Betty Meggers e Clifford Evans para Armando Bordallo da Silva. Washington, 13 nov. 1953

AMPEG. Fundo Museu Paraense Emílio Goeldi. Gestão Armando Bordallo da Silva. Correspondência de Armando Bordallo da Silva, diretor do MPEG, para José Cavalcante Filho, Secretário de Educação e Cultura, 22 Fev. 1954.

AMPEG. Fundo Museu Paraense Emílio Goeldi. Gestão Walter Egler. Carta de Walter Egler, Diretor do Museu Paraense Emílio Goeldi ao Sr. Raul Antony, Diretor do Instituto de Pesquisas da Amazônia, 16 nov. 1957.

Depoimentos orais

ARAÚJO, Fernanda. Entrevista concedida a Cássia Santos da Rosa. Belém, 18 abr. 2007.

BARRETO, Mauro. Entrevista concedida a Cássia Santos da Rosa. Belém, 17. mai. 2007.

DIAS JR., Ondemar. Entrevista concedida a Cássia Santos da Rosa. Belém, 14 dez. 2006.

LOPES, Daniel Frois. Entrevista concedida a Cássia Santos da Rosa. Belém, 10 dez. 2006.

MACHADO, Ana Lúcia. Entrevista concedida a Cássia Santos da Rosa. Belém, 24 mai. 2007.

MAGALHÃES, Marcos Pereira. Entrevista concedida a Cássia Santos da Rosa. Belém, 11 dez. 2006.

NUNES, Benedito. Entrevista concedida a Cássia Santos da Rosa e Nelson Sanjad. Belém, 24 mai. 2004.

SÁ, Samuel. Entrevista concedida a Cássia Santos da Rosa. Belém, 15 jun. 2007.

Correspondência eletrônica

MEGGERS, Betty. Mensagem recebida por <cassiadarosa@gmail.com> em 14 abr. 2007.

MEGGERS, Betty. Mensagem recebida por <cassiadarosa@gmail.com> em 18 abr. 2007.

REFERÊNCIAS

ALTSCHULER, Milton. On the Environmental Limitations of Mayan Cultural Development. *Southwestern Journal of Anthropology*, v. 14, n. 2, p. 189-198, 1958.

ALVES, Cláudia. A cerâmica pré-histórica no Brasil: avaliação e proposta. *Clio*. Recife, v. 1, n. 7, p. 11-60, 1991.

BACHELAR, Gaston. *O novo espírito científico*. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1968. 151 p.

_____. *A formação do espírito científico*: Contribuição para psicanálise do conhecimento. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996. 316 p.

BARATA, Frederico. *Eliseu Visconti e seu tempo*. Rio de Janeiro: Zélio Valverde, 1944.

_____. Os maravilhosos cachimbos de Santarém. *Estudos Brasileiros*. Rio de Janeiro, [s.n.t.], v. 13, p. 37-39, 1944.

_____. *A arte oleira dos Tapajó I*. Considerações sobre a cerâmica e dois tipos de vasos característicos. Belém: Instituto de Antropologia e Etnologia do Pará, 1950. (Publicação n. 2).

_____. A arte oleira dos Tapajó II. Os cachimbos de Santarém. *Revista do Museu Paulista.* Nova Série, São Paulo, n. 5, 1951.

_____. Arqueologia. In: *As Artes Plásticas no Brasil*. Nº1 Rio de Janeiro: Instituto Larragoti 1952. p.49-56.

_____. Uma análise estilística da Cultura Santarém. *Cultura*, Rio de Janeiro: Ministério de Educação e Cultura , n. 5., 1953a.

_____. *A arte oleira dos Tapajó III*. Alguns elementos novos para a tipologia de Santarém. Belém: Instituto de Antropologia e Etnologia do Pará, 1953b. (Publicação n. 6).

_____. O muiraquitã e as “contas” dos Tapajós. *Revista do Museu Paulista*, Nova Série, São Paulo, n. 8, 1954.

_____. A História verdadeira e diferente dos Marajoaras. *Norte*. Belém: [s.n.t.], 1952. p. 8-14.

BARBOSA, Carlos. Análise e classificação das rodelas-de-fuso do acervo arqueológico do DCH/MPEG. In: SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 6., Belém, 1998. p.61.

BARRET, Richard A. The paradoxical anthropology of Leslie White. *American Anthropologist*. n. 91, 1989.

BARRETO, Cristiana. A construção do passado pré-colonial: uma breve história da arqueologia do Brasil. *Revista USP*: Dossiê Antes de Cabral: Arqueologia Brasileira I, São Paulo, v. 44, p. 32-51, dez./ jan., 1999/2000.

_____. Brazilian archaeology from a Brazilian perspective. *Antiquity***,** Pittsburgh: University of Pittsburgh, n. 72, p. 573-81, 1998.

BARRETO, Mauro Vianna. História da pesquisa arqueológica no Museu Paraense Emílio Goeldi. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi***:** Série Antropologia. Belém, v. 8, n. 2, p.203-294, dez. 1992.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido se desmancha no ar, a aventura da modernidade*. São Paulo: Cia das letras, 1986.

BEZERRA NETO, José Maia. José Veríssimo: social thought and ethnography in the Amazon (1877-1915). *Dados.* Rio de Janeiro, v. 42, n. 3, 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0011-52581999000300006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 07 ago. 2006.

BRANDI, Rafael de Alcântara. Arqueologia catarinense: análise bibliométrica e revisão arqueográfica. 2004. 158 f. Monografia (Graduação em História) – Universidade Vale do Itajaí, 2004. Disponível em: <http://www.historiaehistoria.com.br/arquivos/His_arq_br.pdf>. Acesso em: 14 ago. 2006.

BRASIL. Decreto-lei n.25 de 30 de novembro de 1937. Organiza a proteção do patrimônio histórico artístico nacional. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=284>. Acesso em: 18 fev. 2008.

BRASIL. Lei n.3942 de 26 de julho de 1961. Dispõe sobre os monumentos arqueológicos e pré-históricos. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=203>. Acesso em: 18 fev. 2008.

BUDDY "L" Toy Steam Shovel. Disponível em: <http://americanhistory.si.edu/onthemove/collection/object_58.html>. Acesso em: 13 jan. 2007.

BUDDY "L" concrete mixer . Disponível em: <http://americanhistory.si.edu/onthemove/collection/object_172.html>. Aceso em: 13 jan. 2007.

BUTTON collection, about 1935. Disponível em: <http://smithsonianlegacies.si.edu/objectdescription.cfm?ID=50>. Acesso em: 13 jan. 2007.

CARNEIRO, Robert. A base ecológica dos cacicados amazônicos. *Revista de arqueologia/Sociedade de Arqueologia Brasileira*. São Paulo: SAB, n. 20, p. 117-154, 2007.

CASTRO, Eduardo Viveiros de. Imagens da natureza e da sociedade. In: CASTRO, Eduardo Viveiros de. *A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002. p. 317-344.

CHAVES, Paulo. Prefácio. In: NUNES, Benedito (org.). *Amigo Chico, fazedor de poetas.* Belém: SECULT, 2001. p. 10-11.

CHMYZ, Igor (ed.). *Terminologia arqueológica brasileira para cerâmica*. Curitiba: CEPA/UFPR, 1966. (Manuais de Arqueologia v. 2).

_____. *Depoimentos de arqueólogos pioneiros*: Igor Chmyz. Disponível em <http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=arqueologia&id=11>. Acesso em: 15 dez. 2007.

COE, William R.. Environmental limitation on Maya culture: a re-examination. *American Anthropologist*. New Series, v. 59, n. 2, abr., p. 328-335, 1957.

COELHO, Marinilce Oliveira. *O grupo dos novos*. Memórias literárias de Belém do Pará. Belém: EDUFPA/UNAMAZ, 2005. 212 p.

CORREA, Mariza. Dona Heloísa e a pesquisa de campo. *Revista de Antropologia USP*. São Paulo: USP, v. 40, n. 1, p. 11-54, 1997.

COSTA, Angyone. *Introdução à arqueologia brasileira*: etnografia e história. São Paulo: Companhia editora nacional, 1934.

COTTER, Michael; FERNANDEZ, Lionel. *O Brasil na Smithsonian:* um levantamento da presença do Brasil nas coleções da Smithsonian. Washington, D.C., *Smithsonian Institution* [2003?].

CRULS, Gastão. Arqueologia Amazônica. *Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, n° 6, 1942.

CRUZ, Ernesto. *História da Associação Comercial do Pará*. Belém: EDUFPA, 1996. 312 p.

CUNHA, Euclides. *Um paraíso perdido*. Ensaios estudos e pronunciamentos sobre a Amazônia. Rio Branco: Fundação Cultural do Acre, 1998. 287 p.

CUNHA, Osvaldo Rodrigues. 108º aniversário do Museu Paraense Emílio: síntese de sua história. *Revista de Cultura do Pará*. V. 4, n. 16-17, jul./dez., 1974.

_____. *Talento e atitude.* Estudos biográficos do Museu Emílio Goeldi, I. Belém: MPEG, 1989. 160 p.

DERENJI, Jussara. Modernismo na Amazônia. Belém do Pará, 1950 / 70. *Arquitextos* n.17, texto 098. out. 2001. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq000/esp098.asp>. Acessado em: 15 dez. 2007.

DIAS, Adriana Schmidt. Um projeto para a arqueologia brasileira: breve histórico da implementação do PRONAPA. *Revista CEPA*. Santa Cruz do Sul, v. 19, n. 22, p. 25-39, mar. 1995.

_____. Novas perguntas para um velho problema: escolhas tecnológicas como índices para o estudo de fronteiras e identidades sociais no registro arqueológico. *Boletim do Museu Paraense Emilio Goeldi*. Belém: MPEG, v. 2, n. 1, p.59-76, jan./abr., 2007.

DIAS JR., Ondemar. *Contribuições de pesquisas coordenadas pela dra. Betty Meggers para o conhecimento da Arqueologia amazônica*. Um estudo de caso. (Não publicado) – palestra proferida durante II Seminário da Biota Amazônica. Belém, 2006.

DRUMMOND, José Augusto. A história ambiental: temas, fontes e linhas de pesquisa. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 4. p. 177-197, 1991.

EVANS, Clifford. Amazon Archeology: a centennial appraisal. *Atas do Simpósio sobre a Biota Amazônica*. Antropologia. v. 2. 1967.

FAUSTO, Carlos. *Os índios antes do Brasil*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2000.

FERREIRA, Lúcio M. "*Um bando de idéias novas" na arqueologia (1870-1877).* Disponível em: <http://www.dhi.uem.br/publicacoesdhi/dialogos/volume01/vol5_atg4.html>. Acesso em: 05 set. 2006

_____. Vestígios de civilização: O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e a construção da arqueologia imperial (1838-1870). *Revista de História Regional*, v. 4, n.1, 1999. Disponível em: <http://www.uepg.br/rhr/v4n1/lucio.htm>. Acesso em: 27 ago. 2006.

_____. *Arqueología y geoestrategia:* las fronteras imperiales y el uso de las fuentes arqueológicas en Brasil (1838-1877). Disponível em: <http://www.scielo.br/cgi-bin/wxis.exe/iah/scielo/?IsisScript=iah/iah.xis&base=article^dlibrary&fmt=iso.pft&lang=i&nextAction=lnk&indexSearch=AU&exprSearch=FERREIRA,+LUCIO+MENEZES>. Acesso em: 3 ago. 2006.

FIGUEIREDO, Aldrin. Parque da cidade, museu da nação: nacionalismo, modernismo einstituições científicas na Amazônia, 1930-1945. In: FAULHABER, Priscila; TOLEDO, Peter Mann (Coords.). *Conhecimento e fronteira*: história da ciência na Amazônia. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2001. p. 181-204.

_____. Querelas esquecidas: o modernismo brasileiro visto das margens. In: DEL PRIORI, Mary, GOMES, Flávio dos Santos. *Senhores dos rios*: Amazônia, margens e histórias. Rio de Janeiro: Campus, 2003. p. 259-283.

FIGUEIREDO, Napoleão. O arqueólogo Frederico Barata. *Sociologia*. Belém: [s.n.t.], 1963.

FIGUERÔA, Sílvia. Ciências geológicas no Brasil no século XIX. In: FIGUERÔA, Sílvia (org.). *Um olhar sobre o passado*: história das ciências na América Latina. Campinas: UNICAMP; São Paulo: Imprensa Oficial, 2000. p. 163-187

FORD, James A. Cultural Dating of Prehistoric Sites in the Virú Valley, Peru. In Surface Survey of the Virú Valley, Peru. In: FORD, James, WILLEY, Gordon (ed.). *Anthropological Papers*, n. 43, v. 1. American Museum of Natural History, New York, 1949. p. 31-89.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

FUNARI, Pedro Paulo. Brazilians and Romans: colonialism, identities and the role of material culture. Disponível em: <http://godot.unisa.edu.au/wac/pdfs/78.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2006

_____. Desaparecimento e emergência dos grupos subordinados na arqueologia brasileira. *Horiz. antropol.*, Porto Alegre, v. 8, n. 18, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832002000200006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 12 set. 2006.

_____. European archaeology and two brazilian offspring: classical archaeology and art history. *Journal of European Archaeology*, v. 5, n. 2, p. 137-148, 1997. Disponível em: <http://www.unicamp.br/nee/arqueologia/arquivos/historia_antiga/arq_am_sul.htm>. Acesso em: 12 ago. 2006.

_____. *Public archaeology from a Latin American perspective.* Disponível em: <http://www.maea.ufjf.br/arqueologia.html>. Acesso em: 29 jul. 2006

_____. *Teoria arqueológica na América do Sul*. Campinas: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 1998. (Coleção Primeira Versão; 76). Disponível em: <http://www.maea.ufjf.br/Artigos%20Funari/texto4.pdf>. Acesso em: 05 set. 2006.

FUNARI, Pedro Paulo; NOELLI, Francisco Silva. *Pré-História do Brasil*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2005. (Repensando a história).

GADELHA, Regina Maria A. Fonseca. Conquista e ocupação da Amazônia: a fronteira Norte do Brasil. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 16, n. 45, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142002000200005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 06 ago. 2006.

GASPAR, Madu. *Sambaqui*: arqueologia do litoral brasileiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

GOMES, Denise. *Cerâmica Arqueológica da Amazônia*. São Paulo: EDUSP/FAPESP, 2002.

GOODWIN, Christopher; SIMÕES, Mário F.; MAGGIOLO, Marcio Veloz. Clifford Evans, Jr., 1920-1981. *American Anthropologist*, New Series, v. 84, n. 3, Sep., 1982. p. 636-638

GUAPINDAIA, Vera. *Fontes Históricas e arqueológicas sobre os Tapajó*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1993.

_____. *O acervo arqueológico do Museu Paraense Emílio Goeldi*. [S.l.: s. n.], 2003. (Inédito. Cópia avulsa)

GUEDES, Aureliano Lima. Relatório sobre uma missão ethografica e archeologica ao rios Macapá e Anauerá-pucú (Guyana Brazileira), realizada pelo Tenente-Coronel Aureliano Pinto Lima Guedes. *Boletim do Museu Paraense e Historia Natural e Ethnografia*, Belém: Museu Paraense, n. 1, 1896.

GUIDE to the Collections of the National Anthropological Archives. Handbook of South American Indians (1940-1947), records. Disponível em: <http://www.nmnh.si.edu/naa/guide/_h1.htm>. Acesso em: 13 jan. 2007.

GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. Para reescrever o passado como história: o IHGB e a Sociedade dos Antiquários do Norte. In: HEIZER, Alda; VIEIRA, Antonio Passos Videira (orgs.). *Ciência, civilização e império nos trópicos*. Rio de Janeiro: Access, 2001. p. 1-28.

HECKENBERGER, Michael J. O enigma das grandes cidades: corpo privado e Estado na Amazônia. In: NOVAES, (ed.). *A Outra Margem do Ocidente:* Brasil 500 anos: experiência e destino. São Paulo: Cia. das Letras, 1999. p. 125-152.

HILBERT, Klaus. *Cave canem*. Cuidado com os pronapianos! Em busca dos jovens da arqueologia brasileira. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi.* Antropologia. Belém: MPEG, v. 2, n. 1, p. 117-130, jan./abr.2007.

_____. Qual o compromisso social do arqueólogo brasileiro? *Revista de Arqueologia*. São Paulo: SAB, v. 19, p. 89-101, 2007.

HILBERT, Peter Paul. *Contribuição a arqueologia da ilha do Marajó*. Os "tesos marajoaras" do alto Camutins e a atual situação da ilha do Pacoval, no Arari. Belém: Instituto de Antropologia e Etnologia do Pará, 1952. (Publicação n. 5).

_____. Tripods in the lower Amazon. *Anais do Congresso Internacional de americanistas*. São Paulo, v. 31. n. 2, 1955a.

_____. *A cerâmica arqueológica na região de Oriximiná*. Belém: Instituto de Antropologia e Etnologia do Pará, 1955b. (Publicação n. 9).

_____. Contribuição a Arqueologia do Amapá: Fase Aristé. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi.* Nova Série. Antropologia, Belém: MPEG, n. 1, 1957.

_____. Urnas funerárias do rio Cururo, Alto Tapajós. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*. Nova Série. Antropologia, Belém: MPEG, n. 6, 1958.

_____. *Achados arqueológicos num sambaqui no Baixo Amazonas*. Belém: Instituto de Antropologia e Etnologia do Pará, 1959. (Publicação n. 10).

_____. *Archaeologische Urnengraber am Mittleren Amazonas*. Marburger Studien zur Volkerkunde, n. 1. Belim: , 1968

_____. *Aventura na Amazônia.* São Paulo: Melhoramentos, 1969.

HILBERT, Peter Paul; HILBERT, Klaus. *Um rio para o El Dorado*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005. 212 p.

HIRSHBERG, Richard; HIRSHBERG, Joan F. Meggers's law of environmental limitation on culture. *American Anthropologist.* n. 59, p. 890-891, 1957.

HOBSBAWM, Eric. *A era dos extremos*. o breve século XX : 1914-1991. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. 598p.

_____. Todo povo tem história. In: *Sobre História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 185-192.

LATOUR, Bruno. *Ciência em ação*. Como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora. São Paulo: UNESP, 2000.

_____. *Jamais fomos modernos*: ensaio de antropologia simétrica. Rio de Janeiro : Editora 34, 1994. 149 p.

LE GOFF, Jacques. Memória. In: *História e memória*. Campinas: UNICAMP, 1990. p. 423-483.

_____. Documento/Monumento. In: *História e memória*. Campinas: UNICAMP, 1990. p. 535-553.

LENOBLE, Robert. Da noção de "natureza" do século XVI ao século XVIII. In: *História da idéia da natureza*. Lisbos: Edições 70, 1990. 367 p. p. 186-200.

LIMA, Tânia Andrade. Teoria arqueológica em descompasso no Brasil: o caso da arqueologia darwiniana. *Revista de Arqueologia*. São Paulo: SAB, n. 19, p. 125-141, 2006.

LINHARES, Maria Yedda. Entrevista com Maria Yedda Linhares. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 216-236, 1992. Entrevista concedida a Marieta de Moraes Ferreira. Disponível em: <http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/105.pdf>. Acesso em: 02.04.2008.

LOPES, M. M. *O Brasil descobre a pesquisa científica*: os museus e as ciências naturais no século XIX. São Paulo: HUCITEC. 1997.

LOWIE, Robert. Erland Nordenskiold. *American Anthropologist*, v.35, n. 1, jan./mar., p. 158-164, 1933.

_____. The tropical forests: an introduction. In: STEWARD, Julian H. (ed.). *Handbook of South American Indians*. Tropical forest tribes. (Bureau of American ethnologists. Bulletin 143). Washington: *Smithsonian Institution*, 1948. V. 3, p. 1-43.

MACHADO, Ana Lúcia da Costa. *As tradições ceramistas da bacia Amazônica: uma análise crítica baseada nas evidências arqueológicas do médio rio Urubu (AM).* Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Pernambuco, Recife; 1991.

MAGALHÃES, Marcos Pereira. *O tempo arqueológico*. Belém: MPEG, 1993.

MAGALHÃES, Rodrigo César da Silva. *Desenvolvimento, ciência e política*: o caso do Instituto Internacional da Hiléia Amazônica (1946-1951). Dissertação (Mestrado). COC/FIOCRUZ, Rio de Janeiro, 2006.

MAIA, Maíra Oliveira. *A existência humana no Suplemento Literário da Folha do Norte Arte Literatura*. Monografia (Especialização). Universidade Federal do Pará, Belém, 2007.

MAIO, Marcos Chor. A tradução local de um projeto internacional: a Unesco, o CNPq e a criação do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (1946-1952). In: FAULHABER, Priscila; TOLEDO, Peter Mann (Coords.). *Conhecimento e fronteira*: história da ciência na Amazônia. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2001. p. 51-81.

MARTIN, Gabriela. De nômades a sedentários na floresta tropical. In: PESSIS, Anne-Marie; GUIDON, Niede; MARTIN, Gabriela (Org.). *Antes*: Histórias da Pré-história. São Paulo: Centro Cultural Banco do Brasil, 2004, p. 70-77.

MARTINS, Max. Por ouvir dizer. In: NUNES, Benedito (org.). *O amigo Chico, fazedor de poetas*. Belém, SECULT, 2001. p. 75-77

MARTIUS, K. F. Como se deve escrever a historia do Brasil. *Revista Trimensal de História e Geografia ou Jornal do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.* Rio de Janeiro, v. 6, p.389-411, 1845.

MARX, Karl. *O Capital:* Crítica da economia política. O processo de produção do capital. V. 1. 13ª ed. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1989.

MAUÉS, Raymundo Heraldo. Memória da antropologia da Amazônia ou Como fazer ciência no "paraíso dos etnólogos". In: *Uma outra "invenção" da Amazônia*. Belém: CEJUP, 1999. p. 27-54.

MEGGERS, Betty J. The Beal-Steere collection of pottery from Marajo Island, Brazil. Reprinted from papers of the Michigan Academy of Science, Arts and Letters, V. XXXI, 1947.

_____. The Archaeology of the Amazon Basin. In: STEWARD, Julian H. (ed.). *Handbook of South American Indians.* Tropical forest tribes. (Bureau of American Ethnology. Bulletin 143). Washington: *Smithsonian Institution*, 1948.

_____. Environmental Limitation on the Development Culture. *American Anthropologist*, nº56, 1954. p. 801-824.

_____. Environmental limitations on Maya culture: a reply to Coe. *American Anthropologist.* New series, v. 59, n. 5, out. 1957. p. 888-890.

_____(ed.). *Evolution and Anthropology*: A Centennial Appraisal American Anthropologist. Washington: Anthropological Society of Washington, 1959.

_____. Review of The Archaeology of Lower Tapajó Valley, Brazil by H. C. Palmatary. *American Anthropologist*, n. 62, p. 1104-1105, 1960.

_____. *Amazonia*: Man and culture in a counterfeit paradise. Harlan Davidson, Arlington Heights, 1971.

_____. *Amazônia*: a ilusão de um paraíso. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1976.

_____. Advances in Brazilian Archeology, 1935-1985. *American Antiquity.* Society for American Archaeology, v.50, n. 2, 1985.

_____. O Paraíso ilusório revisitado. *Rev. do Museu Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, n. 8, p 33-55, 1998.

_____. The continuing quest for El Dorado: round two. *Latin American Antiquity*, v. 12, n. 3, p. 304-325, sep. 2001.

MEGGERS, Betty; EVANS, Clifford. Review of The Pottery of Marajó Island, Brazil by Helen C. Palmatary. *American Anthropologist*, New Series, v. 53, n. 3, .p. 396-398, Jul./Sep., 1951.

_____. *Archaeological investigations at the mouth of the Amazon*. (Bureau of American. Ethnology, n. 167). Washington, D.C.: *Smithsonian Institution,* 1957. 664 p.

_____. *Archaeological investigations in British Guyana*. Washington, D.C.: *Smithsonian Institution,* 1960.

_____. *Como interpretar a linguagem cerâmica*. Manual Para Arqueólogos (Método quantitativo para estabelecer cronologias culturais). Washington: *Smithsonian Institution*, 1970.

_____. *A reconstituição da pré-história amazônica: algumas considerações teóricas*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1973. (Publicações Avulsas, 20). p. 51-69.

MEGGERS, Betty.; EVANS, Clifford. ESTRADA, Emílio. *Early formative period. Of coastal Ecuador*: the valdivia and machalilla phases. Washington: United States Government Printing Office, 1965. 234 p. e 196 plates.

MEGGERS, Betty, et. all. Arqueologia Brasileira em 1968. Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1969. p. 3-40. (Publicações Avulsas. n.12).

MENDES, Armando Dias Mendes. *Cidade transitiva:* rascunho de recordância e recorte da saudade de Belém. Belém: Imprensa Oficia do Estado, 1998.

MENDONÇA DE SOUZA, Alfredo. *Dicionário de Arqueologia.* Rio de Janeiro: ADESA, 1997.

MORA, José Ferrater. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

MORÁN, Emílio. *A ecologia humana das populações da Amazônia*. Petrópolis: Vozes, 1990.

MORGAN, Lewis Henry. *A sociedade primitiva*. Lisboa: Presença, 1973. V. 1.

NEVES, Eduardo. Village fissionning in Amazônia: A critique of monocausal determinism. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, n. 5, p. 195-209, 1995.

_____. O velho e o novo na arqueologia Amazônica. *Revista USP:* Dossiê Antes de Cabral: Arqueologia Brasileira I, São Paulo, v. 44, p. 86-111, dez./ jan., 1999/2000a.

_____. Duas interpretações para explicar a ocupação humana na Amazônia. In: TENÓRIO, Maria Cristina (Org.). *Pré-história da Terra Brasilis*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000b. p. 359-370.

_____. Hiatos rupturas e continuidades na arqueologia amazônica. In: CONGRESSO DA SAB, 13., 2005, Campo Grande. *Resumos*... Campo Grande: SAB, 2005. p. 133.

_____. Por que não tem pirâmides na Amazônia? In: POR ti América: aventura arqueológica: depoimentos [CD-ROM] / Idealização, concepção e desenho expositivo Alex Peirano Chacon; Curadoria Marcia Arcuri [Equipe de pesquisadores: Helena Bomeny,Coordenadora ; Adelina Alves Cruz...[et al]. Rio de Janeiro: Centro Cultural Banco do Brasil/CPDOC, 2006a.

_____. *Arqueologia da Amazônia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006b.

NIMUENDAJU, Curt. Os tapajó. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*. Belém: MPEG, v. 10, p. 93-106, 1949.

_____. *Mapa etno-histórico de Curt Nimuendajú*. Rio de Janeiro: IBGE, 1981.

NOELLI, Francisco Silva; FERREIRA, Lúcio Menezes. A persistência da teoria da degeneração indígena e do colonialismo nos fundamentos da arqueologia brasileira. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos.* Rio de Janeiro, v.14, n.4, p.1239-1264, set./dez, 2007.

NUNES, Benedito. *Prefácio*. Max Martins, Mestre-Aprendiz. In: MARTINS, Max. *Não para consolar*. Belém: CEJUP, 1992. p. 17-43.

_____. Francisco Paulo Mendes, para além da crítica literária. In: NUNES, Benedito (org.). *O amigo Chico, fazedor de poetas*. Belém, SECULT, 2001. p. 15-25.

OLIVEIRA, Carlos Estevão de. A cerâmica de Santarém. *Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.* 3: 6-33, Rio de Janeiro: 1939.

OLIVEIRA, José Coutinho de. Lendas Amazônicas. In: CASCUDO, Luís da Câmara. *Geografia dos mitos brasileiros*. Rio de Janeiro, [s.n.], 1947.

_____. *Folclore amazônico, lendas...* Belém: São José, 1951.

_____. *Folclore amazônico II*. Sentenças populares e advinhas. Belém: Imprensa Universitária, 1965.

PAES, José Paulo. Nota liminar. In: RILKE, Rainer Maria. *Poemas*. São Paulo: Cia. das Letras, 1993. p. 9-10.

PALMATARY, Helen Constance. Tapajo Pottery. *Etnologiska Studier*. v. 8, 1939.

_____.The Pottery of Marajo Island, Brazil. *Transactions of the American Philosophical Society*. v. 39, n. 3, 1950. (New Serie)

_____.The archaeology of Lower Tapajós Valley, Brazil. *Transitions of American Philosophical Society.* Philadelphia, v. 50, n. 10, 1960. (New Serie).

_____. Concerning Tapajó Pottery: In Reply to a Review. *American Anthropologist*, New Series, v. 63, n. 6, pp. 1333-1334, dec., 1961.

PEDROSA, Tatiana de Lima. *Arqueologia e interpretação: criação de dois modelos arqueológicos para a Amazônia*. Dissertação (Mestrado em História) – PUC-RS. Porto Alegre, 2008.

PEREIRA, Edithe. *Arte Rupestre na Amazônia – Pará*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi; São Paulo: UNESP/MPEG, 2003.

POPSON, Colleen. First lady of Amazonia. *Archaeology*, v. 56, n. 3. may/jun. 2003. Disponível em: <http://www.archaeology.org/0305/abstracts/meggers.html>. Acesso em: 29 jul. 2006.

PROUS, André. *Arqueologia Brasileira*. Brasília: UNB, 1992.

_____. *O Brasil antes dos brasileiros:* a pré-história do nosso país. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006. 141 p.

RAUBER, Renata. Um novo olhar para a arqueologia da Amazônia: relação entre argumento e conclusão. In: *Anais* Congresso Internacional da SAB, 1.; Congresso da SAB, 14.; Encontro do IPHAN e arqueólogos, 3. Florianópolis: SAB, 2007.

REIS, José Alberione. *Não pensa muito que dói*: um palimpsesto sobre teoria na Arqueologia brasileira. 2004. Tese (Doutorado) – Unicamp, Campinas, 2004.

_____. Das condições de possibilidade da teoria em arqueologia: do implícito e do explícito na arqueologia brasileira. In: FUNARI, Pedro Paulo, et. al. (Org.). *Identidades, discurso e poder*: estudos da arqueologia contemporânea. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2005. p. 211-237.

_____. *Prolegômenos sobre a teoria na arqueologia*. Disponível em: <http://www.dhi.uem.br/publicacoesdhi/dialogos/volume01/vol06.htm>. Acesso em: 03 set. 2006.

REIS, José Paulo. Nota liminar. In: RILKE, Rainer Maria. *Poemas*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1993. p. 9-10.

RENFREW, Colin; BAHN, Paul. *Archaeology*: theories, methods and practice. 4. ed. Londres: Thames and Hudson. 2004.

ROBRAHAN-GONZALES, Érika Marion. Arqueologia em perspectiva: 150 anos de prática e reflexão no estudo de nosso passado. *Revista USP* (antes de Cabral: arqueologia brasileira I). N. 44. São Paulo: USP, dez.-jan.-fev., 1999-2000.

ROCQUE, Carlos. *Grande enciclopédia da Amazônia*. V. 1. Belém: AMEL, 1967.

_____. *A História de A Província do Pará*. Belém: mitograph, 1976.

ROOSEVELT, Anna C. *Parmana*: Prehistoric Maize and Manioc Subsistence along the Amazon and Orinoco. Academic Press, NY. 1980.

_____. Lost Civilizations of the Lower Amazon. *Natural History*. February 1989:74-83. 1989.

_____. Determinismo ecológico na interpretação do desenvolvimento social indígena da Amazônia. In: NEVES, W. (Org.). *Origens, adaptações e diversidade biológica do homem nativo da Amazônia*. Belém: MPEG/CNPq, 1991. p. 103-142.

ROOSEVELT, Anna C., R.A. Housley, M. Imazio da Silveira, S. Maranca, and R. Johnson. Eighth Millennium Pottery from a Prehistoric Shell Midden in the Brazilian Amazon. *Science* 1991, 254:1621-1624.

ROSA, Cássia. *Contribuição para história da arqueologia na Amazônia:* um estudo histórico e arqueológico das coleções Townsend e Frederico Barata do Museu Paraense Emílio Goeldi (1950-1960). Monografia (Graduação) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2004.

_____. *Análise e descrição dos fragmentos cerâmicos da coleção Frederico Barata: uma proposta de catálogo*. Relatório Final (Bolsa de pesquisa PCI/DTI/CNPq/MPEG). Belém, 2006.

SALDAÑA, Juan José. Ciência e identidade cultural: história da ciência na América Latina. In: FIGUERÔA, Sílvia F. de M. (org.).*Um olhar sobre o passado*: história das ciências na América Latina. Campinas, SP: Editora da UNICAMP; São Paulo: Imprensa Oficial, 2000. p. 163-187.

SANJAD, Nelson. Bela Adormecida entre a vigília e o sono: uma leitura da historiografia do Museu Paraense Emílio Goeldi, 1894-2000. In: FAULHABER, Priscila; TOLEDO, Peter Mann (Coords.). *Conhecimento e fronteira*: história da ciência na Amazônia. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2001. p. 113-146.

_____. A 'simpatia do povo' pelo Museu Paraense: raízes históricas. *Musas - Revista Brasileira de Museus e Museologia*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 171-174, 2006.

SARGES, Maria de Nazaré. *Belém*: Riquezas produzindo a Belle-Époque (1870-1912). Belém: Paka Tatu, 2000.

SCHAAN, Denise P. *A linguagem iconográfica da cerâmica marajoara*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997. 207 p.

_____. Dados inéditos do Projeto Marajó (1962-1965). *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*. São Paulo: USP, 2000.

_____. *The Camutins chiefdom: rise and development of complex societies on Marajó island, brazilian Amazon*. Tese (Doutorado) – Universidade de Pittsburgh, Pittsburgh, 2004.

_____. Uma janela para a história pré-colonial da Amazônia: olhando além – e apesar – das fases e tradições. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*. Antropologia. Belém: MPEG, v. 3, p. 27-39, 2007.

SCHAAN, Denise P.; SILVA, Wagner F. V. O povo das águas e sua expansão territorial: uma abordagem regional de sociedades précoloniais na ilha de Marajó. *Revista de Arqueologia.* São Paulo: SAB, n. 17, p. 13-32, 2004.

SENA JUNIOR, José Maria. As representações zoomorfas: sua importância na cultura Santarém. In: SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 7., 2002, Belém. *Livro de resumos*. Belém: MPEG/CNPq, 2000.

SILVA, Fabíola. O significado da variabilidade artefatual: a cerâmica dos Assurini do Xingu e a plumária dos Kayapó-Xikrin do Cateté. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*. Antropologia. V. 3. Belém: MPEG, 2007.

SILVA, João Mendes. Mestre e amigo. In: NUNES, Benedito (org.). *O amigo Chico, fazedor de poetas*. Belém, SECULT, 2001. p. 46-49.

SIMÕES, Mário. As pesquisas arqueológicas no Museu Paraense Emílio Goeldi (1870-1981). *Acta Amazônica.* Manaus, v. 11, n.1, p. 149-165, 1981.

SIMÕES, Mário. ARAUJO-COSTA, Fernanda. *Áreas da Amazônia Legal Brasileira para pesquisa e cadastro de sítios arqueológicos.* Belém: MPEG, 1978. (Publicações Avulsas, n. 30).

SMITHSONIAN Institution. *Annual report of the board of regents of the Smithsonian Institution, showing the operations, expenditures, and condition of the institution for the year ended June 30 1947*. Publication 3921. Washington: US Government printing office, 1948. p. 60-64.

SPINOSA, Vanessa. *Pela navalha*. Cotidiano, moradia e intimidade (Belém 1930). Dissertação (Mestrado) – PUC-SP, São Paulo, 2005.

STEWARD, Julian Haynes. *Handbook of South American Indians*. (Bureau of American Ethnology). Washington: *Smithsonian Institution*, 1946-1956.

_____. Introduction. In: STEWARD, Julian H. (ed.). *Handbook of South American Indians.* The marginal tribes. (Bureau of American Ethnology). Washington: *Smithsonian Institution*, 1946. V. 1.

_____. Cultural areas of the tropical forests. In: STEWARD, Julian H. (ed.). *Handbook of South American Indians.* Tropical forest tribes. (Bureau of American Ethnology). Washington: *Smithsonian Institution*, 1948. V. 3

_____. Part 4. South Americans cultures: an interpretative summary. In: STEWARD, Julian H. (ed.). *Handbook of South American Indians.* The comparative ethnology of South American Indians. Washington: *Smithsonian Institution*, 1949. p. 669-772. V. 5.

_____. A população nativa da América do Sul. *Revista de arqueologia e etnologia da USP*. N. 10. São Paulo: USP, 2000. p. 303-315.

STRONG, William, EVANS, Clifford. *Cultural stratigraphy in the Viru Valley, northern Peru*. New York: Columbia University Press, 1952. 374 p.

TRIGGER, Bruce. *História do pensamento arqueológico*. São Paulo: Odysseus, 2004. 478 p.

TRINDADE JR., Saint-Claire Cordeiro da. *Produção do espaço e uso do solo urbano em Belém*. Belém: UFPA/NAEA, 1997.

TORRES, Heloísa Alberto. Contribuição para o estudo da proteção ao material arqueológico e etnográfico no Brasil. *Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde/Brasil, 1938.

_____. *Arte indígena na Amazônia*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde/Brasil, 1940. (Publicações do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, n. 60).

WILLEY, Gordon. *Prehistoric settlement patterns in the Viru Valley, Peru*. (Bureau of American Ethnology, Bulletin 155). Washington: US Government printing office, 1953.

WILLEY, Gordon; PHILLIPS, Phillip. *Method and Theory in American Archaeology.* Chicago: University of Chicago Press, 1958.

WILLEY, Gordon; SABLOFF, Jeremy. *A history of American archaeology*. San Francisco: W. H. Freeman and company, 1974.

WILLEY, Gordon; PHILLIPS; Phillip; FORD, James A. *Archaeological Survey in the Lower Mississippi Valley, 1940-1947*. Cambridge, Mass.: Harvard University.1951. *(*Papers of the Peabody Museum of American Archaeology and Ethnology, v. 25).

WOLF, Eric. *Antropologia e poder*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado: Editora da Unicamp, 2003.

_____. Uma autobiografia intelectual. In: WOLF, Eric. *Antropologia e poder*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado: Editora da Unicamp, 2003.

WORSTER, Donald. Doing environmental history. In: WORSTER, D. (Ed.). *The ends of the Earth-perspectives on modern environmental history*. Cambridge: Cambridge University Press, 1988. p. 289-263.

ANEXOS

ANEXO 1 - “REGRAS METODOLÓGICAS” POR BRUNO LATOUR

Regra 1 – Estudamos a ciência em ação, e não a ciência ou a tecnologia pronta; para isso, ou chegamos antes que fatos e máquinas se tenham transformado em caixas-pretas, ou acompanhamos as controvérsias que as reabrem

Regra 2 – Para determinar a objetividade ou subjetividade de uma afirmação, a eficiência ou a perfeição de um mecanismo, não devemos procurar as qualidades intrínsecas, mas por todas as transformações que ele sofre depois, nas mãos dos outros.

Regra 3 – Como a solução de uma controvérsia é a causa da representação da Natureza, e não sua conseqüência, nunca podemos utilizar essa conseqüência, a Natureza para explicar como e por que uma controvérsia foi resolvida.

Regra 4 – Como a resolução de uma controvérsia é a causa da estabilidade da sociedade, não podemos usar a sociedade para explicar como e por que uma controvérsia foi dirimida. Devemos considerar simetricamente os esforços para alistar recursos humanos e não-humanos.

Regra 5 – Com relação àquilo de que é feita a tecnociência, devemos permanecer tão indecisos quanto os vários atores que seguimos; sempre que se constrói um divisor entre interior e exterior, devemos estudar os dois lados simultaneamente e fazer uma lista (não importa se longa e heterogênea) daqueles que realmente trabalham.

Regra 6 – Diante da acusação de irracionalidade, não olhamos para que regra da lógica foi infringida nem que estrutura social poderia explicar a distorção, mas sim para o ângulo e a direção do deslocamento do observador, bem como para a extensão da rede que assim está sendo construída.

Regra 7 – Antes de atribuir qualquer qualidade especial à mente ou ao método das pessoas, examinemos os muitos modos como as inscrições são coligidas, combinadas, interligadas e devolvidas. Só se alguma coisa ficar sem explicação é que devemos começar a falar em fatores cognitivos.

LATOUR, Bruno. *Ciência em ação:* Como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora. Rio de Janeiro: Editora UNESP, 2000.

ANEXO 2 – PESSOAS ENTEVISTADAS

Ana Lúcia Machado – Área de formação acadêmica: História. Começou como estagiária no MPEG. Participou do PRONAPA e trabalhava diretamente com Mário Simões.

Daniel Florêncio Frois Lopes – Área de formação acadêmica: Geografia. Entrou no MPEG com funcionário administrativo em 1965. Trabalhava diretamente com Mário Simões. Participou do PRONAPA e PRONAPABA.

Fernanda Jalles de Araújo Costa – Área de formação acadêmica: Geologia. Começou como estagiária no IAB. Após terminar a graduação e de trabalhar um curta temporada no Mato Grosso, foi trabalhar no MPEG com Mário Simões e participou do PRONAPA e PRONAPABA.

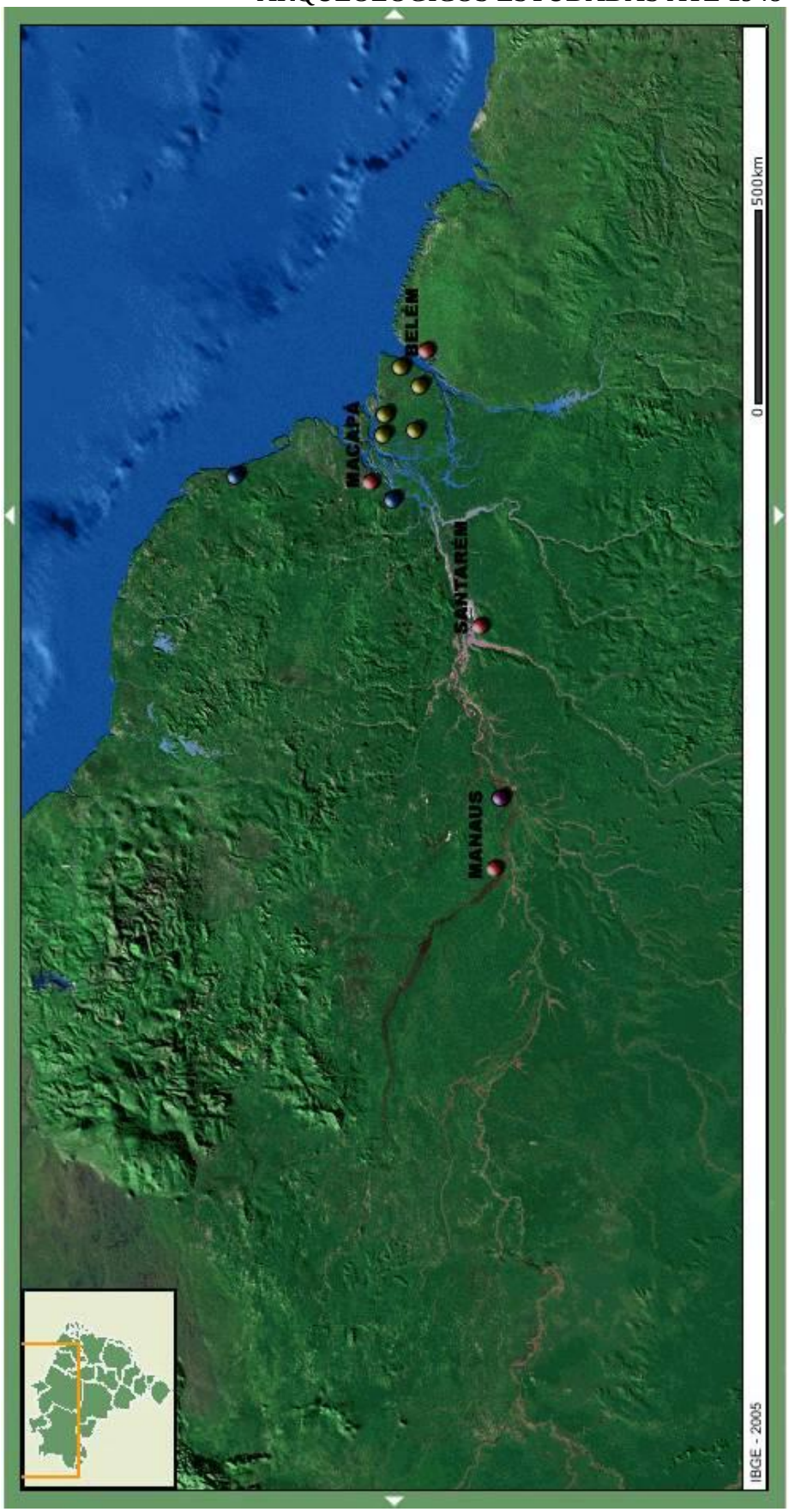
Marcos Pereira Magalhães – Área de formação acadêmica: Geologia. Começou como estagiário no IAB. Após terminar a graduação foi trabalhar no MPEG. Não integrou a equipe do PRONAPABA, quando foi trabalhar na instituição o programa já tinha chegado ao fim.

Mauro Vianna Barreto – Área de formação acadêmica: História. Começou como estagiário do MPEG. Não participou do PRONAPA, nem PRONAPABA.

Ondemar Ferreira Dias Júnior – Área de formação acadêmica: História e Geografia. Começou como estagiário do IAB. Participou de cursos no CEPA e era um dos arqueólogos responsáveis durante o PRONAPABA.

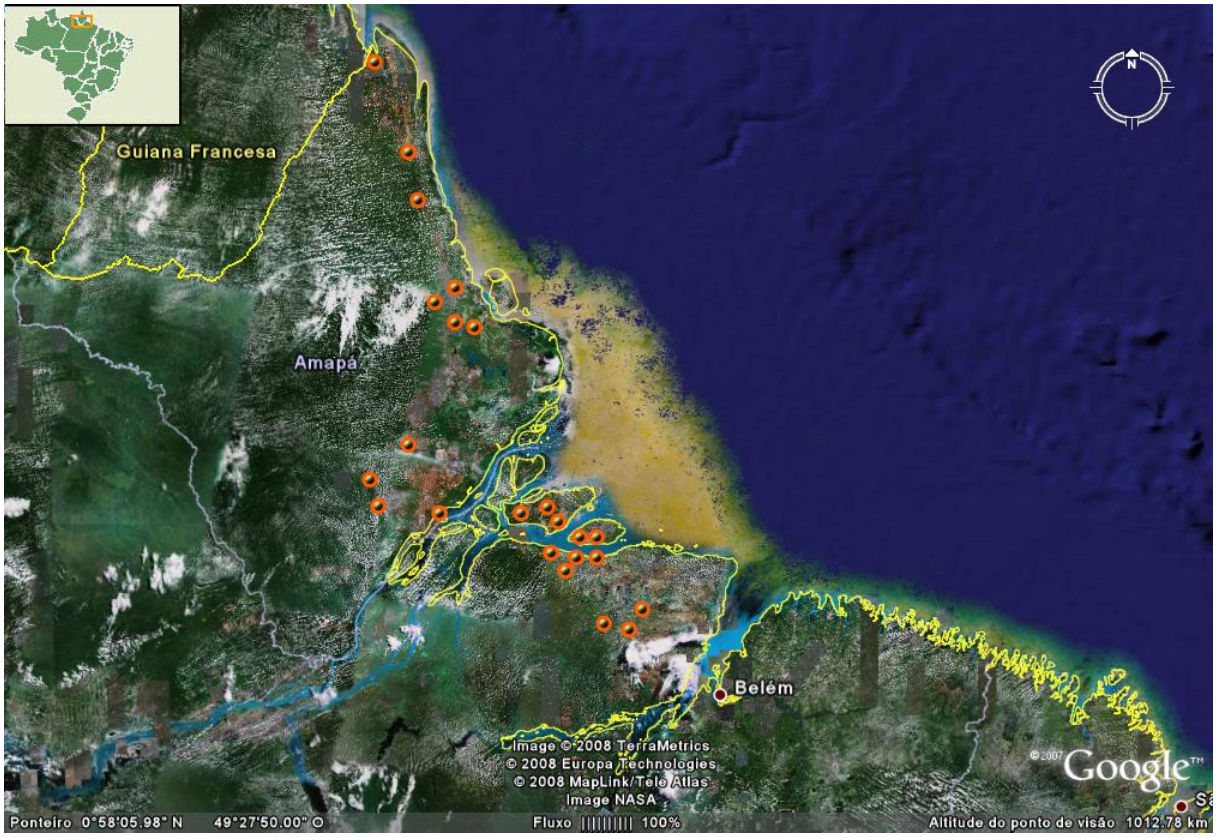
Samuel Maria de Amorim Sá – Área de formação acadêmica: Ciências Sócias. Trabalhou no MPEG. Antropólogo orientado por Charles Wagley e manteve contato com alguns arqueólogos.

ANEXO 3 – MAPA INDICANDO LOCALIZAÇÃO DAS ÁREAS COM SÍTIOS ARQUEOLOGICOS ESTUDADAS ATÉ 1948



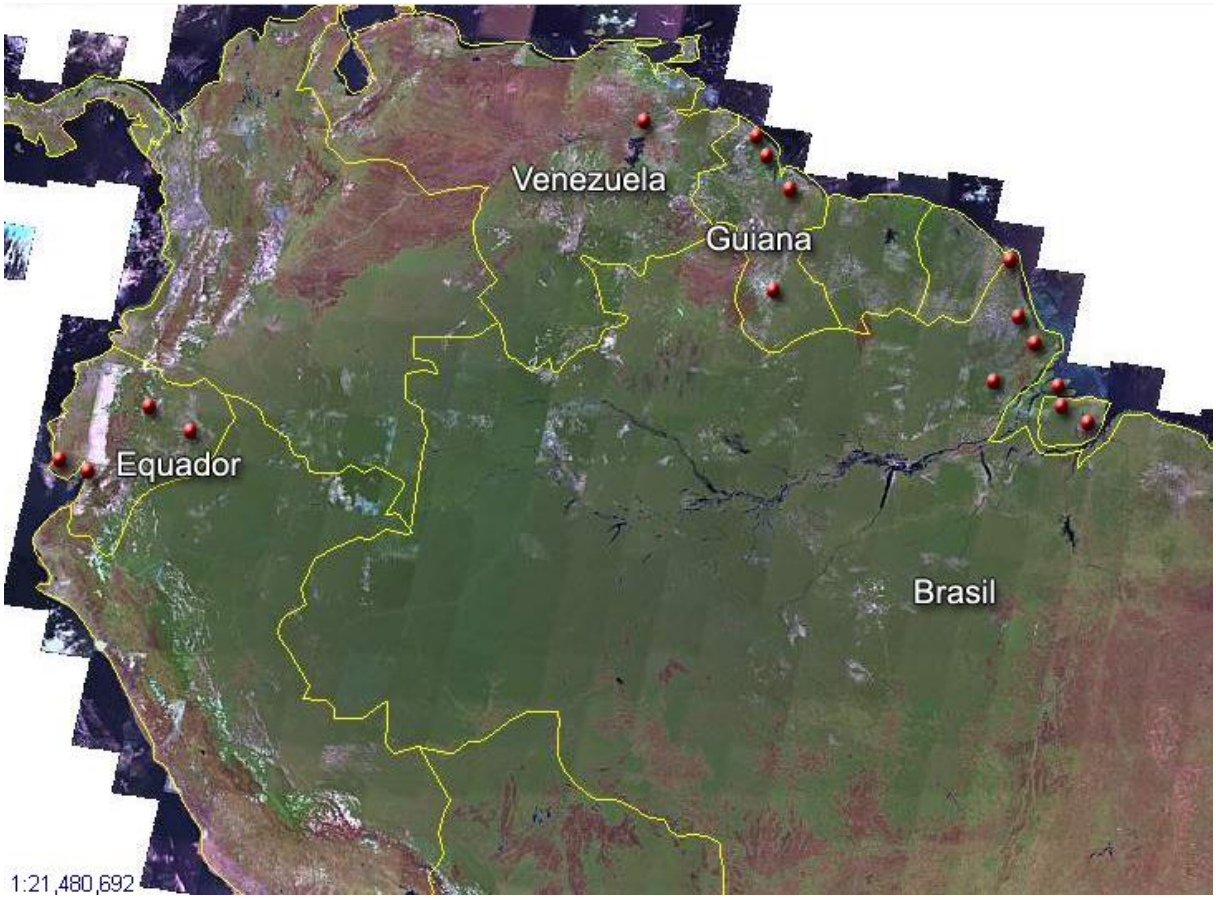
Mapa elaborado pela autora a partir de dados de Barreto (1992) e IBGE (2006) disponível em http://www.ibge.gov.br/mapas

ANEXO 4 – MAPA DAS ÁREAS ESCAVADAS POR MEGGERS E EVANS (1948-1949)



Mapa elaborado pela autora a partir de dados em Meggers e Evans (1957) com imagens obtidas no *software* Google Earth. Os pontos em destaque indicam as áreas que foram escavadas durante as etapas de campo de 1948-1949.

ANEXO 5 – MAPA INDICANDO AS ÁREAS ESCAVADAS POR MEGGERS E EVANS NA AMAZÔNIA



Mapa elaborado pela autora a partir de dados em Meggers e Evans (1957) com imagens do Sistema de Proteção da Amazônia (SIPAM) disponível em: <http://www2.sipam.gov.br/geonetwork/srv/br/main.home>.
Os pontos em destaque indicam as áreas que foram escavadas durante as etapas de campo de 1948-1965.